

A incursão de Honório Lemes em Missões

*(Ampliação dessa parte do trabalho "A
Revolução Riograndense de 1923, aparecido na
"Revista" do 2.º trimestre de 1940).*

Celso M. Schröder

Passagem do rio Ibicuí: Honório se dirigiu da serra de Caverá (onde já se achava em 27 de Setembro) ao passo do Catarina, onde, a-pesar-da enchente, transpôs o rio Ibicuí em pequenas embarcações e uma balsa, indo acampar no lugar denominado Apertados.

Enquanto sua vanguarda, que havia varado o rio na véspera, investia a vila de São Francisco de Assis, era a retaguarda rebelde, sob o comando do coronel Teodoro de Paiva Menezes (que tinha sob **suas ordens** as forças de Quaraí e Uruguaiana, dirigidas pelos tenentes coronéis Joaquim Bueno Ayres e Domingo Alves da Cunha), atacada por forças da Brigada Militar, vindas de Alegrete e Rosário. Um contingente de infantaria foi ao outro lado do passo proteger a retaguarda, enquanto o resto da coluna revolucionária terminava a passagem do rio.

Depois de terminada esta, a hoste governista atacou novamente o passo, tendo os revoltosos 3 feridos, e às 15 horas a coluna de Honório levantou acampamento e foi fazer junção com a vanguarda na vila de São Francisco de Assis.

A retaguarda do general insurgente disputou a passagem do rio Ibicuí às forças da Legalidade. No dia 2 o tenente Firmiano Rodrigues combateu em Jacaquá uma força do governo e o tenente-coronel Mingote da Cunha fez frente, no passo do Catarina, aos tenentes-coronéis Amadeu Massot e Leopoldo Ayres de Vasconcelos, luta esta que se prolongou pelos dias 3 e 4.

Combate e tomada de São Francisco de Assis: A supracitada vanguarda revolucionária, de 600 homens, era composta da brigada de Dom Pedrito (coronel Octaviano Fernandes), do regimento Vasco Alves (major Aldemar Alves Pereira) e da 3.^a brigada (coronel Hortêncio Rodrigues) e cercou a vila às 23 horas de 1.^o de Outubro, tomando posição, a oeste, entre a Usina Elétrica e o Cemitério, a brigada de Dom Pedrito e os elementos do município invadido chefiados pelo tenente-coronel Mallet dos Santos; ao norte, dominando a “Vila Italiana”, o regimento Vasco Alves e parte da 3.^a brigada comandada pelo major Pimba Haygert; a leste e sul, sobre a ponte de Inhaçundá e imediações, o corpo expedicionário do tenente coronel Democratino Silveira e forças da 3.^a brigada, dirigidas pelo tenente coronel Policarpo Pinto Neto e capitães Paulo e Teodoro Lara.

Não tendo dado resultado uma intimação de rendição, dirigida pelo secretário da coluna revolucionária major Aníbal de Barros Casal ao prefeito municipal Dr. Carlos de Oliveira Gomes, que dispunha de 200 homens, apoiados no edifício da prefeitura, praça pública, igreja e prédios particulares, existindo valos em semicírculo nas bocas das ruas e centro da praça, além de cercas de arame farpado, teve início o combate ao amanhecer do dia 2, comandando o ataque o coronel Hortêncio Rodrigues.

O tenente-coronel Júlio Ruas assestou uma metralhadora no telhado de uma casa, o regimento Vasco Alves desalojou os defensores das trincheiras e a brigada de Dom Pedrito levou-os de vencida, encerrando-os no edifício da Municipalidade, onde se renderam. Duas horas e 40 minutos de valente defesa fez a guarnição governista, dirigida pelo seu bravo chefe, que pereceu na luta.

Tiveram os governistas 25 mortos, entre os quais se contava o prefeito Dr. Carlos de Oliveira Gomes, o delegado de polícia major Estêvão Brandão e os subprefeitos do 1.^o e 3.^o distritos João Manoel Marques e Elpídio Marques; 28 feridos, entre eles o subprefeito do 5.^o distrito Herculano Pires; 64 prisioneiros, em cujo número estavam o juiz distrital Otávio Gomes e o escrivão do crime Azambuja Cidade. Os mortos foram recolhidos à Igreja Matriz e os prisioneiros postos em liberdade, depois de se comprometerem, por escrito, a não continuar empunhando armas contra a revolução.

Em poder dos vencedores caíram 3 bandeiras nacionais, 12.000 tiros, 463 cavalos (sendo 63 encilhados), 33 espadas, 28 revólveres, 142 carabinas e 300 fardos de alfafa. Tiveram 10 mortos, entre os quais o tenente coronel Trajano Rodrigues de Vargas, o capitão Manoel Dorneles da Cunha e os tenentes Miranda e Telésforo Ritter, todos de Dom Pedrito, e 17 feridos.

No dia seguinte prosseguiu Honório a sua marcha, ficando um piquete na vila, enquanto uma comissão, dirigida pelo coronel João Baptista Luzardo, arrecadava impostos e contribuição de guerra, num total de Rs. 187:000\$000.

A "*Brigada Missioneira*": Depois da tomada de São Francisco de Assis, recebeu Honório o auxílio de elementos de São Borja e Santiago do Boqueirão, que em número de 200 homens e sob a denominação de "*Brigada Missioneira*", se lhe reuniram no arroio Santa Rosa, município de São Francisco de Assis, no dia 2. Essa brigada era comandada pelo coronel Mário Alves Garcia, de 24 anos de idade, que tinha como assistente o tenente-coronel Dinarte R. Dorneles e comandantes do 1.º e 2.º corpos os majores Bolivar Pinto e Aladin Pinto. Dorneles comandava elementos de São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo e São Borja.

Do ponto da junção, dirigiu-se a coluna sobre Santiago, afim de impedir que o corpo provisório que se achava nessa vila se retirasse para Jaguarí, mas tendo o capitão Caetano Dorneles, que chefiava o piquete da frente, comunicado que dois dias antes a força governista a abandonara por ter sido cientificada da passagem de Honório no passo do Catarina e da tomada de São Francisco de Assis, o coronel Mário Alves ocupou Santiago no dia 4, tendo, na mesma data, entrado uma força rebelde na vila de Jaguarí.

No dia 5 o coronel Mário Garcia, com a "*Brigada Missioneira*", prosseguiu marcha, de Santiago para Chica Corrêa e fazenda de Taquarenbó (Januário Chagas), indo transpor o rio Camaquã no passo das Turmas e acampar no dia 6 no campo de Teófilo Pereira, 3.º distrito de São Luiz Gonzaga.

Verificou-se no dia 6 a entrada do próprio Honório em Santiago, enquanto Flores da Cunha atingia São Francisco de Assis nesse dia e Santiago três dias depois.

No dia seguinte, 7, prosseguiu a divisão de Honório a sua marcha e a noite fragmentou-se em duas colunas, seguindo a 1.ª e 4.ª brigadas, dos coronéis Virgílio Gonçalves Vianna e Octaviano Fernandes, pela margem esquerda do rio Camaquã em direção à ponte de Passo Novo, e o restante da divisão, sob o comando do próprio general, avançou entre a margem direita daquele flúmen e o rio Piratiní, no intuito de impedir a junção do corpo provisório de São Luiz Gonzaga com a guarnição de São Borja.

Do campo de Teófilo Pereira moveu-se a "*Brigada Missioneira*" no dia 7 para os campos de Porfírio Pereira e Biguá, de onde seguiu o major Aladin Pinto em procura do coronel Virgílio Gonçalves Vianna, que andava no campo de São Gabriel, perto de São Borja.

Este chefe revolucionário havia partido, com a 1.ª brigada, do campo de João Evangelista Dornelles no dia 7, com ordem do general Honório de se reunir à brigada de Dom Pedrito (coronel Octaviano Fernandes), que levava um dia de marcha.

Depois de passar na vila de Santiago e no campo de Maximo de Freitas, encontrou-se em 7 a 1.ª brigada com a força pedritense. Desprendeuse nesse dia um piquete de 10 homens, que foi à ponte

de Itú, no passo de Porteirinha, marchando juntas as duas brigadas até o capão de Mandijú; no dia seguinte foram ao campo de Vicente Goulart, de onde seguiu o major Álvaro Rosado Pereira, com 40 homens, para guarnecer o passo de São José, no rio Camaquã, por supor o coronel Vianna que as forças legalistas de São Luiz Gonzaga viessem perseguidas pelo general Honório, que operava na margem direita do dito rio.

Transposta a ponte de Iguariaçá, ficou guarnecendo-a o coronel Octaviano Fernandes, um piquete do qual bateu no passo da Ponte, 3.º distrito de São Luiz, uma força inimiga, que foi perseguida até Chambucú, na divisa com o campo nacional de São Gabriel. Nesta incidência o coronel Vianna seguia sobre a ponte de Passo Novo, no rio Camaquã, afim de evitar que as forças legais de São Borja viessem apoiar as de São Luiz Gonzaga, que vinham perseguidas por Honório, conforme dissémos, porém ao chegar ao passo de Chambucú encontrou de volta o tenente-coronel Dinarte Dornelles, que ali fôra e lhe informou haver o coronel governista Protasio Dornelles de Vargas já ocupado a referida ponte.

Vianna retrocedeu para o passo de Iguariaçá e passo da Ilha, no rio Itacoróvi, deixando o tenente coronel Dornelles, em 10, nos matos de Chambucú para observar os movimentos do inimigo.

O capitão Naziazeno Cardoso foi enviado ao capão de Mandijú e quando a sua coluna já estava em Itacoróvi, soube o coronel Vianna que havendo o coronel Protásio Vargas, na noite de 9, abandonado a ponte de Passo Novo, o tenente-coronel Dornelles a ocupara.

Imediatamente Vianna ordenou que o tenente-coronel Erico Duarte, com o 2.º corpo, ocupasse a ponte de Piauí, a 7 léguas de São Borja, mandando um piquete à estância de Santa Rita e determinou que o major Alvaro Rosado Pereira seguisse do passo de São José para a ponte de Iguariaçá.

Ainda na noite de 10, passaram a ponte guarnecida por Dinarte Dornelles, as forças de Vianna, Fernandes e Alvaro Rosado Pereira.

Combate de Itaroquém: A "Brigada Missioneira", do coronel Mario Alves Garcia, que havíamos deixado em Biguá, deslocou-se no dia 9 para a fazenda de Felisbina de Aquino e Itaroquém e no dia 10 entrou em fogo com o adversário.

Essa ação deu-se da seguinte maneira:

Às 11 horas o coronel João Baptista Luzardo, à frente da referida brigada, do corpo expedicionário do coronel Democratino Silveira e do 3.º corpo da 4.ª brigada, comandado pelo tenente-coronel Plínio Moreira, que constituíam a vanguarda da divisão de Honório, chocou-se em Santa Ana e cemitério de São José, nas proximidades de Itaroquém, 3.º distrito de São Borja, com uma coluna governista de 400 homens, constituída do corpo provisório de São Luiz Gonzaga e de elementos do coronel Raimundo Gomes, Neto, João Cris-

tino e Albino Rodrigues. Manifestaram-se em derrota os defensores da Legalidade, sendo perseguidos durante seis léguas, até a ponte de Manoan, precipitando-se muitos deles no rio Urucutai, onde pereceram.

Os situacionistas deixaram 30 mortos no campo e 46 prisioneiros, entre estes o tenente Jacinto Paz, secretário do corpo provisório de S. Luiz, uma bandeira riograndense, 888 cavalos (sendo 88 encilhados), 112 fuzís Mauser e Mannlicher, 11 espadas, 17 revólveres, 14 barracas, uma ambulância médica e duas carroças de munições.

No dia seguinte incorporaram-se as forças revolucionárias em Itaroquém, prosseguindo à tarde em direção a São Luiz.

Ocupação de São Luiz Gonzaga: No dia 11 retrocedeu a “Brigada Missioneira”, indo aos campos de Itaroquém, na fazenda de Inácio de Sá, onde reincorporou o major Aladin Pinto, e daí, em 12, foi a Santo Antônio, casa de Reginaldo Krieger e ponte de Piratini, entrado na cidade de São Luiz de Gonzaga a 13 de Outubro, ocupada pelo general Honório Lemes neste dia.

No dia seguinte foi a dita brigada à Itapeví e em 14 à ponte de Piratini, que foi queimada no dia 16.

Vejamos agora o que ocorreu com a coluna do coronel Virgílio Gonçalves Vianna, que deixámos na ponte de Iguaçu.

O tenente-coronel Erico Duarte, que havia chegado à ponte de Piauí na noite de 11, teve ordem de procurar incorporar-se à coluna.

Neste mesmo dia o coronel Octaviano Fernandes seguiu em perseguição do coronel Protásio Vargas pela margem direita do Camaquã e foi ocupar o passo da Barca, a 3 léguas de São Borja, enquanto o coronel Virgílio Vianna permanecia em Passo Fundo, porém Fernandes encontrou-se, duas léguas além, com as forças de São Luiz Gonzaga, que vinham urgidas por Honório, e Vianna teve de acorrer em seu apóio. Quando chegou ao local, já o general Honório e coronel Fernandes haviam derrotado a força legalista, perseguindo-a sobre Urucurá, motivo pelo qual o comandante da 1.^a brigada voltou a ocupar o ponto que estava guarnecendo.

Em 12 o regimento Vasco Alves, que fazia a vanguarda de Honório, atacou a guarnição da ponte do rio Piratini, comandada pelo capitão Galdino Batista, e transpôs a mesma ponte, fazendo um prisioneiro.

Havendo acampado a coluna de Honório além dessa ponte, foi um piquete à cidade de São Luiz Gonzaga e a uma e meia légua dela encontrou-se com o vigário da paróquia que vinha dizer que o comandante da guarnição federal tenente-coronel Antônio de Azambuja Neto se opunha à entrada na cidade da divisão revolucionária. O secretário desta, major Aníbal de Barros Cassal, foi em pessoa entender-se com o referido militar e na noite de 13 entrou na localidade o piquete da vanguarda revolucionária, verificando-se no dia

seguinte a entrada do resto da coluna por haver o Comando da Região, em Pôrto Alegre, desaprovado a atitude do tenente-coronel Azambuja Neto. Foi a coluna acampar uma légua além da cidade, ficando nesta, de guarnição, o tenente-coronel Democratino Silveira.

No dia 13 o coronel Gonçalves Vianna, depois de reincorporar a força do capitão Naziazeno Cardoso, que regressava do capão de Mandijú, seguiu por ordem de Honório para a ponte de Piratiní, fazendo junção com o seu general em Santo Inácio, nos campos de Inácio de Sá.

A “Brigada Missioneira”, que deixámos queimando a ponte do rio Piratiní, esteve novamente em São Luiz Gonzaga no dia 16 e foi à cabeceira do Chambucú e ao povoado de São Lourenço.

Combate de Santa Ana: A uma légua dêsse venerável burgo jesuítico, no 3.º distrito de São Luiz, a coluna insurgente, que havia prosseguido marcha no dia 16, chocou-se com os governistas.

Às 16 horas o piquete do capitão Arnóbio Pitham, que ia no flanco direito, começou a tirotear um piquete das hostes legalistas, cuja vanguarda, comandada pelo coronel Nepomuceno Saraiva, acampava no passo, à margem direita do arroio Santa Ana. Acorreram um esquadrão do corpo de São Francisco de Assis (major Pimba Haygert), a “Brigada Missioneira” (coronel Mário Alves Garcia) e os piquetes dos capitães Rivadavia Munhoz e Asterio Lopes, cujas forças atacaram pelo flanco direito sob o comando geral do coronel João Baptista Luzardo, lutando até às 19¼ horas, no Rincão de Santa Ana e estância de Estêvão Pires. O próprio general Honório avançou pela esquerda com a 1.ª brigada, regimento Vasco Alves e o corpo expedicionário, mas antes de entrar em ação já o adversário havia sido desalojado e abalara, perseguido por espaço de duas léguas, até à costa do arroio Santa Bárbara, onde se valeu da entrada da noite e dos matos da região.

4 mortos, 9 feridos, 6 prisioneiros, 4 cavalos encilhados e 12 armas perderam os defensores do govêrno e os revoltosos tiveram feridos o capitão Asterio Lopes, os tenentes Francisco Reverbel de Goes e Luiz Severo e dois soldados. Dêste combate participou, com 50 homens, o coronel Mário Garcia, morrendo o capitão Acilino Ramos, natural de Itaqui, e mais 4 companheiros.

Os revolucionários foram em 17 a Ijuizinho, ponte de Urubucarú, São João Mirim, Itú de Santa Tecla e Rincão dos Calistros.

Combate de Carajazinho: Na madrugada de 17 a coluna de Honório prosseguiu em seu andamento e às 12 horas um piquete da retaguarda, comandado pelo major José Neto, foi alcançado pela vanguarda do coronel Flores da Cunha, que vinha em seguimento da coluna.

Esta vanguarda, que trazia também o 5.º corpo de Itaqui, engajou-se em Carajazinho com a retaguarda rebelde, perecendo no pri-

meiro embate o capitão Joaquim Teodoro de Souza. A 1.^a brigada (coronel Virgílio Gonçalves Vianna) e o regimento Vasco Alves faziam a retaguarda da coluna e combateram durante uma hora, tomando posição, depois, à direita, o corpo expedicionário do tenente-coronel Democratino Silveira e a 4.^a brigada (coronel Octaviano Fernandes). Após 3 horas de fogo retraíram-se essas forças e os elementos dos coronéis João Batista Luzardo e Teodoro de Paiva Menezes e dos tenentes-coronéis Democratino Silveira, Mallet dos Santos e Domingos Alves da Cunha carregaram sobre o adversário, recuando o 5.^o corpo de Itaquí e correndo o próprio coronel Flores da Cunha o risco de ser aprisionado, ao ponto de deixar em poder dos atacantes a sua insígnia de comando, 5 fuzis Mauser, 9 cavalos encilhados, 3 espadas, 4 mortos e 8 feridos, que foram transportados pela Cruz Vermelha de Santo Ângelo.

Neste combate, que se desenvolveu no município de Santo Ângelo, em Carajazinho, São João Mirim, São João Velho, Geraldino, Urubucaruzinho e Urubucarú Grande, ficaram feridos os chefes revolucionários Democratino Silveira, Mallet dos Santos e Domingos Alves da Cunha. Em consequência do grave ferimento que aí recebeu, veio a falecer anos depois o jovem tenente-coronel Democratino Silveira, que era natural de Cruz Alta e um dos mais inteligentes, bravos e ativos vanguardeiros de Honório.

Na noite de 18 a coluna do general revolucionário reencetou a marcha, indo vadear o rio Jaguarí no passo da Raiz e acampar em Jarí, município de Júlio de Castilhos, no dia 19, de onde foi transpor a picada de São Xavier, na encosta da Serra Geral, e varar o rio Toropí e, no passo da Lenheira, o rio Ibicuí.

No dia 18 a “Brigada Missioneira” foi ao Rincão da Palma, no campo de Domingos Pinto, dirigiu-se ao passo da Lage e desceu a margem direita do rio Jaguarí, indo acampar na fazenda Nazário, a 6 léguas do passo Floriano, no rio Inhacapedum.

No dia subsequente a brigada de Mario Garcia se dirigiu ao campo do Nazário, fazenda de Boa Vista (de Amancio Chaves), e fazenda de Casa Branca (de Ignacia Genro), indo transpor o passo da Raiz, desprendendo um piquete sobre Vila Flores.

Em 20 a “Brigada Missioneira” entrou na picada de São Xavier, foi à colônia de Toropí, varou o rio Ibicuí no passo da Lenheira, transpôs a estrada de ferro e acampou no passo defronte à parada Bento Gonçalves, de onde saiu o capitão Vicente Pereira Neto, com 10 homens, para danificar a via férrea e suas pontes. Deu-se, então, um choque com o inimigo, prolongando-se a luta das 16 às 19 horas.

Ocupação de São Pedro e combate de Ibicuí: Em 21 de Outubro Honório fez a 2.^a brigada (coronel Theodoro de Paiva Menezes) ocupar, pela madrugada a vila de São Pedro, acorrendo a este ponto o tenente-coronel Amadeu Massot, que se achava em Dilermando de

Aguiar com o 2.^o batalhão da Brigada Militar e que sustentou forte tiroteio com aquela força revolucionária a 3 quilômetros da vila.

Enquanto se dava essa ocorrência, Honório fazia a sua coluna transpor o rio Ibicuí no passo da Lenheira, para onde se dirigiu também o coronel Teodoro de Paiva Menezes ao saber que a travessia estava ultimada. Menezes varou o referido curso d'água e chocou-se, à tarde, com Massot, que, percebendo a manobra inimiga, viera pela estrada de ferro à Parada Chagas afim de impedir sua junção com o resto da divisão de Honório, que já havia transposto o rio e a via-férrea.

Enquanto Massot tiroteava Menezes, aproximou-se também a coluna de Honório, que procurou envolver a força governista, o que não conseguiu, prolongando-se a luta das 17 às 20 horas, entrincheirando-se aquele chefe legalista nos trilhos da estrada de ferro, apoiado nos flancos esquerdo e direito em um banhado.

Os revolucionários tiveram 6 mortos e feridos (entre estes o capitão Sylvino Moreira) e os governistas 4 mortos e 8 feridos, tendo estes sido transportados para Santa Maria.

Em 22 sustentou Honório novo tiroteio, desta vez com o coronel Glaudino Nunes Pereira, na estância de Rita Chagas, tendo os rebeldes um morto e um ferido.

Na mesma data uma força revoltosa ocupou a vila de Jaguarí, onde entrou no dia seguinte o coronel Cloraldino Teixeira.

Quanto à Honório, em 23 acampou no Vacacaí, com destino à serra de Caverá.

Ocupação de São Gabriel: Em 19 de Maio achava-se a coluna de Honório no município de São Gabriel, onde danificou a estrada de ferro entre as estações de Suspiro e Vacacaí, registrando-se na mesma data o abandono da cidade pelos elementos governistas que a guarneciam, tendo o vice-prefeito em exercício sr. João Manoel da Silveira, antes de se retirar, entregue ao comandante da guarnição federal major Constatino Martins o policiamento da cidade. No dia seguinte, enquanto o seu tenaz e célere adversário Flores da Cunha entrava em Lavras, Honório, vindo pelo corredor da Invernada Reúna, penetrava às 10 horas da manhã em São Gabriel, desfilando em triunfo pelas ruas Barão de São Gabriel e General Mallet, praça Dr. Fernando Abbott e ruas Duque de Caxias e Dr. Celestino Cavalheiro, vitoriado pelos seus partidários, que predominavam nessa cidade pelo seu elevado número e destaque social.

Honório acampou junto ao passo do Pinto e entendeu-se com o comandante da guarnição federal major Constantino Martins e no dia 22 com o general Francisco de Borja Pará da Silveira, que viera de Bagé.

Às 21 horas do mesmo dia 20, um piquete revolucionário destruiu as mesas e aparelhos telefônicos e fonográfico da estação local da Companhia Telefônica Riograndense, cuja diretoria era acusada de ser extremada partidária do governo riograndense.

No dia 23 estava Honório em Tiarajú, acampando suas forças nas fazendas de Theodoro Saibro Jardim, Francisco Hermenegildo da Silva e Dr. Alcides Fagundes Chagas. Havendo sido destruída por elementos seus a linha férrea entre as estações de Tiarajú e Bela União, o major Constantino Martins mandou notificar ao chefe revolucionário pelo tenente Uchoa Cavalcanti que não mais danificasse a via férrea, ao que contestou Honório no dia 25.

Nesta mesma data os rebeldes levantaram acampamento de Tiarajú e em 26 estavam em Jacaré.

Para a primeira das referidas estações, foi em 25 um trem de socorro afim de restabelecer a linha telegráfica e no mesmo dia foram trabalhadores de Cacequí para restaurarem a estrada de ferro entre as duas mencionadas estações, registrando-se em 28 o restabelecimento do tráfego.

Em 26 deu-se a entrada em São Gabriel das forças de Flores da Cunha as quais, três dias depois, o mesmo fizeram em Rosário, registrando-se no dia 30 um encontro entre Honório e Nepomuceno Saraiva no passo dos alemães, no rio Cacequí.

A Coluna de Zeca Netto — Ocupação de Cangussú e Pinheiro Machado: Em 11 de Março o coronel Antero Pedroso de Oliveira ocupou a estação de Piratini (hoje Ivo Ribeiro) e dois dias após os legalistas abandonaram a vila dêsse nome.

No dia 15, no passo das Pedras, os chefes oposicionistas José Luiz Brisolara, Irineu do Amaral, Leonidas Damasceno e Plínio Monte declararam-se solidários com Netto e Pedroso.

Netto reuniu-se ao coronel João Paulo Prestes, que se achava em armas em Cangussú desde 24 de Fevereiro, e no 15 ocupou a vila de Cangussú, tiroteando os legalistas em fuga, enquanto o coronel João Rodrigues de Carvalho ocupava a vila de Camaquã em 16.

Em 17 registou-se um pequeno encontro no 5.^o distrito de Pelotas e a ocupação revolucionária da vila de Pinheiro Machado.

São Gabriel, 19 de Agosto de 1940.

Celso M. Schröder

Os principais fatos do Município de Taquara

por BAYARD DE TOLEDO MÉRCIO

O alvará de 27 de abril de 1809 dividiu a capitania do Rio Grande de São Pedro em 4 municípios, tetrapartindo o município do Rio Grande instalado na então vila do mesmo nome, por Manuel José de Faria, Ouvidor da Ilha de Santa Catarina, cujo município compreendia todo o território da província.

Pôrto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha eram os municípios que pelo alvará de 27 de abril formavam a capitania.

O território do atual município de Taquara pertencia a Pôrto Alegre e se achava compreendido na então freguesia de Triunfo, do Rio dos Sinos para o norte.

A resolução de 6 de junho de 1846, sob número 67 aprovou os limites de São Leopoldo atravessando suas divisas o Rio dos Sinos no Passo do Mundo Novo e vindo pela atual rua Júlio de Castilhos e pela cordilheira do Mundo Novo até alcançar o alto da Serra e indo encontrar pelas suas caídas o Rio Caí pelo qual descia até a foz. Os limites aprovados pela resolução 67 haviam sido interinamente designados pela Lei n.º 4 de 1.º de abril de 1846 quando a Capela Curada foi elevada a vila.

Em 25 de novembro de 1847, foi criada a Capela de Santa Cristina, em Pinhal, à margem esquerda do Rio dos Sinos, no centro do 2.º distrito de São Leopoldo tendo a Lei que a criou o n.º 96.

A 15 de julho de 1848, por lei 138, foram traçados seus limites que cortavam a hoje a cidade de Taquara, pela rua Júlio de Castilhos, de maneira que a parte leste da cidade, ficava pertencendo ao município de Triunfo. Já a lei n.º 152 de 7 de agosto do ano seguinte fazia com que a própria sede da Capela de Santa Cristina ficasse em território da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia.

Santa Cristina por lei 221 de 22 de novembro de 1851 era elevada a Freguesia e passava a fazer parte do município de Pôrto Alegre. Entretanto, pelo art.º 1.º da lei 577 de 6 de maio de 1864 era reintegrada em São Leopoldo, constituindo-lhe o 6.º distrito.

Interessante é que seus limites excediam aos de São Leopoldo!

A lei que elevou a Capela Curada de Nossa Senhora da Piedade no Hamburg Berg à Freguesia, que tomou o número 1.000 e era datada de 8 de maio de 1.875, deixou à Freguesia de Santa Cristina, só a parte ao sul do Rio dos Sinos. O 2.º distrito de paz da nova freguesia, compreendia o território à margem direita do Rio Santa Maria (hoje Paranhãna) que no presente nos pertence.

Leis posteriores estabeleceram outras divisas deixando Santa Cristina sem nenhum território, pois pelas mesmas leis deveria limitar-se ao norte e ao sul com o Rio dos Sinos.

Era uma barafunda de leis que ninguém entendia!

Santa Cristina, entretanto, que havia sido elevada a vila em 14 de Julho de 1.880, pelo art.º 3.º da lei 1.251, desligando-se da comarca do Rio dos Sinos e formando com São Francisco, a comarca de Santa Cristina, tomou conta, sem nenhuma autorização oficial de poderes superiores, de toda a região da primitiva freguesia.

Era a reação contra as leis sem base na realidade territorial.

A colônia do Mundo Novo já era então uma colônia próspera.

Segundo Aurelio Porto, "fôra uma antiga sesmaria, concedida em 1.814, à Antonio Borges de Almeida Leães. Sua viúva, Libania Corrêa Leães, em 20 de junho de 1845, vendeu, por 9:000\$000, essa fazenda a Jorge Eggers e Tristão José Monteiro, em sociedade.

A 4 de setembro de 1.846, Eggers e sua mulher Margarida, venderam a Tristão José Monteiro, por 5:000\$000, não só a parte que lhes correspondia, como terras adjacentes que tinham comprado à André Manique e sua mulher.

Único proprietário dessas terras tratou Tristão Monteiro de colonizá-las, tendo, a 16 de maio de 1846, chegado alí os primeiros colonos".

Sem duvidar das afirmações de Aurelio Porto(que nos merecem a melhor fé, diremos entretanto que outros dados por nós coligidos dão como tendo sido, a colônia do Mundo Novo, fundada a 7 de setembro de 1846.

A colônia dividida em lotes que eram vendidos a 300\$000 começou a receber agricultores das antigas picadas de São Leopoldo e lavas de estrangeiros, desenvolvendo-se grandemente.

Em 1850, quatro anos depois de fundada já contava com 400 moradores.

Em 1853 quatro casas comerciais funcionavam na colônia e em 1860 êsse número havia subido para 12, com um movimento anual de 450:000\$000.

Em 1866, vinte anos depois de fundada, já aqui funcionavam 6 escolas e 81 estabelecimentos comerciais ou industriais.

Foi então que por influência de João Martins Philerenó, pessoa de grande prestígio no Partido Conservador, conseguiu-se que fôsse apresentado à Assembléia Provincial, na sessão de 25 de abril de 1882, um projeto de Lei assinado por Frederico Guilherme Bartolomay e Frederico Haensel, no qual era elevado à categoria de Freguesia o distrito de paz de Taquara do Mundo Novo, cujo projeto é aprovado em 1.^a e 2.^a discussões, tendo sido aprovado também em 3.^a, com emendas e sancionada a 27 de maio de 1882, sob número 1382, nestes termos:

“O Dr. José Leandro de Godoy e Vasconcelos, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, etc.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Provincial decretou e eu sancionei a seguinte Lei:

Lei n.º 1382 de 27 de maio de 1882.

Art.º 1.º — Fica elevada à categoria de freguesia o distrito de Taquara do Mundo Novo em o município de Santa Cristina do Pinhal, com as mesmas denominações e as seguintes divisas: pelo Rio dos Sinos, Rio Santa Maria e pelo Rio da Ilha até encontrar a estrada da Serra Velha, por esta até os campos de Cima da Serra e daqui às divisas atuais pelos mesmos campos.

Art.º 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a tôdas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário desta província a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo, na leal e valorosa cidade de Pôrto Alegre aos vinte e sete dias do mês de maio do ano de mil oitocentos e oitenta e dois, sexagésimo primeiro da Independência e do Império.

(lugar do sêlo)

José Leandro de Godoy e Vasconcelos”

Marca o ato acima o início da história política do município, que, dentro em pouco, como veremos adiante, conseguiria a sua emancipação.

Taquara do Mundo Novo, a futura sede, já fazia com que fôsse notada a sua importância. Tornara-se em pouco tempo centro de atividades comerciais da região. Às três casas inicialmente existentes, de Guilherme Lahm, Felipe Ebling e Guilherme Korndorfer foram rapidamente se juntando outras que, iriam formar a hoje próspera cidade de Taquara.

Guilherme Lahm morava na esquina da rua Júlio de Castilhos com João Pessoa, onde se acha localizada a Casa Balduino.

Eis porque a rua João Pessoa chamava-se antes Guilherme Lahm. Felipe Ebling morava no local onde reside o Sr. Pedro Hirth entre as firmas A. Bohres e Casa Chico, em prédio já demolido.

Esse fundador de Taquara chegou ao Brasil procedente da cidade alemã de Hesse, em 1826, com dois anos de idade, tendo seus pais se estabelecido na Várzea de São Leopoldo, hoje Rio dos Sinos. Foi soldado do major Kersting e do barão de Chico Pedro, na Revolução Farroupilha. Estabeleceu-se aqui com cortume que naquele tempo era o único destas paragens. Contam dêle que certa vez num juri de um tal Pedro Raimundo, negou a mão a dois jurados que segundo seu juízo não haviam feito justiça.

Guilherme Korndorfer morava onde se acha instalada a firma A. Lehnen & Cia. onde funcionava uma ferraria de sua propriedade.

E Taquara cresceu. O feudo de Tristão Monteiro foi se tornando propriedade de milhares.

Em 17 de abril de 1886, pelo Govêrno Provincial, foi promulgada finalmente a emancipação política de Taquara do Mundo Novo, pela Lei 1568, cujo teor é o seguinte:

O Desembargador Henrique Pereira de Lucena, cavaleiro da Ordem de Cristo, Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Oficial da Legião de Honra, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, etc.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a Lei seguinte:

Art.º 1.º — Fica elevada à categoria de vila, a freguesia de Taquara do Mundo Novo, criada pela Lei provincial n.º 1382 de 27 de março de 1882.

Art.º 2.º — As divisas do município são as atuais da freguesia.

Art.º 3.º — Revogam-se as disposições ao contrário.

Mando portanto a tôdas as autoridades, a quem a execução e o conhecimento da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário dessa província a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo na leal e valorosa cidade de Pôrto Alegre aos dezessete dias do mês de abril de mil oitocentos e oitenta e seis, sexagésimo quinto da Independência e do Império.

(L. S.) Henrique Pereira de Lucena.

Nesta Secretaria do Govêrno foi selada e publicada a presente Lei aos dezessete de abril de mil oitocentos e oitenta e seis.

O Diretor Geral substituindo o Secretário, Frederico Ernesto Estrela de Vileroi.

A linha divisória do novo município era a seguinte: pelo Rio dos Sinos, Rio Santa Maria e pelo Rio da Ilha até encontrar a estrada da Serra Velha e por esta até os campos de Cima da Serra.

A vila foi instalada somente um ano depois.

Em dezessete de setembro e vinte e oito de outubro de mil oitocentos e oitenta e sete, realizou-se a eleição para vereadores em 1.º e 2.º escrutínios, tendo sido eleitos Frederico Jacobus Junior, José Raymundo, Guilherme Kordorfer, Julio Petersen, Carsten Henrique Jürgesen, João Petry e Henrique Fauth, cuja posse foi feita a 7 de janeiro de 1888. Nessa data foi instalada a vila da Taquara do Mundo Novo. A ata de instalação é a seguinte:

“Ata da instalação da Câmara Municipal da vila da Taquara do Mundo Novo.

Aos sete dias do mês de janeiro do ano de mil oitocentos e oitenta e oito, nesta vila da Taquara do Mundo Novo, Comarca de Santa Cristina, província de São Pedro do Rio Grande do Sul, no paço da Câmara Municipal, às nove horas do dia, presente os vereadores da Câmara Municipal de Santa Cristina Francisco d'Oliveira Neves e Pedro José Jung, para, de conformidade com o disposto no Aviso de 13 de março de 1883 e outros, deferir juramento e dar posse aos Vereadores da Câmara Municipal desta vila, eleitos em 1.º e 2.º escrutínios, realizados a dezessete de setembro e vinte e oito de outubro do ano próximo findo; e tendo comparecido os vereadores Frederico Jacobus Junior, José Raymundo, Guilherme Kordorfer, João Petry e Henrique Fauth, com seus respectivos diplomas, que exibiram, foram, na forma do art.º 17 da Lei de 1.º de outubro de 1928 e, com as solenidades legais, juramentados e empossados no cargo de vereadores da Câmara Municipal desta vila de Bom Jesús do Mundo Novo, tomando logo seus respectivos lugares.

E assim instalada a dita Câmara Municipal, lavrou-se para constar a presente ata, que vai assinada por todos os vereadores presentes, pelo Dr. Juiz de Direito da Comarca e por todos os cidadãos que assistiram ao ato e quiseram assina-la, a qual, eu José Monteiro Pereira, devidamente juramentado para servir de Secretário, escrevi na ausência do Secretário da Câmara Municipal de Santa Cristina.”

Assinaram esta ata o Dr. Jardelino Gonçalves de Sena, juiz de Direito da Comarca de Santa Cristina e mais quase cem pessoas.

A Receita do município nesse ano alcançou a importância de 5:729\$900.

Em primeiro de setembro do mesmo ano foi criado o Tribunal do Juri.

Em 1889, o Governo Provincial, por interesses políticos, baixou a lei 1756 de 15 de março, extinguindo o município de São Francisco de Paula de Cima da Serra e anexando o seu 1.º distrito ao município de Taquara do Mundo Novo e o seu 2.º distrito a Santa Cris-

tina. A 6 de dezembro do mesmo ano, entretanto, revogou o Governo a lei 1756, restaurando o município de Cima da Serra com as mesmas divisas anteriores.

Foi, logo após ter sido tornado sem efeito o ato 1756, remetida ao chefe de polícia, ao Dr. Juiz de Direito da Comarca de Santa Cristina, ao Juiz Municipal da vila de Taquara do Mundo Novo, ao Juiz Municipal da vila de Santa Cristina do Pinhal, aos cidadãos Presidente e demais Vereadores da Câmara Municipal do Senhor Bom Jesus do Mundo Novo aos de Santa Cristina, ao Sr. Delegado de Polícia daquela vila e termo, ao Sub-Delegado do 3.º distrito, idem ao 2.º e 1.º, a seguinte circular: “Ilustre cidadão. Tenho a *subita* honra de levar ao vosso conhecimento que nesta data foi instalada a Junta Municipal desta vila, ficando sob a presidência do cidadão Major Henrique Lopes da Fonseca. Saúde e Fraternidade. Henrique Lopes da Fonseca, Presidente — Zeferino Vargas de Andrade-Membro — Zeferino Manoel Ferreira-Secretário interino.”

E’ interessante o edital publicado sob n.º 1, meses depois: “O Capitão Zeferino Vargas, Presidente da Intendência Municipal desta vila. Faz saber aos que o presente edital virem que acha-se franqueado o trânsito público a estrada que desta vila parte a da Taquara do Mundo Novo, pela serra denominada Morro Grande e para conhecimento de todos os interessados mandei passar diversos editais que serão afixados nos lugares mais públicos dêste termo. Dado e passado nesta vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra a 10 de Abril de 1890.”

Parece entretanto que nem todos estavam de acôrdo com o conteúdo do edital acima, senão vejamos a intimação que recebeu um cidadão, na véspera da publicação do edital recém-transcrito: “Intendência Municipal da vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra 9 de abril de 1890. Cidadão. Atendendo ao pedido da Câmara Municipal da vila da Taquara do Mundo Novo de 8 de março próximo findo, comunico-vos que fica marcado o prazo de 24 horas para abrires ao trânsito público a estrada que desta vila conduz àquela, na parte denominada Morro Grande. Saúde e Fraternidade. Ao cidadão Claudino de Oliveira Pinto. O Presidente — Zeferino Vargas de Andrade. O Secretário interino. — Zeferino Manoel Ferreira.”

Com a lei de 6 de dezembro que restaurou o município de São Francisco, perdia Taquara uma grande parcela territorial que por alguns meses estivera em seu poder.

Por decreto n.º 1804 de 28 de junho de 89, foram anexadas ao município de Taquara mais as seguintes picadas: Arroio Grande, Solitária, Voluntária, como todo o território situado à margem direita do Rio Santa Maria até a divisa de São Francisco de Paula. Segundo um relatório publicado por Arnaldo Barth foi anexado também à Taquara o território que vai da casa de Gotlieb Dienstmann, em direção a São Leopoldo e Hamburg Berg até encontrar os limites de São Leo-

poldo. (A casa de Gotlieb Dienstmann, foi mais tarde residência da viúva Carlos Flesch, na estrada de rodagem desta cidade à Igrejinha na altura do Km. 4 da estrada de ferro Canela, que passa bem junto à casa.

Mas a lei 413 de 25 de maio de 91, anulava a lei anterior, e o ato 75 de 3 de dezembro dêsse ano acompanhado do officio 6332 da Diretoria Geral da Secretaria do Interior anulava a lei 413. Resultado: Taquara continuou de posse do território há pouco citado.

Em 29 de outubro de 1890, foi dissolvida a Câmara Municipal da Taquara do Mundo Novo e foram nomeados os cidadãos Júlio Petersen, João Petry e Guilherme Korndorfer, para, sob a presidência do que entre si escolhessem (foi Petersen), administrarem o município com as mesmas atribuições das Câmaras. Tomando posse a 11 de novembro (ou 12, segundo o relatório Arnaldo Barth) dirigiu a referida comissão os destinos do município até 7 de novembro de 91. (e não até 7 de janeiro de 92 conforme o relatório Barth, já mencionado). Nessa data nova junta constituída por José Luiz Esteves, Tenente-Coronel Jorge Fleck e João Batista Jullien, assumiu a administração dos negócios municipais, de uma maneira violenta, conforme se depreende da seguinte ata:

“Ata de posse do Conselho Municipal da Taquara do Mundo Novo. Aos 7 dias do mês de novembro de 1891 nesta vila da Taquara do Mundo Novo no edifício da Intendência municipal às dez e meia horas da noite presentes os cidadãos Dr. João de Barros Cassal acompanhado do Tenente-Coronel Aníbal Cardoso e da Fôrça Pública, declarando enviados pelo Comité Central nomeando para membros dêste Conselho aos cidadãos José Luiz Esteves. Tenente-Coronel Jorge Fleck e João Batista Julien os quais aceitaram garantindo a ordem pública, provou, digo, promovendo tudo quanto em si couber pelo engrandecimento e prosperidade da Pátria e do município.

Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão, lavrando-se esta ata que vai por todos assinada. Eu, Augusto Krüger, servindo de Secretário a escreví. Taquara do Mundo Novo 7 de novembro de 1891. José Luiz Esteves — João Teobaldo Jaeger — Carlos Luiz Ritter — Henrique Germano Ritter — Felipe Mate — Julio Leitersdorf — Adolfo Walauer — João Manique Barreto F.º — Pedro Hirth — arrogo de José Lins Ribeiro: João Teobaldo Jaeger — arrogo de Luziano Alves da Silva: Adolfo Walauer.”

Um dos membros desta Junta, João Batista Jullien renunciou não só o cargo da Junta mas também o de Delegado de Polícia, mo-

tivo porque a 19 do mesmo mês e ano os dois outros reuniram-se convidando o povo por votação a escolher o substituto de Jullien tendo sido eleito para a Junta o cidadão Carsten Henrique Jurgensen. Convidado a escolher o Delegado de Polícia delegou o povo poderes à Junta em quem, diziam, depositavam inteira confiança.

Tendo sido nomeado Carsten, tomou posse a 30.

Na sessão dêsse dia deveria haver a prestação de contas do Governo anterior... Vejamos o que diz a ata:

“Sendo 10 horas da manhã abre-se a sessão na qual compareceu o cidadão Jorge Petersen procurador desta Câmara, apresentando vários talões e balancetes de prestações de contas. Não tendo comparecido o Presidente da extinta Intendência, o cidadão Tte. — Cel. Julio Petersen, suspendeu-se a sessão, oficiando imediatamente a aquele cidadão afim de comparecer a prestar contas e dar esclarecimentos, perante esta Junta, sobre os negócios desta Câmara e Município que se achavam sob sua guarda e responsabilidade, o que não fizera aquele cidadão sob pretêsto fútil, a vista do que esta Junta resolve no uso pleno de sua atribuição nomear uma comissão composta dos cidadãos Tristão Monteiro Sbr.º, Francisco Jacob Kraemer e Leopoldo Burger, para no prazo de 10 dias a contar de hoje, examinar e dar parecer sobre a tomada de contas do referido procurador cidadão Jorge Petersen, levando tudo ao conhecimento do atual Exmo. Governador provisório do Estado para resolver a respeito.”

Esta Junta governou até o dia 6 de abril de 1892, quando foi substituída por outra constituída pelo Tte. — Cel. Julio Petersen, que assumiu a presidência, Guilherme Korndorfer, José Raymundo e Felipe Kruze (suplente) a qual governou até 9 de junho, data em que reassumia a Junta anterior composta por Fleck, Carsten e Esteves, renunciando êste no dia seguinte.

Esta Junta foi deposta. A 21 de junho o Tte-Cel Julio Petersen acompanhado de membros da 3.ª Junta e populares dirigiu-se à Casa da Câmara assumindo a presidência, reempossando a antiga Câmara e reintegrando seus Secretário cidadão Peregrino Monteiro.

Em Santa Cristina, a situação também não era das melhores. A sua Câmara havia sido dissolvida em 1890 e fôra nomeada pelo Governador A. Falcão da Frota uma comissão para administrar provisoriamente o município a qual era constituída pelos cidadãos José Antonio de Oliveira, Godofredo Fay e André Manique (Ato 133 de 14 de março).

Por portarias 6480, 6481 e 6482, de 9 de dezembro de 1891, o Governador provisório do Estado, Gal. Domingos Alves Barreto Leite, nomeou os cidadãos Frederico Schirmer, Venancio José Monteiro e Henrique Eltz F.º para encarregarem-se dos negócios administrativos do município tendo os mesmos tomado posse dos cargos e assumido as respectivas funções a 10 de dezembro.

Em 19 de junho de 1892 pelo presidente da Junta Municipal, Venancio José Monteiro, foi reempossado e reintegrado nas suas funções de Presidente da Intendência o cidadão Godofredo Fay, em obediência ao officio da mesma data, assinado pelo Cel. Francisco de Oliveira Neves "em nome da revolução iniciada para restauração do governo da legalidade."

A 2 de julho de 1892 foram eleitos os conselheiros que, empossados, escolheram os membros da mesa e resolveram convidar o Cel. Francisco de Oliveira Neto, ex-secretário e contador da Câmara e vereador, ao então major Diniz Rangel e para o fim de, conjuntamente com o membro Jorge Beck, constituírem a comissão que deveria eleborar a Constituição do município e o regimento interno do Conselho.

A 6 de agosto, em memorável sessão, foi apresentado ao Conselho o projeto de constituição bem como o orçamento da Receita e Despesa do município, chegando dito conselho, à conclusão, depois de largos debates, da impossibilidade do município manter-se. Eis a ata lavrada nesse dia: "Conselho Municipal de Santa Cristina, Sessão de 6 de agosto de 1892.

Aos seis dias do mês de agosto de mil oitocentos e noventa e dois, no paço municipal de Santa Cristina, presentes os conselheiros Patrício Paz de Oliveira, Jorge Beck, Manoel Soares de Lima e Manoel Inácio Flores, foi aberta a sessão. Lida e aprovada a ata anterior.

Foi presente o projeto de constituição elaborada pela comissão nomeada na sessão anterior e conjuntamente o do orçamento da receita e despesa dêste município, para o ano de mil oitocentos e noventa e três.

Estudado aquele projeto de orçamento e largamente discutido, chegou o Conselho à evidência da impossibilidade absoluta de manter-se com independência, pelo que, resolve, no uso da atribuição outorgada pelo art.º 62 § 2.º da constituição, reclamar ao Presidente do Estado a anexação dêsse município ao da Taquara do Mundo Novo.

Mandou o Conselho que se officiasse a cada um dos membros da comissão que incumbiu-se da confecção do projeto da constituição, agradecendo a prontidão com que desempenhou-se daquele encargo.

Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão, lavrando-se para constar a presente ata. Eu, Manoel Ribeiro Porto, Secretário do Conselho a escreví. Patrício Paz de Oliveira, Manoel Soares de Lima, Manoel Inácio Flores."

São Francisco por essa época também se havia dirigido ao Governo do Estado declarando a impossibilidade de manter-se independente.

O Dr. Vitorino Monteiro, vice-presidente do Estado, por ato 302, de 1.º de setembro de 1892, tendo em vista as representações dos

conselhos de São Francisco e Santa Cristina, dirigidos em officios de 7 de julho e 6 de agosto respectivamente, resolveu suprimir os dois municípios, pois pelas ditas representações ficava patente a impossibilidade dos mesmos proverem as despesas com os serviços administrativos, sendo-lhes portanto impossível manter-se independente, resolvendo também anexá-los ao município da Taquara do Mundo Novo.

Nesse mesmo dia, por ato 301, haviam sido suprimidas as Comarcas com sedes naquelas vilas e criada uma com a designação de Comarca do Mundo Novo e com sede nesta então vila da Taquara e compreendendo os extintos municípios de São Francisco e Santa Cristina que, de então, passaram a constituir administrativamente, êste último o segundo distrito e aquele o terceiro e posteriormente o quarto e quinto.

A Comarca do Mundo Novo foi instalada a 30 de outubro.

Da solenidade foi lavrada a seguinte ata:

“Ata da instalação da Comarca do Mundo Novo. Aos trinta e um dias do mês de outubro do ano de mil oitocentos e noventa e dois, nesta vila da Taquara do Mundo Novo, Paço Municipal, a 1 hora da tarde, aí presentes o Dr. Jardelino Gonçalves de Sena, juiz de direito designado para esta Comarca por decreto estadual número trinta e quatro de oito do corrente do presidente interino do Estado Dr. Fernando Abot, e mais pessoas presentes, comigo escrivão abaixo declarado e designado para servir neste ato depois de ter tomado o compromisso de estilo; pelo mesmo juiz foi declarado solenemente instalada a Comarca do Mundo Novo criada por ato número trezentos e um de primeiro de setembro dêste ano do vice-presidente do Estado doutor Vitorino Monteiro, classificada de primeira entrância, em virtude do ato também de oito do corrente mês.

Nesta ocasião, nomeou o juiz para exercer interinamente o cargo de Promotor Público da Comarca ao cidadão Jeronimo d'Oliveira Neves e designou o escrivão Diniz Martins Rangel para servir o cargo de escrivão do Juri. Pelo referido juiz foram mais, feitas as seguintes designações: do dia cinco de novembro próximo para instalação do registo geral de hipotecas e do registo de imóveis pelo sistema Torrens, e dos sábados a uma hora da tarde para realizar-se as audiências dêste juízo. Do que tudo mandou o referido Juiz que se fizesse as comunicações e publicações necessárias, assinando-a com o Tte. Cel. Julio Petersen, presidente da Junta Municipal, Tte. Cel. Francisco Batista de Lucena, juiz municipal, Afonso Marques de Oliveira F.º, delegado de polícia, Jeronimo Neves, promotor público da Comarca e mais funcionários públicos, digo, comarca, funcionários públicos e mais pessoas do povo, perante mim Diniz Martins Rangel, escrivão que o escrevi.

O Juiz de Direito — Jardelino Gonçalves de Sema. Julio Petersen — Jeronimo de Oliveira Neves — Afonso Marques de Oliveira

F.º — Francisco Batista de Lucena — Ernesto Alves da Silva — Peregrino Monteiro — Francisco de Oliveira Neves — José Inacio da Silva — João Martins F.º — Guilherme Korndorfer — Jorge Petersen — Carlos Kampf — C. Dai Graeff — Augusto Kruger — Francisco Jacob Brener — Arthur? — Manoel Ribeiro Porto — Antonio de Oliveira Santos — Domingos Salgado Guimarães.

Como fôra designado realizou-se, no dia cinco de novembro, a inauguração do registo de hipotecas, estabelecido pelo decreto n.º 169 A. de 19 de janeiro de 1890.

No mesmo dia foi declarado inaugurado o registo de transmissão de imóveis pelo sistema Torrens — estabelecido pelo decreto n.º 451 de 31 de maio de 1890.

Foi designado para official do registo o tabelião Diniz Rangel, por ato de 1.º de setembro de 92 de vice-presidente Vitorino Monteiro.

Em 4 de maio de 1893 fez o Dr. José de Araujo a sua primeira audiência. Em 27 de fevereiro de 1895 volta o Dr. Sena a dar audiências. Em 30 de julho de 96 dá a sua primeira audiência na Comarca o Dr. Francisco de Paula Leivas Junior. Em 9 de agosto o Juiz Gomercindo Taborda Ribas. Em 6 de dezembro de 99 dá uma audiência nesta cidade o Juiz de Santo Antonio Dr. Caio da Cunha Cavalcanti. Em 14 de novembro de 1900 deu a sua primeira audiência nesta Comarca o Dr. Paulino Coelho de Souza.

Mas, voltemos a 92, A 20 de novembro dêsse ano foi instalado o primeiro Conselho Municipal da Taquara, o qual era constituído por Zeferino Vargas de Andrade, Augusto Heilemeyer, Godofredo Fay, Manoel Soares de Lima e Felipe Bender, sendo eleitos presidente e vice, respectivamente, o cidadãos Godofredo Fay e Augusto Heilemeyer, os quais interinamente exerceram a Intendência de 8 a 15 de dezembro.

No dia 14 de dezembro, foram nomeados pelo Govêrno do Estado os coronéis Francisco de Oliveira Neves e Julio Petersen, para primeiro intendente e vice, tendo aquele assumido no dia seguinte.

A 11 de dezembro de 1892 em sessão solene é aprovada e votada a lei orgânica do município, que é promulgada a 20. O novo Conselho Municipal era o seguinte: Godofredo Fay, Augusto Heilemeyer, Zeferino Vargas de Andrade, Felipe Bender, Jorge Beck, Manoel Soares de Lima e Alorino Batista de Lucena.

A 2 de abril de 1894 o Cel. Neves passa o govêrno do município ao major João Emiliano de Araujo Corrêa Lopes, que havia sido nomeado por ter o Cel. Neves solicitado dispensa, tendo o major João Emiliano prestado compromisso e tomado posse na data mencionada. Esse intendente abandonou o cargo e foi substituído pelo vice, cidadão Julio Petersen, que assumiu a 22 de dezembro de 94, devidamen-

te compromissado, governando até 19 de fevereiro de 1896, data em que foi nomeado intendente o Tte. Quirino Nunes Pereira.

Tendo sido realizadas as eleições a 21 de outubro de 96, foram eleitos Sebastião Amoretti, intendente e Julio Petersen vice, cuja posse se realizou a 20 de dezembro de 1896. Julio Petersen havia exercido a intendência interinamente de 4 de maio até a data da posse, por eleição, de Sebastião Amoretti. Eram conselheiros em 1896: Godofredo Fay, Jorge Beck, Luiz Martins Gonzaga, Felipe Bender e Augusto Helemeyer.

Com Sebastião Amoretti foram eleitos conselheiros os senhores Major Diniz Martins Rangel, Adolfo Knauth, Luiz Martins Gonzaga, Tte. Felisberto Pinto de Azevedo, Henrique Fünges, Carlos Schmidt, Inocente Fernandes do Amaral.

Sebastião Amoretti nasceu a 24 de fevereiro de 1851, em Pôrto Alegre. Era diplomado pela Escola Normal da Província com menção honrosa. Exerceu vários cargos públicos. Deixou 17 filhos de seu casamento com Dna. Maria José Gomes Amoretti. Faleceu como Coletor Estadual em Taquara a 16 de abril de 1903.

Na sua administração foram entregues ao trânsito público as ruas Tristão Monteiro, Federação e Guilherme Lahm. Combateu tenazmente o banditismo que imperava na região norte do município, naquele tempo e alterou a 25 de outubro de 99 a Lei Orgânica do Município.

Em 20 de dezembro de 1900, tendo sido eleito, tomou posse do cargo de intendente do município o Cel. Diniz Martins Rangel. Êste cidadão administrou Taquara durante 5 quatriênios, passando a 20 de dezembro de 1920 a direção do município ao subintendente João Schmidt Sbr.º que governou durante 5 dias.

Diniz Martins Rangel foi um lutador incansável na defesa dos interesses territoriais de Taquara, município sempre ameaçado pela ambição de seus vizinhos que não cessavam de procurar em detrimento de Taquara fazer crescer seus territórios.

Já no primeiro quatriênio de administração Diniz Rangel viu Taquara perder, com a emancipação de São Francisco de Paula a 23 de Dezembro de 1902 por decreto do então Presidente do Estado Dr. Borges de Medeiros, uma grande parcela territorial, ou seja o seu terceiro, quarto e quinto distritos.

Diante dessa grande perda o Cel. Diniz dedicou tôda a sua atenção aos problemas territoriais providenciando para que as divisas municipais fôsem devidamente fixadas. Com êsse objetivo conseguiu a fixação dos limites com Santo Antonio e com São Sebastião do Cai. Com São Leopoldo teve de sustentar uma luta titânica, que se prolongou por muitos anos, tendo o administrador de nosso município, sem esmorecimentos, defendido seus pontos de vista, até que a 24 de agosto de 1909 foi homologado o convênio entre Taquara e São Leopoldo,

para fixação de limites, ficando assim ultimada a delimitação de nosso território.

E' de justo frisar que quando Diniz Martins Rangel deixou o governo do município, Taquara tinha quase o dôbro de território do que quando êle havia assumido em 1900.

Foi durante sua administração criado o distrito de Mundo Novo por ato 86 A em 10 de novembro de 1904, o de Parobé por ato 110 de 5 de março de 1908 e o de Gramado por ato 139 de 17 de janeiro de 1913.

Foi na sua administração que construiu-se a estrada férrea Novo-Hamburgo — Taquara, notável empreendimento que assinala o início de uma fase de progresso e prosperidade para o município. Essa estrada foi inaugurada a 15 de agosto de 1903 com a presença do Dr. Borges de Medeiros, então Presidente do Estado, seus Secretários, membros da Assembléia dos Representantes, Chefe de Polícia e mais autoridades. Foi iniciada também a construção da estrada férrea Taquara — Canela.

Em 2 de abril de 1904 aparecia à luz da publicidade o Jornal *O Mundo Novo*, sob a direção de Lucas Barreto, como uma demonstração do crescente progresso de Taquara. O Mundo Novo aparecia bi-semanalmente, muito bem impresso e com um belo formato.

Em 10 de dezembro de 1908, o Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, Presidente do Estado, considerando o crescente desenvolvimento industrial e comercial de Taquara, principalmente após a sua ligação férrea e outros centros e atendendo a que o município contava população superior a 28.000 almas, resolveu elevá-la à categoria de cidade.

Em 1911 foi fundado o serviço de Correio.

Em 1916, por ato 166 de 18 de Setembro foi promulgada uma nova Lei Orgânica, em substituição a outra que começara a vigorar em 21 de abril de 1904. Essa Lei foi decretada pelo Conselho Municipal que era assim constituído: Felipe Nery Ferreira Martins, Manoel José de Medeiros Bedeco, João Mosmann, João Manoel Corrêa, José Antonio de Oliveira F.^o e Henrique Eltz F.^o

Em 25 de dezembro de 1920, assume o governo do município, provisoriamente, o cidadão Arnaldo da Costa Barth, que tendo sido eleito, governou o município, por delegação de seus concidadãos, desde 20 de dezembro de 1921 até 20 de dezembro de 1924.

Durante seu governo foi inaugurada a estrada férrea de Taquara a Canela, cuja inauguração se deu a 14 de agosto de 1924.

Sobre o trabalho realizado por êsse homem no município de

Taquara, fala tudo o que possuímos pois, para onde lançarmos os olhos e encontrarmos uma obra notável, veremos trabalho seu. Se eu inúmerasse aquí tudo que realizou êsse homem extraordinário me alongaria demais, mesmo que quisesse ser sucinto. Incontestavelmente Arnaldo da Costa Barth foi o maior administrador de Taquara e um dos homens de govêrno de maior capacidade de seu tempo. Basta dizer isto, para traçar o perfil do homem que por mais de um quadriênio administrou os negócios desta importante comuna.

A Arnaldo Barth sucedeu João Manoel Corrêa cuja administração foi de 20 de dezembro de 1924 a 20 de dezembro de 1928. Foi, na sua gestão, criado o distrito de Canela a 2 de março de 1926 e promulgada uma Lei Orgânica municipal, por ato 336 de 9 de julho de 1928.

A 21 de outubro de 1928 foi realizada eleição para intendente e vice-intendente, tendo sido eleitos, depois de memorável pleito, o Dr. João Martins Rangel para intendente e o Dr. Adelino Eduardo Barth para vice-intendente.

O Dr. João Martins Rangel, assume, findo o quadriênio de seu antecessor e conserva-se no govêrno até 6 de fevereiro de 1929, quando se licencia para tratar de interêsses, passando o govêrno ao Dr. Adelino Barth. Por ato número 7 de 21 de março de 1929, é criado por êste intendente o distrito de Padilha.

A 18 de dezembro do mesmo ano de 29, reassume o cargo de intendente o Dr. João Martins Rangel.

Em 1930 inaugura-se a Usina da Toca.

Em 4 de Setembro reassume o govêrno o vice-intendente Dr. Adelino Barth.

Em novembro é nomeado para dirigir os negócios do município, o Dr. José Loureiro da Silva que governa até 24 de janeiro de 1931. Nesta data toma posse o cidadão Volenciano Coelho, que havia sido nomeado pelo Govêrno do Estado 4 dias antes.

Êste intendente, conserva-se até 24 de abril do mesmo ano quando passa o govêrno ao Cel. Teobaldo Fleck, que há pouco havia sido eleito.

Em 1935, por ato número 1 de primeiro de janeiro é criado o distrito de Igrejinha com a designação de 8.º.

A 11 de abril de 1938 afasta-se do govêrno do município o Cel. Teobaldo Fleck e assume interinamente o Sr. João Hugo Kroeff, Sub-Prefeito do 1.º distrito, governando o município até 21 de abril, quando toma posse no cargo de Prefeito o Dr. Egidio Soares da Costa nosso atual administrador, nomeado poucos dias antes pelo Govêrno Cordeiro de Farias.

O atual administrador é engenheiro civil e está comissionado no cargo por ser engenheiro da Prefeitura de Pôrto Alegre. Nele deposi-

tamos as maiores esperanças para que tenhamos uma Taquara cada vez maior.

E' este modesto trabalho que apresento para a Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul cuja matéria foi objeto de uma conferência por mim realizada no dia de Taquara, 27 de maio dêste ano, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal.

Os elementos que colhi servirão de base para estudos mais amplos da vida do nosso município e tem o único mérito de trazer das prateleiras dos arquivos fatos interessâtes, quase esquecidos, já que outrem não havia tentado o mesmo assunto.

Memorial dos Proprietários e Negociantes de Porto Alegre, em 1821, solicitando tornar sem efeito a expedição de Título a SILVESTRE DE SOUSA TÉLES, de terrenos situados na PRAÇA DA ALFANDEGA para evitar a sua edificação.

"Illmo. e Exmo. Senhor. Os Proprietarios, e Negociantes da Rua da Praia, desta capital, de Porto Alegre, abaixo assignados, dezejando conçeliar seus intrces com obem publico da Nação, tendo diante dos olhos osbeneficos esforços de V. Exa., eosfelizes rezultados que sepodem tirar donovo plano desta mesma Capital, adoptado pr. V. Exa. sobre os melhoramentos que raçionavel mente, são deesperar das medidas tomadas pello habel Corl. Ingenheiro, não pudendo contudo deixarem deexpor a V. Exça. que esta medida estará sempre incompleta nos Curaçoens dos supes. seindicado plano comprehender taobem em oCupar /como esta anunciado/ opi queno espaço do Terreno aos Lados Oriental e oCidental daCaza e Ponte daAlfandega que formão dexistente Praça damesma, pellas Bazes actuais das Propriedades deCazas que servirão de Quartelamento. as Tropas deS. Paulo, eade Custodio Glz. daSilva, Cuja Praça sendo daPosse antiquiçima deste Commerçio,selhe faz tão necessaria como a prosperidade domesmo, emrazão deser amesmaa unica que seacha noseu Centro apar enafrente damesma Caza deAlfandega, de onde sedespaixão etirão para amesma, todos osGeneros commerciaes, transportados nos vazos Maritimos que girão nos difrentes Portos desta America, como dos Centraes, alem de taobem ser ounico assillo para oparadouro dos Carros, Carretas, e Tropas deBestas que comduzem por terra os Generos Provinciaes como sejam: Agoardentes, Trigos, Farinhas, lhas exarques Couros, Sebo etc., etornão aleva os Generos commerciaes que ali recebem, sendo outro sim olugarmais propio eadequado para embarque, e desembarque detoda aimportação desta Capital, erefrigerio daMarinha, e

portão atentas necessidades foi antigamente. adotado com muita ligalidade, e circospecção noplano dado pello Brigadeiro deEngenharia, einterino Governador Francisco João Roçio, eobservado nos Seguintes Captsm. Gens. ehavendo emtempo delles quemtentaçe requerer osTerrenos della esem que emtempo algum ospudece obter por se-encontrar semelhantes pertençaõs, com utilide. publica, edoCommerçio, etanto asim que para dehua ves leçarem semes. pertencoens esta Camara no Anno de 1819 enformou ao Gor. e Capm. Gel. oConde da Figuera, emrrequerimto. dhum pertendente anecessidade que havia da Referida Praça para os indicados misteres qe. atentos asim semandou comservar, como esta, eSetem asim comçervado the oprezente, emque Chigando anotta. dos Suptes. que Silvestre deSouza Telles obtendo de proximo na Area daditta Praça o Titullo dehum Terreno defendido atantos annos, nelle pertende edificar Cazas, vendo osSuptes. comgrande magoa hir-se amesma ocupar compredios, eficar reduzida ahua piquena parte atreveçada por becos, prevaleçendo asim os Intreçes particulares, aobem publico da Nação, quando plena mente seconheçe afalta deneçeside. q. ha de Terrenos para edificar,p'estar patentes aos Olhos detodos os mesmos vazios deque está esta juncada. São pois Exmo. Senhor, estes osmutivos que comjustiçima. razão movem aos Suptes. avirem perante V. Exca. requerer, que emvista detao urgentes circunstanças, se digne mandar conservar areferida Praça no Estado emque seacha desde asua antiguidade, notando-se asim no novo plano, e caçando-se aCarta de Dacta daquelle Terreno comferido ao Supdo. Silvestre deSouza Telles, obtido talvez com oCorepção para nelle sededclarar por Apostilla nulidade, eficar denenhum feito, visto q. temerariamte. o requereo com infração do Direito Publico, eda antiga poçe emq. seachava sem contraverção. Cuja graça esperão osSuptes. deV.Exa. menistrando-lhe asim arectiçima e emparçial Justiça que he emseparavel do Magnanimo coração de V.Exa. E.R.Mde. (assinados) — Franco. Glz. Carur^o — Toen Luiz Fern.^e — Domingos Gonçalves de Amorins — Joze Soares deAlmeida — João Manoel de Pinto — Ignacio Per.^a e Fonca. — Mathias Fernandes — Lourenço Ant.^o P. daMiranda — Ant.^o Borg. Almeida Leans — Luiz Antonio Feijó — Joaquim Francisco d'Oliveira — Manoel S.^a Lima — Manoel da S.^a Pacheco — Francisco Ant.^o Roiz Vianna — Franc.^o Rebello de Figrd.^o — Custodio Glzs. daSilva — Manoel Vieira da Cunha — Joze Per.^a Coimbra — Mel. Glerz. Lopes — Domingos Alz. Leite — Antonio Frz. Teixeira — Antonio Joze da F.^a Lecino — João Schames de Mars. — Custodio Glz. Lopez — Joze M. da Silveira Vianna — Joam Coelho Neves — João da Silva Lisboa — Francisco Pinto de Sousa — Joze da Oliveira Maya."

(PRIMEIRO DESPACHO:) “P.^a Camara desta Capital. Qel. Gal. em P. Al.^e 3 de Dezembro de 1821. (as.) Saldanha.”

Informação:) “Illmos. Exmos. Snres. — Examinando attentamente os requerimentos do supp.^{te} Silvestre de Sousa Telles, informaçoes da Camara, e dos Engenheiros, e mais papeis: observo que apesar das contradicções da Camara nas duas informaçoes, e variedade de pareceres dos Officiaes Engenheiros; rezulta com tudo a necessidade, que ha do terreno da questão, não só abem do Commercio desta villa, como da formozura, e regularidade das Praças ao Oriente, e Occidente do Edificio d'Alfandega; devendo em tal cazo ceder a utilidade particular do supp.^e á do Publico; com tudo fazendo o Supp.^e certo, que Miguel Ferreira Gomes obteve á trinta annos Concessão do mesmo terreno, que cedeo ao Supp.^e; pois o papel da Cessão não constitue Titulo primordial do Cedente, me parece que vista a necessidade, que por bem do Publico, força o Supp.^e a Largar o indicado terreno, ou se deve avaliar este, e pagar o seu valor ao Supp.^e, a exemplo do que se praticou na Corte do Rio de Janeiro com D. Anna Francisca da Costa por Avizo de 4 de Dezembro de 1815, ou dar-se-lhe em outro lugar terreno equivalente. Porto Alegre 21 d'Outubro de 1822. (as.) Joaq.^m Bernardino de Senna Ribr.^o da Costa.”

(SEGUNDO DESPACHO) “Avista da informação da Camara, edoquanto os sup.^s alegão seja recolhido a Secretaria deste Governo o Titulo sup.^{do} enão se passe o outro concedido. Qel. Gal. em Porto Alegre, 14 de Desbro. (as.) SALDANHA.”

(Doc. exist. no S. do Arquivo Histórico do Estado.)

A exploração do Rio das Mortes pelo Tte. Cel. Antonio Tupy Ferreira Caldas

Muito se tem ocupado a imprensa do Rio de Janeiro, com as explorações que um estrangeiro, o sr. Gow Smith, diz ter realizado no rio das Mortes, também chamado rio Manso, o majestoso e enchachoeirado afluente do Araguaia.

Estas discussões pela imprensa levaram o ilustre dr. Olegário Pinto, deputado pelo Estado de Goiaz, a escrever ao "Correio da Manhã", brilhante matutino que se publica naquela capital, uma carta na qual recordava, que em seus discursos proferidos na Câmara dos Deputados "Nunca se esqueceu do nome do grande brasileiro Couto de Magalhães, a quem se deve o exato conhecimento dos rios Araguaia e Tocantins e seus principais afluentes, bem como o do engenheiro civil José Feliciano Rodrigues de Moraes, que explorou o rio das Mortes", este somente em seu curso inferior, como demonstraremos.

Nesta carta, do ilustre representante goiano, há a afirmativa de que o dr. Bezerra Cavalcanti, chefe do Serviço de Proteção aos Índios, demonstrou cabalmente que antes do americano contar as suas proezas, viajando o rio das Mortes, já aquele rio havia sido estudado pelo major Pedro Ribeiro Dantas, em 1915.

E como haja o maior silêncio a respeito da expedição levada a efeito, em 1887, pelo então capitão do Exército Antonio Tupy Ferreira Caldas, que com um puzilo de soldados disciplinados, penetrou no sertão matogrossense, procurando as cabeceiras do rio das Mortes e seguindo o seu curso na extensão de duzentas léguas foi encontrar os vestígios da exploração feita por José Feliciano, é que escrevo as presentes linhas, que são ditadas pelos sentimentos de saudade e de respeito à memória de meu avô e pelo dever de patriotismo, que me obriga a restabelecer uma verdade histórica, que diz respeito a exploração do "hinterland" brasílico.

Não conheço o relatório da expedição do major Pedro Ribeiro Dantas, da Comissão Rondon, como também nunca vi o nome de meu avô citado por nenhum membro da referida comissão como tendo explorado o rio das Mortes, mas em meu poder tenho atualmente uma cópia manuscrita do relatório apresentado, a 31 de dezembro de 1887, em Cuiabá, ao presidente da Província de Mato Grosso, pelo então capitão Antonio Tupy Ferreira Caldas. Neste relatório, que está escrito em setenta e cinco fôlhas de papel almaço, acham-se registadas, dia por dia, as longas e penosas marchas realizadas pelos expedicionários, no sertão do ocidente matogrossense.

Pela leitura dêste relatório, que é feito em linguagem simples e concisa, reconhecemos que o seu autor, heróico soldado maranhense, cumprindo as instruções expedidas por ato de 16 de março de 1887, do ilustrado presidente de Mato Grosso, dr. Alvaro Rodolpho Marcondes dos Reis, que o nomeava comandante da expedição ao rio das Mortes, jamais desmereceu da confiança que nele depositavam as altas autoridades da província.

Partiu o capitão Tupy Caldas, da cidade de Cuiabá, às seis horas da tarde do dia 30 de março de 1887, com a comitiva composta de onze praças do Exército e dois civis, como camaradas.

No dia 2 de abril chegaram ao lugar denominado Vila Mendes, fazenda do cidadão José Luiz Pinto, com quem contratou a condução do material da expedição até o destacamento militar da Ponta de Pedras, onde devia ser o ponto de partida para o início dos trabalhos de exploração.

As seis horas da tarde de 18 de abril, a expedição acampou na cabeceira do primeiro tributário do rio das Mortes, reconhecendo o terreno circunvizinho, formado "por uma linda e vasta planície ou chapadão, bordada nesse ponto de frondosas buritis e outras árvores, e é denominado de São Vicente, por ter havido aí e há muitos anos, um sítio dêsse nome e pertencente ao falecido Joaquim José de Sampaio".

Do reconhecimento realizado num raio de sete quilômetros e levando em consideração informações colhidas de moradores daquela região, foi determinada a localização da principal vertente do rio das Mortes, como distando légua e meia da de São Vicente. Precisando com mais rigor a situação da principal vertente, na página 2, do citado relatório acha-se escrito: "Esta vertente tem sua origem na Serra do Mangabal, há vinte e três léguas de distância desta capital (Cuiabá), ao sul e à esquerda da estrada que vai ter à colônia militar de São Lourenço e nas proximidades do sítio São José, na Serra Acima".

Foi verificado que o formador do rio das Mortes, chamado de São Vicente, a duzentos metros da localidade do mesmo nome, tem três metros de largura e dois de profundidade.

Da cabeceira de São Vicente, a comissão marchou por terra, trazendo sempre à vista, ora de uma légua, ora de meia-légua o rio das Mortes, chegando às onze horas de 19 de abril, à ponte então existente e que dava passagem “a estrada que segue da província de Mato Grosso para a de Goiaz”, tendo o rio neste ponto três e meio metros de profundidade e é por demais correntoso, oferecendo a duzentos metros abaixo uma pequena cachoeira.

As seis horas do dia vinte de abril, levantou acampamento; e, às onze horas da manhã depois de ter percorrido quatro léguas de estrada, donde se notavam magníficas e vastas campinas, chegou à fazenda denominada de Burití, propriedade do major Francisco Pereira Borges.

A direção da estrada, da Ponte de Pedras à fazenda de Burití, é de rumo ao nascente e donde sempre se leva a vista, a esquerda e na distância mais ou menos de duas a três léguas, os matos que bordam as margens do rio das Mortes, avistando-se também as vertentes que formam a cabeceira do rio São Lourenço, vertentes estas formadas aquém do rio das Mortes e na curva que aí faz, a duas léguas de distância mais ou menos.

As quatro horas da tarde, deixaram a fazenda de Burití, chegando às cinco e meia, do mesmo dia 19, à fazenda de São Lourenço da Boa Vista, de propriedade de José Góz de Miranda, que prontamente se ofereceu a auxiliar a expedição, no que fôsse possível.

O capitão Tupy reconheceu neste ponto a cabeceira principal do rio São Lourenço, que nasce ao poente, correndo em direção ao levante e formando uma grande curva passa a quinhentos metros distante da casa de residência do sr. Góz e daí em diante toma a direção sul, bem como verificou a existência de uma cachoeira a três quilômetros abaixo, com sessenta metros de altura.

As seis horas da manhã de vinte e dois de abril, marchou a expedição com rumo ao norte, passando pelo córrego chamado Presidente, chegando às onze horas às cabeceiras de um ribeirão denominado Chico Nunes, afluente do rio das Mortes.

Levantando acampamento, às cinco horas da manhã de 23, depois de uma marcha de quatro léguas, chegaram à margem da lagoa Formosa, “que, além da grande baía formada, se estende em forma de ribeirão e na distância de três a quatro léguas, vai depositar suas águas no rio das Mortes”.

As dez horas prosseguiram a marcha, atingindo às duas horas da tarde o primeiro pôsto militar do sertão, destacamento do “cór-

rego da Ponte de Pedras”, então sob o comando do alferes José Messias Ferreira Pires.

Permaneceu a expedição Tupy, neste posto militar, até o dia 24, marchando com rumo norte, até encontrar de novo o rio das Mortes, que tinham deixado à esquerda. Depois de uma marcha de cerca de oito léguas, atingiram a margem direita do citado rio, encontrando um pôrto favorável ao início dos trabalhos de exploração da sua navegabilidade.

A êste pôrto, o chefe da expedição deu o nome de alferes Messias e nele se demorou até fins de maio, por não ter chegado a carga da expedição e ter de construir batelões e canoas.

Neste ponto o rio das Mortes tem 100 metros de largura, sendo bastante profundo e é piscoso, contendo os peixes chamados matrinhos e pucús, que foram apreciados como excelente prato pelos expedicionários.

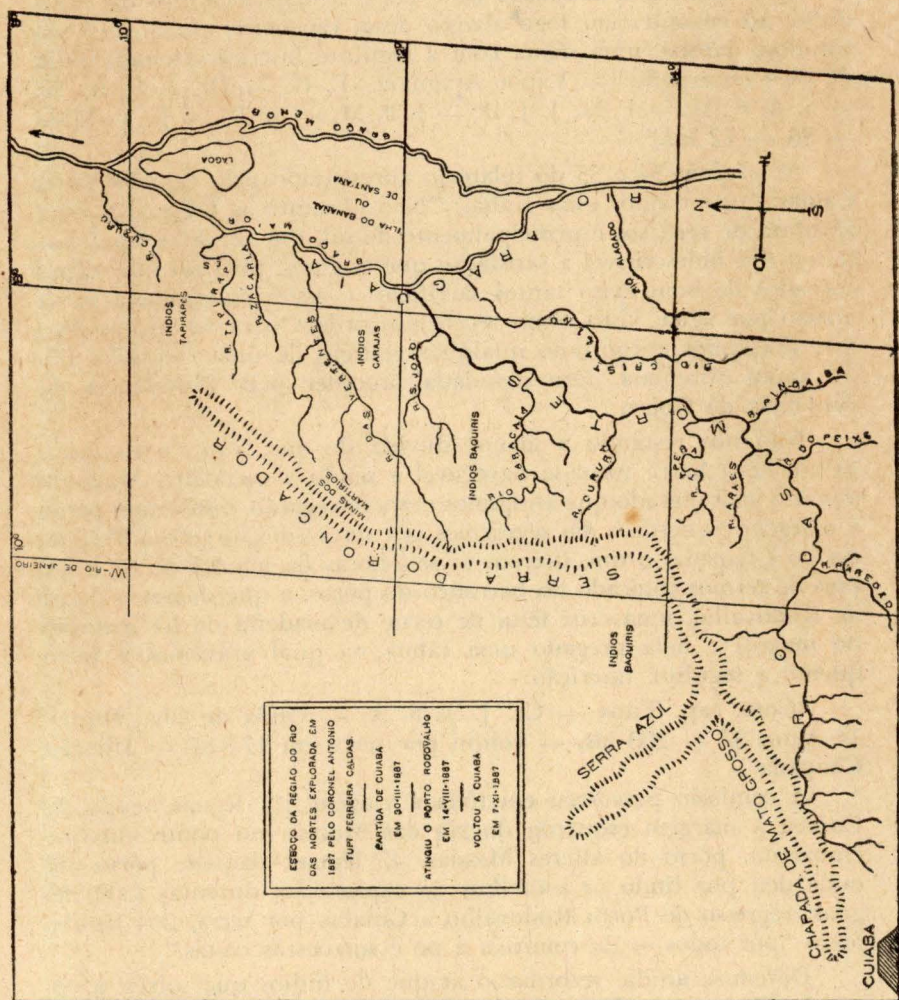
Suportou a comissão péssimas condições de temperatura, sofrendo os rigores de um frio intenso, que obrigava durante a noite a acenderem grandes fogueiras, o que em parte também afastava as nuvens de mosquitos, denominados borrachudos, pólvoras e piuns.

Tendo concluído a vinte e oito de maio os trabalhos de construção das canoas e batelões, para o que foi necessário ir buscar madeiras a grande distância, visto as margens do rio serem desnudadas, neste pôrto, a comissão iniciou a 31 de maio de 1887, pelas oito horas da manhã, o reconhecimento do rio das Mortes, assinalando o ponto de partida, com uma grande cruz de quatro metros de altura e em uma tábua colocada em um poste em frente da mesma, contendo a seguinte inscrição: “Expedição Capitão Tupy, embarcou a trinta e um de maio de 1887.”

Tinha, assim, a comissão já percorrido cerca de cinquenta léguas, a contar de Cuiabá.

Para julgar das grandes dificuldades que o capitão Tupy Caldas teve que vencer, para conseguir atingir o objetivo de sua alta e espinhosa missão, basta que transcrevamos as conclusões do excelente relatório, onde ficaram assinaladas as cento e vinte e oito cachoeiras, cinquenta e quatro corredeiras de pedras e os quinze saltos, nas duzentas léguas navegadas no rio das Mortes, em pleno sertão, até encontrar o lugar atingido pela Comissão do engenheiro dr. José Feliciano Rodrigues de Moraes, situado em seu curso inferior e a setenta e duas (72) léguas a montante da confluência do rio explorado com o Araguaia.

Depois de setenta e cinco dias de uma viagem acidentada, onde por diversas vezes os membros da comissão Tupy, estiveram na iminência de perderem a vida, em vários naufrágios sofridos, como aconteceu ao atravessarem as cachoeiras, que denominaram de Oliveira Soares, Corpus Christus e D. Carlos, encontraram a 14 de



agosto, pelas nove e meia horas da manhã, uma grande cachoeira, a que deram o nome de Araguaia e que de novo obrigava a transportar a carga por terra.

Qual não foi a satisfação do chefe e demais membros da expedição, ao encontrarem logo abaixo dessa cachoeira, presa em “um frondoso Jatobá, uma tábua com a seguinte inscrição, feita a tinta de óleo encarnado: — Vapor Araguaia. L. G. — Dr. J. F. R. M. — S. A. A. M. — F. M. J. J. D. — J. P. M. — 4.^af.^a — 19 — Maio — 86 — 72 las.”

As páginas 54 e 55 do relatório apresentado pelo capitão Tupy Caldas, encontramos estas linhas: “Não obstante as fadigas, a falta absoluta de recursos e principalmente de sal, que desde o dia 7 nos faltou, foi indescritível a satisfação que tivemos, por isso que vimos coroados de bom êxito tantos sacrifícios e assim cumprida a nossa missão por água, visto como recebemos ordem para voltarmos logo que tivéssemos encontrado qualquer vestígio de uma comissão que no vapor Araguaia, fôra mandada proceder pela Presidência da Província de Goiaz.

Não nos restando a menor dúvida de que, aqui, o rio para baixo até a barra torna-se navegável e sendo a cachoeira Araguaia o ponto mais elevado que atingimos nesta navegação, resolvemos parar à margem esquerda e daí seguirmos por terra com direção à Freguezia do Chapada, o que fizemos às seis horas da manhã de 17 e depois de termos colocado no barranco do pôrto, a que demos o nome de Rodovalho, uma cruz feita de cerne de madeira de lei (coração do magro) e nela pregado uma tábua na qual gravamos a ferro quente a seguinte inscrição:

“Com. cap. Tupy — Ce. J. A. S. A. — vinda de Cba. Dorn.^o 14 Agto. 87 — 200 las. — voltou por terra em 17-8-87 — Direção Chapada.”

A comissão percorreu em toda a viagem 511 léguas, sendo de Cuiabá à margem esquerda do rio das Mortes, no ponto em que embarcou, pôrto do alferes Messias, 47 léguas; daquele pôrto até onde deu por findo os trabalhos de exploração, duzentas (200) léguas; regresso de Pôrto Rodovalho a Cuiabá, por terra, 264 léguas, feitas “por todos os da comitiva a pé e surrões às costas.”

Devemos, ainda, recordar o ataque de índios que sofreu a comissão Tupy, quando ao levantar acampamento, em pleno sertão, no dia 11 de setembro, pelas dez horas e meia da manhã, foi de surpresa cercada por crescido número de selvícolas.

Aí, foi o capitão Tupy Caldas gravemente ferido, na região frontal direita, por forte pancada de “cacete de cerne a similhaça de u'a mão de pilão”, bem como ficaram feridos outros membros da comissão.

Repelidos pelo resto do pessoal, os índios deixaram um morto, fugindo aterrorizados pelos tiros.

Na página 64, do relatório do capitão Tupí, estão escritas as seguintes linhas: “Não podemos saber ao certo a que nação pertencem êsses índios, podemos porém garantir que são êles de côr clara, estatura mediana, cabelos pretos e finos, olhos gatiados, pés e mãos pequenas e bem feitos, unhas compridas e côr de rosa, usando no baixo ventre um quadro pintado de côr amarela, assim como de um cinto de umbira de burití, com a mesma côr amarela caindo pelas nádegas em forma de banda e de cordas finas em forma de pulseira, trazendo também no pescoço uma volta feita de algodão. Têm as orelhas bastante pequenas e a esquerda, sôbre a parte inferior, um tubo de pau.

Achavam-se armados os que vieram na vanguarda de cacetes de cerne de uma madeira denominada “Roncador”, com um metro e dez centímetros de comprimento e em forma de mão de pilão e bastantes pesados, nos parecendo ser as suas armas prediletas e de confiança, por isso que os armados de flechas, e estas mal feitas, ficaram na retaguarda como de proteção.”

Mais adiante, na página 65, afirma o chefe da expedição de 1887: “Julgamos não só pelas armas em nosso poder como por não termos encontrado nenhum vestígio, que êsses índios não possuem ferramenta alguma. A única palavra que podemos compreender foi a — “Corió” — pronunciada por ocasião de receberem os tiros.”

Os ferimentos do chefe da expedição, foram de tal gravidade, que determinaram grande perda de sangue pela bôca e pelo ferimento da cabeça, o que o obrigou a permanecer no mesmo lugar até o dia 14 de setembro, usando como medicamento “raspagem de casca de pau de lixeira”, pois a comissão naquela data não tinha o menor recurso para tratamento e alimentação.

Finalmente, devemos lembrar os nomes do 2.º sargento-cadete José Antonio de Souza e Albuquerque, 2.º sargento Felipe Benicio Ferreira da Silveira, soldado Gonçalo Hermogenes da Paixão, soldado Joaquim José de Freitas, civil Sebastião Duarte, que muito auxiliaram o chefe da expedição.

Temos, assim, chegado às conclusões seguintes:

1.º — Ter o tenente-coronel Antonio Tupy Ferreira Caldas, realizado uma expedição ao rio das Mortes, por ordem do govêrno da Província de Mato Grosso.

2.º — Que, esta expedição foi realizada no ano de mil oitocentos e oitenta e sete, partindo a comissão de Cuiabá, em 30 de março, chegando ao pôrto que denominou de Rodovalho, a 14 de agosto.

3.º — Que, êste pôrto Rodovalho, é o mesmo pôrto atingido em 1886, pelo engenheiro José Feliciano Rodrigues de Moraes, que

subiu o rio das Mortes até (72) setenta e duas léguas de sua confluência com o Araguaia.

4.^o — A Expedição Tupy Caldas percorreu duzentas léguas do curso do rio das Mortes, desde o pôrto alferes Messias até ao pôrto Rodovalho.

5.^o — Ter voltado por terra, com rumo sudoeste, orientando-se para a Freguesia da Chapada, atingida a 3 de novembro, chegando a Cuiabá às onze horas do dia sete, do mesmo mês e ano.

6.^o — Ter o coronel Tupy Caldas apresentado ao govêrno da Província de Mato Grosso, em 31 de dezembro de 1887, um relatório dos trabalhos da comissão que lhe fôra confiada e do qual possuo uma cópia manuscrita.

Dr. Jaci Antonio L. Tupi Caldas.

Catalogo de Inventarios existentes no Arquivo Publico do Estado

N.º 1 -- Alegrete

CARTORIO DE ORFÃOS

(Continuação)

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
João Antonio Dornelles ...	Emerenciana Munhoz Dornelles	24	1	85	1849
João Antonio Dornelles ...	Emerenciana Munhoz Dornelles	24	1	85	1849
Justo Maciel Cezar	Rita Maciel Cezar	25	1	85	1849
Joaquim de O. Albernaz ..	Prudencia Maria Munhoz..	26	1	85	1849
José Ribeiro de Siqueira ..	José Alves Paim	96	7	65	1849
José Bernardes da Silva e Outro	Anna Tavares Suria	98	7	65	1849
João Ribeiro Fariás Guimaraes	Maria Clara Ribeiro	105	7	65	1850
José Ignacio da Silva Abreu	José I. da Silva Abreu F.º	108	8	65	1851
João Rodrigues Jacques ..	Firmiana Ferreira Jacques	115	8	65	1852
Joaquim Avelino (Vulgo Baiano)	Albino M. de Souza	121	9	65	1853
João de Freitas Valle	Oliverio José Ortiz Filho..	122	9	65	1853
Justino Munhoz Camargo ..	Firmina Alves Munhoz ...	32	1	85	1854
Justiniano Munhoz Camargo	Firmina Alves Munhoz ...	32	1	85	1854
José Jacintho da Luz	Florinda Paula	133	10	65	1854
José Antonio de Carvalho.	Fernando Soares de Carvalho	134	10	65	1854

Inventariado	Inventariante	N.º do feto	M.	Est.	Ano
Joaquim Ferreira Braga e Outros	Alexandre do N. Frazão..	145	10	65	1855
José Gonçalves Pereira ..	Fabiana Maria Jacintha ..	146	10	65	1855
Josephina Soares de Mene- zes	Agostinho Dornelles de Sou- za..	147	11	65	1855
João Ferreira Martins ...	Francisco Fer. ^a Martins ..	158	11	65	1856 — 1854
Joana Carolina de Sampaio e Silva	Galdino de Freitas Noronha	157	11	65	1856
Joaquim Coutinho da Ro- cha	Laurentino Ignacio de Me- nezes	159	11	65	1856
João Vieira do Amaral ...	Maria Vieira do Amaral ..	160	11	65	1856
José Borges do Canto ...	Joaquina de Miranda Borges	161	11	65	1856
José dos Reis Nunes	Anna Nunes dos Reis	162	11	65	1856
Justiniano José Fernandes	Joaquim Dornelles de Souza	170	12	65	1857
João Francisco Sierra	Domingos R. Midon	179	13	65	1858
Justiniano Gomes de Oli- veira	Francisco Jorge Ribeiro ..	190	15	65	1859
José Vaz de Castro Amaral	Francisca E. do Prado Ama- ral	191	15	65	1859
João Baptista de Freitas e s/mer. Bernardina Fer. ^a do Sacramento Freitas ..	Pedro Baptista de Freitas..	199	16	65	1860
José dos Santos Abreu	Gaspar Iglesias	202	16	65	1860
Jeronymo Mendes de Oli- veira	Bibiano da Costa Machado	203	16	65	1860
João Francisco Dutra	Maria Soares Dutra	217	18	65	1862
Joana Rodrigues da Rosa..	Salvador José Dornelles ..	218	18	65	1862
João Silveira de Andrade..	Bernardina Coelho da Silva	230	18	65	1865
Joaquim José de Castro..	Urbana Rodrigues Dornelles	231	18	65	1865
José Joaquim Silva	Firmina Antunes de Melo..	232	19	65	1865
João Jayme dos Santos ..	Vasco Tarquinio de Abreu	246	20	65	1867
Joaquim José Flores	Francisco José Flores	254	20	65	1867
João Teixeira Pinto de Aze- vedo	Bento de Araujo Azevedo..	255	20	65	1867
José da Silveira Baptista..	Martinha Cabreira	271	21	65	1868
Joaquim Coelho de Oliveira	Maria do Carmo de Oliveira	272	21	65	1868
Joanna Maria da Conceição	José Benedito do Rosario..	273	22	65	1868
Joaquim Alves de Macedo	Antonia Alves Machado ...	274	22	65	1868

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Joaquina Paipasso	Francisco de Sá Brito	275	22	65	1868
João Francisco Taborda ..	Maria Pacheco Taborda ...	286	22	65	1869
José Joaquim Cardoso	Deolinda de Souza Cardoso	287	22	65	1869
Josepha Nogueira da Silva	Manoel Ribeiro de Almeida	288	22	65	1869
João Antonio Dias	Maria Antonia	289	22	65	1869
Justo Ferreira Ramos	Antonia Ferreira Ramos ..	299	23	65	1870
José Rodrigues Lopes	Angelica Claudina dos Santos	300	23	65	1870
José Manoel de Souza	Joaquina Maria Anhaia ..	301	23	65	1870
Joaquina Lopes e s/mdo. Antonio Rodrigues Lopes	Vasco Rodrigues Lopes ...	310	24	65	1871
José Fran.º de Azevedo e Eugenio Balsamão	Solidonia M.ª da Silveira..	313	24	65	1871
João Pedro Nagel	Maria Feliciano Coelho Nagel	317	24	65	1871
João de Barros Leite	Maria Pereira Leite	318	25	65	1871
Justiniano Gomes de Menezes	Francisca Carolina Braga..	319	25	65	1871
Joana Alves de Castro	Candido Gomes da Rosa ..	320	25	65	1871
João Esteves da Silva	Rafael Rodrigues da Silva	333	25	65	1872
José Rodrigues e s/mer. Andreza Rodrigues	Bonifacio Vargas	334	25	65	1872
Joaquim d'Avila da Rosa..	Simão Ant.º d'Avila	335	25	65	1872
João Machado da Silveira.	Constancia Franc.ª Rodriguez da Silva	358	28	65	1873
João Agostinho Telles	Etelvina Ortiz Telles	359	28	65	1873
José da Costa Leite	Belmira Soares Costa	360	28	65	1873
José Benedito da Silva	Maria Joaquina Vieira	364	29	65	1873
Jorge Lautert	Antonia Nunes Lautert	367	29	65	1874
Joaquina Paulo de Souza ..	Ricardo Paulo de Souza ..	379	30	65	1875
João de Quadros da Silveira	Amelia Frc.ª da Silveira ..	380	30	65	1875
José Brunet Y. Franqueza	Joaquina Torres de Brunet	381	30	65	1875
Justo José de Abreu	Mathilde de Abreu	383	30	65	1875
João Ramos Franco app. ao de Ludovino Rodrigues Ramos 1875	João Nascimento Franco...	384	30	65	1877
Joanna Rodrigues	Pedro Rodrigues	386	31	65	1875
José Benedito de Rosario..	Carolina Ricci do Rosario..	410	33	65	1877

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Josephina Cambraia de Menezes	Francisco de Souza Cambraia	411	33	65	1877
Joaquina Maria da Conceição	Benedicto José Anacleto ..	422	34	65	1878
José Ignacio de Abreu	Marcio Pinto da Costa Brandão	436	34	65	1879
José Ferreira Marinho	Amalia Hypolito Ferreira..	468	36	65	1881
João Josende Rodrigues ..	Rita de Oliveira Josende ..	469	36	65	1881
João Sabino Vieira	João Baltar	470	36	65	1881
Joaquim Nunes de Miranda	Franklin Nunes de Miranda	487	37	65	1882
João Ferreira Jacques	Rosa Gertrudes Jacques ..	488	37	65	1882
João Antonio Moreira	João Tavares Leiria	489	37	65	1882
José Dutra da Silva	Christina Dutra da Silva..	490	38	65	1882
José Francisco de Oliveira	Anacleto Rosa da Silva ...	491	38	65	1882
José Candido de Mello	Francisca C. de Menezes..	492	38	65	1882
João Caetano de Oliveira..	Francisca A. de Lima	493	38	65	1882
José Joaquim da Cunha ..	Adelaide da Rocha Luz Cunha	510	39	65	1883
Josuhé Rodrigues Machado	M.ª José Guedes Rodrigs...	511	39	65	1883
José Alexandre Machado de Bittencourt	Antonia Luiza de Bittencourt	512	39	65	1883
Jacinto Silveira de Andrade	Ubalдина Novel de Andrade	521	39	65	1884
José de Freitas Moraes ..	Anna Candida de Carv.º e Silva	522	39	65	1884
João José dos Santos	Felisberta Leonor dos Santos	523	39	65	1884
João Pinto de Azevedo ...	M.ª Margarida de Azevedo	536	40	65	1885
Joaquim Gomes Teixeira ..	Theodoro José Teixeira ...	537	41	65	1885
José Alexandre Machado de Bittencourt	Antonia Luiza de Bittencourt	538	41	65	1885
José Cancio da Silveira ...	M.ª José Gomes da Silveira	545	41	65	1886
José da Costa Ourives	Rosa Ourives Bueno	546	41	65	1886
João dos Santos Pinheiro..	Maria Mendes de Freitas..	564	42	65	1887
José Joaquim de Oliveira..	Severino Antonio Rosa ...	574	43	65	1888
Joaquim Antonio Aurelio..	Candida A. de Sant'Anna ..	598	44	65	1890
João Silveira Gomes	H. Amilthom S. Gomes ...	599	44	65	1890
José Candido de Abreu ...	Angelina de Abreu	600	44	65	1890
João Luiz de Souza	Anna Dias de Souza	601	44	65	1890
João Alves Pereira	Vasco Nunes Pereira	602	45	65	1890

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Joana da Silveira Guedes..	Victor Guedes da Luz	603	45	65	1890
João Alves de Medeiros ..	Isidro Alves da Silva	604	45	65	1890
João Gualberto Cabral ...	Justiniana Garcia Cabral..	618	45	65	1891
José Gonçalves Marques ..	Manoela Dornelles Marques	619	45	65	1891
Jesuino José dos Santos ..	Emilia Gonçalves dos Santos	627	46	65	1892
José Constantino Iedel ...	Lucio Constantino Iedel ..	628	46	65	1892
Joaquim Luiz Rodrigues ..	Joaquina Lucia Rodrigues.	629	46	65	1892
Joaquim José de Vargas..	Crescencio Jm. de Vargas..	630	46	65	1892
José Victor de Pinho	Argelinda Moreira de Pinho	631	46	65	1892
Joaquim Thomaz dos Santos e Silva	Zeferina S. dos Santos e Silva	639	46	65	1893
Jesuino José do Nascimento	Christina Moreira da Silva	640	47	65	1893
João Pedro Krug	Catharina Krug	641	47	65	1893
José Graciano da Silva ...	Rozaura Isabel Bica	659	48	65	1895
Joanna Ibarra	José Aleixo dos Santos ...	660	48	65	1895
Joaquim Mariano Salles ..	M. ^a Muñoz de Moraes	661	48	65	1895
Joaquina Ferreira de Lima	Crescencio de Lima	662	48	65	1895
João Pedro Polis em João Nunes de Miranda Polis	Maria Aldina de Azevedo Polis	674	48	65	1895
Joaquim de Oliveira	João Agache de Carvalho..	675	48	65	1896
José da Rosa Nery	Angelino Antonio de Souza	676	49	65	1896
Januario Antonio da Rosa.	Severino Antonio da Rosa..	681a	49	65	1897
João Ignacio de Bittencourt	Ubelina de Mello Bittencourt	689	49	65	1898
Joaquim Cassemiro de Freitas	Clementina Flores de Freitas	690	49	65	1898
Joana Amelia do Nascimento	Franc.º Pedrozo de Oliveira	700	50	65	1899
José Alves de Macedo	Semião Estellita da Cunha Soares	701	50	65	1899
João Schimitz	Clementina Schimitz	711	50	65	1900
João Fagundes de Oliveira	M. ^a Amelia Fagundes	712	50	65	1900
José Schemengler	Luiza Schemengler	723	51	65	1901
José Antunes da Silva e s/ mulher	Celestina Antunes Rocha..	724	51	65	1901
José de Souza Brasil	Maria P. Pereira Brasil ..	725	51	65	1901
João Ribeiro de Lemos ...	Maria Candida da S. Ribeiro	733	52	65	1902
José Carlos Vital Oliveira..	Antonio Vital de Oliveira..	734	52	65	1902
Jesuino Martins da Silva..	Alberto Soares Medeiros ..	735	52	65	1902
José Fernandes Porto	Perpetua Alves Porto	739	52	65	1903

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
João Antonio Cassamba ..	Onofre Nunes Quiroga	740	52	65	1903
José Pinto da Trindade ...	Felipe José Pinheiro de Le- mos	746	53	65	1904
Joaquim Pedro da Silveira	Deolinda Lopes da Silv. ^a Padão	747	53	65	1904
Justa Medina	Zeferino José Paz	748	53	65	1904
João José Pereira	Podalyra Castro Jobim ...	754	53	65	1905
Justa Maria da Trindade ..	Januaria Alves Nunes	763A	54	65	1907
Joaquim Moreira da Rocha	Rosa de Souza Dornelles ..	774	54	65	1909
José Ricardo da Silva ...	Eduardo José da Silva	779	54	65	1910
João Toujá	Alexandrina de Assumpção Viana	780	54	65	1910
José Carlos Guimarães	Isolina Azzaline Guimarães	787	54	65	1911
José Maria Correia da Cunha	José da Silva Leal	788	55	65	1911
Julieta Rodrigues Flores ..	Ricardo de Oliveira Flores	807	55	65	1914
Jeronymo Guedes Alves ..	Hortencio A. Rodrigues ...	814	55	65	1915
João Paz de Almeida	Maria Alzira dos Santos ..	815	55	65	1915
João Cassiano de Camargo	Maria da Gloria Sampaio Camargo	767	54	65	1918
K.					
L.					
Leonardo Gomes de Carva- lho	Delfina Maria	6	1	65	1825
Lina Ignacia da Silva e Tristão Francisco Ilha ..	Serafim Moreira Cuceirulo	11	1	85	1847
Luiz Martins de Oliveira e s/mer.	Bernardino M. de Oliveira.	97	7	65	1849
Luiz Antonio de Camargo e outro	Anna Tavares Leiria	98	7	65	1849
Leocadia Silveira Gomes ..	Duarte Silv. ^a Gomes	115	8	65	1852
Liberato José Guterres ...	Belmira Caetano Guterres.	123	9	65	1853
Leandro Carneiro da Fon- toura	Maria Duarte da Fontoura	171	12	65	1857
Lourenço Bamech	João Eteckiburne	180	13	65	1858
Liberato Rodrigues Jacques	Mariana R. Jacques	192	15	65	1859
Lourenço Carneiro Lobo e s/mer. Maria Jacinth					
Bueno	José Pedro Carneiro	239	19	65	1866
Liberato Antonio Guterres..	Joaquim Firmino do Prado	290	22	65	1869

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Luiz Maraliga	Maria Prestes da Silva ..	291	23	65	1869
Luiz Antonio de Camargo..	Irineu Antonio de Camargo	298	23	65	1870
Luiz Alves de Oliveira	Maria Alves de Oliveira ..	302	23	65	1870
Leonardo Ribeiro de Si- queira	Emilio Ribeiro de Siqueira	303	24	65	1870
Luiz Antunes de Moraes ..	João Antunes de Moraes ..	321	25	65	1871
Laurinda Gomes de Menezes	Joaqm. Franc.º de Oliveira	337	25	65	1872
Leonarda Dias de Camargo	Francisco Dias de Menezes	354	27	65	1873
Luiz Castanho de Araujo..	Zelinda de Paula Castanho	361	28	65	1873
Lino Antonio da Silva Cal- deira	Fausta Villela Caldeira ..	362	28	65	1873
Leocadia Carolina de Abreu	José Ignacio de Abreu	368	29	65	1874
Ludovina Rodrigues Ramos	João Ramos Franco	384	30	65	1875
Libindo Nunes Coelho e s/ mer. Umbelina Eulalia Nunes	Candida Eulalia Nunes ...	387	31	65	1875
Liberato Antonio Guterres	Joaquim Firmino do Prado	290	22	65	1869
Luiz Marafiga	Maria Prestes da Silva ..	291	23	65	1869
Luiz Antonio de Camargo..	Irineu Antonio de Camargo	298	23	65	1870
Luiz Alves de Oliveira	Maria Alves de Oliveira ..	308	23	65	1870
Leonardo Ribeiro de Si- queira	Emilio Ribeiro de Siqueira	303	24	65	1870
Luiz Antunes de Moraes ..	João Antunes de Moraes ..	321	25	65	1871
Laurindo Gomes de Menezes	Joaqm. Franc.º de Oliveira	337	25	65	1872
Leonarda Dias de Camargo	Franc.º Dias de Menezes ..	354	27	65	1873
Luiz Castanho de Araujo ..	Zelinda de Paulo Castanho	361	28	65	1873
Lino Antonio da Silva Cal- deira	Fausta Villela Caldeira ...	362	28	65	1873
Leocadia Carolina de Abreu	José Ignacio de Abreu	368	29	65	1874
Ludovina Rodrigues Ramos	João Ramos Franco	384	30	65	1875
Libindo Nunes Coelho e s/ mer. Ubelina Eulalia Nu- nes	Candida Eulalia Nunes ...	387	31	65	1875
Laurentina Alves d'Almeida	José Alves Chaves	399	32	65	1876
Luiz Manoel de Quadros ..	Pedro Machado da Silveira	400	32	65	1876
Leoncio Francisco Gonçal- ves	Maria Candida B. Gonçalves	423	34	65	1882
Ledomira Ferreira Alves ..	Claro Ferreira Alves	494	38	65	1878
Leocadia Gomes de Souza..	João Luiz de Souza	495	38	65	

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Luiz Cavalheiro do Amaral	Maria I. do Amaral e Silva	496	38	65	1882
Lidia Nunes Fioravanti ..	Anselmo C. Fioravanti ...	497	38	65	1882
Leandro de Souza Trindade e s/mer. Amelia Maciel Trindade	Scipião de Souza Trindade	555	41	65	1887
Lelia Nunes Nogueira	Sebastião Nunes de Miranda	565	42	65	1887
Lauro de Barros Leite	Herondines de Barros Leite	632	46	65	1892
Leopoldino José Vieira ...	Franc. ^a Baptista Vieira ..	677	49	65	1896
Luversina Ferreira Gabatu- ler	Leonardo Gabatuler	789	55	65	1911
Laurentino Ferreira Ramos	Francisco de Paula Monteiro	790	55	65	1911
Luiza Medina da Trindade.	Gaspar Medina	808	55	65	1914
M.					
Manoel Rodrigues da Rosa	Maria Thereza	3	1	65	1821
Matheus José Pereira	Eufrasia Dorothea	4	1	65	1823
Manoel José Ribeiro de Fa- ria	Thomé Ribeiro de Faria ..	8	1	65	1829
Manoel Machado Soares ..	Clara Maria de Oliveira ...	12	1	62	1830
Melchior Rodrigues	José Rodrigues Ferreira ..	13	1	65	1830
Maria Ribeiro da Conceição	José Manoel de Macedo ..	31	3	65	1834
Manoel Carvalho Baião ..	Rosa Maria de Oliveira ...	32	3	65	1834
Manoel Ignacio de Godoy..	Pedro Jorgal	33	3	65	1834 — 1837
Maria Michaela	Gaspar José Antonio	45	3	65	1835
Maria Marcellina Fontes ..	Hypolito Je. Rodrigues ...	52	3	65	1837
Maria Joaquina da Silva ..	Joaquim Ant.º de Oliveira..	62	4	65	1839
Mathilde Joaquina da Con- ceição	Manoela Leocadia de Abreu	64	4	65	1840
Maria Leocadia Madeira Ilharco	Bernardino Madeira Ilharco	66	5	65	1840
Maria Bernardina Braga ..	Justiniano Gomes de Mene- zes	70	5	65	1846
Maria Joaquina da Silva e s/md.º José Rodrigues ..	Manoel José Correa	71	5	65	1846
Maria Soares	Antonio Vieira	72	5	65	1846
Maria Innocencia Ferraz ..	Gaspar Iglesias	73	5	65	1846
Manoel Alvares dos Santos	Clementina Urbana dos Stos.	74	5	65	1846

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Maria Cabreira e s/marido Apolinario Roldão	Zozimo de Oliveira Bueno..	78	5	65	1847
Manoel de Castro Leite e s/ mer. Josefina das Chagas Rocha	Lucio Bueno da Rocha ...	9	1	85	1847
Maria Francisca da Concei- ção	Joaquim Soares da Trindade	82	6	65	1847
Manoel José Ribeiro de Fa- rias	Brigida M. ^a de Farias	91	7	65	1848
Manoel Joaquim do Canto e s/mulher	Agostinho P. de Carvalho.	92	7	65	1848
Maria Marcelina Soares — app. ao de Joaquim Fer- reira Braga	Joaquim Ferreira Braga ..	145	10	65	1848
Matheus Pereira de Souza..	Franc. ^a Ignacia da Concei- ção	27	1	85	1849
Manoel Alves Coelho de Moraes	Angelica M. ^a dos Santos ..	28	1	85	1849
Maria Thereza de Jesus ..	Manoel de Souza	99	7	65	1849
Manoel Pereira Jordam ...	Maria Izabel dos Santos ..	100	7	65	1849
Manoel Silveira Goulart ..	Leduvina Silveira	101	7	65	1849
Manoel Dias Coelho Penna	Juliana Maria de Jesus ...	102	7	65	1849
Maria Joaquina da Silva..	Gabriel Silveira de Castro.	29	1	85	1851
Maria Antonia	Frederico José Rodrigues..	109	8	65	1851
Manoel Pereira Vianna ...	Franc. ^a Gonçalves da Con- ceição	110	8	65	1851
Maria Joaquina da Silva ..	Gabriel Silveira de Castro..	29	1	85	1851
Maria Ferreira Camargo ..	Salvador Alves Pedroso ..	30	1	85	1852
Maria Ferreira Canabarro..	Salvador Alves Pedroso ..	30	1	85	1852
Manoel José Sanhudo	Alexandrina M. ^a da Concei- ção	135	10	65	1854
Mathilde Pedroso de Ma- chado	José Vieira de Macedo	136	10	65	1854
Manoel Maximo da Silva..	Felicidade Loureiro da Silva	137	10	65	1854
Manoel Custodio Nunes ...	Veronica Nunes da Silva..	33	1	85	1854
Maximiano Rodrigues Pon- tes	Dulcio José Corrêa	138	10	65	1854
Manoel dos Reis Nunes ..	Maria Juliana	139	10	65	1854
Manoel Custodio Nunes ...	Veronica Nunes da Silva ..	33	1	85	1854

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Manoel Duarte do Amaral..	M. ^a Michaela Duarte	148	11	65	1855
Maria Mancia Ribeiro	Bento Manoel Ribeiro	152	11	65	1853 — 1856
Manoel Correa (Indio e s/ mer. Maria Rosa (China)	João Sierra	163	11	65	1856
Maria Rosa (China e s/md.º Manoel Correa (Indio) ..	João Sierra	163	11	65	1856
Manoel Pires da Silva e s/ mulher	Fabiano Pires da Silva ...	164	12	65	1856
Maria de Almeida e s/md.º	Fabiano Pires da Silva ...	164	12	65	1856
Manoel José Arbettas	Joana M. Coelho Arbettas..	37	2	85	1856
Manoel dos Anjos Garcia..	Brigida B. de Souza	172	12	65	1857
Maria Fausta dos Santos ..	Christalino G. dos Santos..	173	12	65	1857
Manoel José Flores	Francisco José Flores	174	12	65	1857
Marcellina Maria Nunes ..	Francisco José Nunes	181	14	65	1858
Maria Michaela Duarte ...	João da Silva Brandão	182	14	65	1858
Maria Francisca Pereira ..	Jeronymo Mendes de Moraes	183	14	65	1858
Maria Mauricia de Andrade	João Francisco Pedroso ..	194	15	65	1858
Mathilde Maria do Nasci- mento	Manoel de Medeiros e Silva	193	15	65	1859
Manoel Silveira de Andrade	Eufrazia Guedes da Luz ..	194	15	65	1859
Mafalda Pereira da Silva ..	Duarte Silveira Gomes	204	17	65	1860
Mariana Nunes da Silveira	Franc.º Machado da Silveira	277	22	65	1860
Maria Vicente Rodrigues ..	Silvana Moreira Grinxel ..	225	18	65	1864
Maximiana Avelina Nay- maer	Carlos Paulino Naymaer ..	228	18	65	1864
Maria do Rosario	Evaristo de Souza Nunes ..	240	19	65	1866
Manoel Pereira Bastos Ro- drigues	Rita Soares Bastos	241	19	65	1866
Maria Rodrigues da Luz ..	Albano Pereira da Luz ...	242	19	65	1866
Manoel Antonio d'Anhaia..	Maria Machado d'Anhaia ..	256	20	65	1867
Maria Thomazia Vieira ...	Joaquim Pereira Fortes ..	257	21	65	1867
Manoel Joaquim do Canto e s/mulher	Manoel Joaquim do Canto Filho	258	21	65	1867
Manoel Ribeiro de Siqueira	Christina E. de Siqueira ..	259	21	65	1867
Manoel João Pinto de Ca- margo	Silvano João P. de Camargo	260	21	65	1867
Maria Paula de Jesus	João Alberto dos Santos ..	261	21	65	1867
Maria Julia de Castro Jobim	Francisco M. da Cruz Jobim	261	21	65	1867
Manoel José de Freitas ..	Tito Teixeira de Almeida ..	276	22	65	1868

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	N.	Est.	Ano
Maria José de Azambuja Costa	Manoel Patricio de Azambuja	279	22	65	1869
Maria Candida Rolim e s/ marido Eleutherio Rolim	Firmino de Carv.º Prates..	284	22	65	1869
Maria Antonia d'Araujo ..	Mathias Teixeira de Almeida	292	23	65	1869
Manoel Gomes de Oliveira.	Cezaria Gomes	293	23	65	1869
Maria Aldina Antunes da Silva	Marcos Custodio de Lima..	295	23	65	1869
Maria Eleuteria	Maria Alves de Oliveira ..	304	24	65	1870
Maria Ignacia de Medeiros	Fidelis Ignacio de Medeiros	305	24	65	1870
Manoel Ribeiro de Almeida app. ao de Josepha Nogueira da Silva — 1869..	Francisco Ribeiro de Almeida	288	22	65	1871
Manoel Moreira	Patricia Antonia Moreira..	322	25	65	1871
Mathilde Carolina de Abreu	Vasco Tarquinio de Abreu.	323	25	65	1871
Maria Alexandrina	Joaqm. Nunes de Miranda	324	25	65	1871
Mauricia Francisca Rodrigues	Joaqm. Mel. Rodrigues Silva	325	25	65	1871
Mariana Justina do Nascimento	João Gualberto da Costa Lerina	326	25	65	1871
Maria Franco Gomes	Silvestre Gomes da Rosa..	338	26	65	1872
Maria Gomes Anhaya	Vicente Alves Afonso	339	26	65	1872
Manoel Franco de Oliveira	Alexandrina Rosa dos Santos	340	26	65	1872
Manoel Joaquim de Almeida	Feliciano Osorio de Almeida	363	29	65	1873
Maria Joaquina Vieira	Manoel Luiz Cambraia	364	29	65	1873 — 1874
Maria do Carmo de Oliveira	João Ignacio de Bittencourt	369	29	65	1874
Mathias Teixeira de Almeida	Anna Castro Jobim Teixeira	370	29	65	1874
Maria Guedes da Luz	Zeferino Fernandes Machado	371	29	65	1874
Manoel José da Silva	Carlota de Sá e Silva	388	31	65	1875
Mathilde da Silva Severo..	Bernardo Ant.º Severo	389	31	65	1875
Maria das Dores Jacques..	Jesuino Rodrigues Jacques	390	31	65	1875
Manoel de Medeiros Silva..	Laura Alves de Oliveira ..	391	31	65	1875
Maria Francisca da Silveira	Raphael Gargaro	412	33	65	1877
Manoel Ferreira da Cunha	David Pereira da Silva	413	33	65	1877
Manoela Leocadia de Abreu	Venancio Mathias de Azevedo	424	34	65	1878
Maria Gomes Anhaia	Florianio Antonio Anhaia ..	439	35	65	1878

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Maria Rosaura de Lima ..	João Bernardino da Rosa ..	437	34	65	1879
Maria Prestes da Silva	Paulino Ferr. ^a Gonzaga ...	438	35	65	1879
Maria Venancia da Conceição	Elisio Lourenço Pinto	440	35	65	1879
Maria Gonçalves de Almeida	Pedro Antonio de Souza ..	441	35	65	1879
Maria do Rosario Nunes ..	Manoel de Barros Leite ..	455	35	65	1880
Manoel Pracido dos Santos	Joaqm. Pereira Fortes	456	35	65	1880
Maria Julia	José da Silva Vilela Real..	457	35	65	1880
Maria Joaquina de Abreu ..	Vasco José de Abreu	458	35	65	1880
Maria Aldina Telles	João Telles de Souza	459	35	65	1880
Maria do Carmo Cavalheiro	Alfredo Baptista de Freitas	470	36	65	1881 — 1892
Maria Joana da Trindade ..	Firmino Severo da Trindade	471	36	65	1881
Manoel Bento da Silveira..	Firmina Ferreira da Silva..	472	36	65	1881
Manoel José Schmitz	Rosalina de Souza Schmitz	473	36	65	1881
Maria Candida de Abreu ..	Nicolau Apprato	474	36	65	1881
Maria José do Amaral Rocha	Prudencio Luiz A. da Rocha	498	38	65	1882
Maximiano Apolinario de Oliveira	M. ^a Baptista de Oliveira ..	513	39	65	1883
Maria Maxima Soares	Simeão Estelita da Cunha Soares	514	39	65	1883
Maria Firmina	José Ignacio da Rosa	524	39	65	1884
Maria Angelica Paim	Timotheu Alves Paim	525	39	65	1884
Manoel Florentino de Avila	Candida Gomes de Avila ..	526	39	65	1884
Maria Leopoldina de Araujo	Raphael Antonio de Araujo	527	39	65	1884
Mariana Nunes Machado ..	José Delfino Alves	528	40	65	1884
Mariana Ferreiro Severo ..	Severo Antonio Severo	547	41	65	1886
Manoel Antão de Oliveira..	Joaquina Prado de Oliveira	548	41	65	1886
Maria Antonia da Silveira..	Antonio de Souza Nunes ..	549	41	65	1886
Manoel Antonio Teixeira ..	Carolina Paim Teixeira ...	550	41	65	1886
Maria Elisa do Prado Guterres	Rufino Antonio Guterres ..	566	42	65	1887
Manoel Antonio Chaves ...	Maria do Carmo Chaves ..	567	42	65	1887
Manoela Francisca Carvalho Pires	Pedro Antonio Pires	577	43	65	1888
Marcos Pereira da Silva ..	Firmino Ferreira da Silveira	578	43	65	1888
Maria do Carmo Vital Pinto	Octavio Carlos Pinto	579	43	65	1888
Marcellina Fischer	Felipe Fischer	605	45	65	1890
Manoel Maciel Castanho ..	Alexandrina Castanho	606	45	65	1890
Maria da Gloria Menezes..	Feliciano Luiz de Menezes	607	45	65	1890

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Manoel Fernandes Dornelles	Floriana Fernandes Dornelles	620	46	65	1891
Maria Michaela Ramos ...	Manoel Antonio Ramos	621	46	65	1891
Maria do Carmo Cavalheiro	Alfredo Bapt. ^a de Freitas ..	470	36	65	1892 — 1881
Manoel Luiz Cambraia	Maria Amalia Cambraia ..	633	46	65	1892
Manoel de Menezes Mello..	Rita de Mello Vianna	634	46	65	1892
Maria Luiza Ribeiro	Vasco Ferreira da Trindade	635	46	65	1892
Manoel Teixeira Bicca	João Pedro de Medeiros ..	642	47	65	1893
Maria de Oliveira Bicca ..	João Pedro de Medeiros ..	642	47	65	1893
Manoel Gonçalves	Marfiza de Campos Gonçalves	647	47	65	1894
Maria Antonia Garcia e s/ md.º Firmino Antonio da Silva	Thomaz Antonio de Lima..	656	48	65	1895
Maria Amalia Alvariza	Toribio Alvariza	663	48	65	1895
Marcos Christino de Carvalho	Josepha Silva de Andrade..	664	48	65	1895
Maria Mathilde dos Santos	Estofanio José dos Santos	665	48	65	1895
Maria José de Carvalho Ortiz	Jóão Paulo de Freitas Valle	666	48	65	1895
Manoel Adolfo Charão	Clara Vieira Charão	678	49	65	1896
Maria Gertrudes Jacques ..	Tristão Ferreira Jacques..	679	49	65	1896
Maria da Gloria Menezes ..	Franc.º de Paula Menezes	685	49	65	1898
Maria José Gomes da Silveira	Claudino Gomes da Silveira	691	49	65	1898
Marfiza Bretas e s/marido Amaro Alves Ferreira Bretas	Illibia A. Bretas	706	50	65	1900
Malaquias Pereira de Castro	Delfina O. de Castro	713	51	65	1900
Manoel Nunes Coelho	Inocencia Nunes da Luz ..	714	51	65	1900
Maria Justina Rocha e s/ marido	Celestino Antunes Rocha ..	724	51	65	1901
Manoela Fernandes da Silva	Francisco da Silva Ferrão..	726	51	65	1901
Manoel Antonio de Oliveira	Anna Fausta de Oliveira ..	741	52	65	1903
Maria Pereira Paz da Silva	Pedro Paz da Silva	742	53	65	1903
Maria Constanca Monteiro	Pedro de Alcantara Monteiro	743	53	65	1903
Maria Antonia	Zeferino José Paz	749	53	65	1904
Mathilde Magna de Lara ..	Laurentino Lara	764	54	65	1907
Manoel Theodoro	Thimotheo Martins	765	54	65	1907

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Maria Luiza Fagundes	Gabriel Tito do Canto	775	54	65	1909
Miguel Prates	Crescencio Cardoso da Luz	776	54	65	1909
Maria Josefa Pereira Fernandes	Joaquim P. da Cunha e Silva	799	55	65	1912
Maximiano Alves Corrêa ..	Maria Eulalia Alves	800	55	65	1912
Martins Rodrigues Anhaia..	Clementina R. Anhaia	809	55	65	1914
Manoela de Abreu	Belarmino Paz da Silva ..	816	55	65	1915
N.					
Nicolau Antonio Severo ..	Faustina R. da Rosa	34	3	65	1834
Nicoláo Pietro Celles	Dolores Pietro Celles	622	46	65	1891
Nazario Nunes	M. ^a Candida Ramos	761	53	65	1906
Nicolau Danodie	Luiza Zaccaro	768	54	65	1908
O.					
Oliverio Antonio da Silveira	Claudina Franc. ^o Silveira ..	243	19	65	1866
Oliverio José Ortiz	Anna Ortiz da Silva	294	23	65	1869
Oliverio Antonio Guterres..	Maria da Gloria Portela Guterres	402	32	65	1876
Oliverio Antonio da Fontoura e s/mer. Anna Florinda da Luz	Filisbina Florinda da Fontoura	427	34	65	1879
Olyntho Nunes Pereira ..	Antonia Abreu Pereira	682	49	65	1897
Octavio Jacntho de Oliveira	Felicidade Gonçalves de Oliveira	781	54	65	1910
P.					
Paula Francisco da Silva ..	Felisberto Pereira da Silva	63	4	65	1839
Patenciana Joaquina do Canto e s/marido	Agostinho P. de Carvalho..	92	7	65	1848
Prudencio Tarquino de Abreu	José Carlos Pinto	149	11	65	1855
Pedro José Lemes	Marcos Custodio de Lima ..	295	23	65	1869
Pedro Lucio Caminha	M. ^a Alexandrina de Azevedo	306	24	65	1870
Paulino Alves dos Santos..	Afra Pereira dos Santos ..	341	26	65	1872
Prudencio Luiz da Rocha..	Franc. ^a de Paula Cidade ..	342	26	65	1872

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Porfíria Antonia Severo ..	Damasio José Severo	414	33	65	1877
Pedro Mayalla	Maria Medina Mayalla	568	42	65	1887
Paulina de Sá Jacques e s/ marido	Percio de Sá Brito	569	42	65	1887
Pedro Schmitz	Benevenuta de Almeida Schmitz	580	43	65	1888
Perciliana Pereira Jubim..	Podalirio de Castro Jubim..	588	44	65	1889
Pedro Leandro Martins	Joanna Alves	536	46	65	1892
Pedro Gonçalves Caminha..	Antonia de Azambuja Cami- nha	643	47	65	1893
Pedro Schmitz	Chistiano Schmitz	680	47	65	1896
Pedro Franco	Idalizia S. Franco	692	49	65	1898
Philomena Contino	Miguel Contino	782	54	65	1910
Pedro Maciel de Assimpção	Julia Pahivi Maciel	791	55	65	1911
Paulino Francisco Lopes ..	Elidia Monteiro Lopes	801	55	65	1912
Praxedes Guedes de Oliveira	Clemente de Oliveira	810	55	65	1914
Q.					
Querino João Pinto	Victorino João Pinto	195	15	65	1859
R.					
Rafael Pinto de Oliveira ..	Joaquina Placida de Jesus	21	2	65	1831
Rita Joaquina	Serafim Rodrigues da Silva	53	4	65	1837
Rosa Victorina de Oliveira	Manoel Paulo de Souza ...	75	5	65	1846
Ricardo Alves de Macedo..	Benta E. de Macedo	93	7	65	1848
Rosa Maria de Jesus app. ao de Joaquim Ferreira Bra- ga	Joaquim Ferreira Braga ..	145	10	65	1848
Rufina Antonia de Lima ..	José Antonio de Lima	106	7	65	1850
Rita Dornelles Blanqui ...	Arthur Blanqui	210	17	65	1861
Rosa Maria do Carmo	José de Souza Cardoso	222	18	65	1863
Rufino da Costa Lyra e s/ mer. Rosa Candida da So- ledade	Dyonisia do Carmo da Cos- ta Lyra	278	22	65	1868
Rosa Candida da Soledade e s/md.º Rufino da Costa Lyra	Dyonisia do Carmo da Costa Lyra	278	22	65	1868

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Rosa Francelina Pereira ..	Hilario Domingues Vieira..	343	26	65	1872
Rita Nunes de Aguiar	Procopio Marques da Silva	415	33	65	1877
Rafaela Josefina de Abreu	Fidencio José Bastos	475	37	65	1881
Rosalino Ferreira Bicca ..	Rosaura Rodrigues Bicca ..	529	40	65	1884
Rosa Maria Leite	Franc.º de Souza Cambraia	530	40	65	1884
Rosaura Rodrigues Bicca ..	Bento Ferreira Bicca	551	41	65	1886
Rosaura Bicca	Bento Ferreira Bicca	570	43	65	1887
Rufino Alves de Oliveira ..	Eufrasia Alves Palma	581	43	65	1888
Rufina Ribeiro Pahym	José Alves Pahym	589	44	65	1889
Rosa Camilla Ferreira Bicca	João Ferreira Bicca	608	45	65	1890
Rosa Schmidt Jobim	Laerte de Castro Jobim ..	637	46	65	1892
Reynaldo Marques de Oliveira	Mariana Tavares de Oliveira	644	47	65	1893
Rita de Cassia Ortiz Telles	João Telles de Souza	667	48	65	1895
Rufina Monteiro da Rosa..	Angelino Antonio de Souza	676	49	65	1896
Romoaldo Lucas Arandes ..	João Paulo de Freitas Valle	693	49	65	1898
Rhêa Silvia de Abreu Prates	Firmino Carvalho Prates ..	702	50	65	1899
Roberto Ayedo da Rosa ...	Candido Gomes da Rosa ..	715	51	65	1900
Rafael Dias	Jorge Magno Falcão	762	54	65	1906
S.					
Severino Gomes de Oliveira	Bernarda dos Stos. Menezes	9	1	65	1829
Severino Gomes de Menezes	Anna F. de Menezes	49	3	65	1836
Senhoria Theodora de Jesus	Domingos Mathias Azevedo Filho	76	5	65	1846
Sezefredo de Souza Teixeira	Manoel Franc.º Pereira ...	10	1	65	1847
Salvador Lopes de Vargas	Brigida de Souza Vargas ..	85	6	65	1847
Senhorinha de Souza Cambraia	Francisco B. de Souza	124	9	65	1853
Silvana Maria da Silva ...	Franc.º José Nunes	150	11	65	1855
Salvador Antunes de Camargo	Maria Antonia da Siqueira	211	17	65	1861
Semiano José Goulart	Zeferina Clara Goulart ...	219	18	65	1862
Sebastião Rodrigues de Quevedo	Manoel Ribeiro de Siqueira	233	19	65	1862
Serafim José de Oliveira ..	Umbelina Joaqn.ª dos Santos	244	19	65	1866
Silveria Candida do Canto e s/marido	Manoel Joaquim do Canto Filho	258	21	65	1867

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Severina de Souza Cambraia	Franc.º de Souza Cambraia	392	31	65	1867 — 1875
Silveria Alves da Silva ...	Carolina M.ª Alves	307	24	65	1870
Severina de Souza Cambraia	Franc.º de Souza Cambraia	392	31	65	1875 — 1869
Senhorinha Maria da Conceição Costa	Basilio Jose da Costa	393	31	65	1875
Severino de Souza Trindade	Vicente Leodoro de Souza e Trindade	401	32	65	1876
Senhorinha de Souza Haspern	João Haspérn	416	33	65	1877
Senhorinha de Oliveira Baltar	João Baltar	425	34	65	1878
Senhorinha Maria de Oliveira	Antonio de Paula Guedes..	442	35	65	1879
Sebastiana Saint-Pastous ..	Affonsina Saint Pastous ..	460	36	65	1880
Silvestre Gomes da Rosa ..	Guilhermina Aedo Gomes..	476	37	65	1881
Senhorinha Franco Goulart	Laurindo José Goulart	499	38	65	1882
Senhorinha Alves Menezes	Francisco José Nunes	500	38	65	1882
Sezefredo Gonçalves Leal..	Delfina Maria Alves	531	40	65	1884
Severino Ribeiro Carneiro Monteiro	M.ª Rachel Ribeiro Carn.º Monteiro	552	41	65	1886
Senhorinha Maciel Castanho	Domingos Cavalli	553	41	65	1886
Simplicio Ignacio e s/mer.	Percio de Sá Brito	569	42	65	1887
Sabino Basilio da Cunha..	Joaquina Pompeu da Cunha	668	48	65	1895
Suzana Schmitz	Christiano Schmitz	680	49	65	1896
Sabino de Oliveira Machado	Simeão E. C. Soares	703	50	65	1899
Silvina dos Santos	Franklin dos Santos	792	55	65	1911
T.					
Thereza Joaquina de Jesus	Agostinho D. de Souza	46	3	85	1835
Tristão Francisco Ilha e Lina Ignacia da Silva	Serafim Moreira Cucuruto..	11	1	85	1847
Tristão Ferreira Martins ..	Antonia Ferreira da Silva..	140	10	65	1854
Thimotheo Vargas da Silveira	Clara de Freitas Vargas ..	245	20	65	1866
Theodoro da Silva Pinto F.º	Balbina de Lima Pinto ...	308	24	65	1870
Theophilo Rodrigues Machado	José Francisco Machado ..	344	26	65	1872
Thome Joaquim dos Anjos..	Antonia Claudina dos Santos	426	34	65	1878

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
Toribio Garcia	Guiomar G. Garcia	793	55	65	(18) 1911
Theodomira Pinheiro Nobrega	Tristão B. Nobrega	804	55	65	1913
U.					
Urbano Silveira de Castro..	Delfina F. da Silveira	125	9	65	1853
Ursula Maria dos Santos ..	José Franco Xavier	220	18	65	1862
Umbelina de Souza	Joaquina Maria Anhaia ...	301	23	65	1870
Umbelina Eulalia Nunes e s/md.º Libindo Nunes Coelho	Candida Eulalia Nunes	387	31	65	1875
V.					
Virissimo José Paim e s/mulher	Antonio José Paim	47	3	65	1835
Vicente Soares Leiria	Firmina Nunes Leiria	107	7	65	1850
Victorino de Souza Trindade	Josefa Tertuliana	35	2	85	1855
Vasco José de Abreu	Maria Joaqn.ª de Abreu ..	184	14	65	1858
Vicente de Souza Trindade	Agostinho Lemes da Silva..	185	14	65	1858
Virissimo José Paim	Rita Ribeiro Paim	196	16	65	1859
Victor Antonio Guterres ..	Claudina de Azevedo Guterres	327	25	65	1871
Virgilio Pereira de Vargas	M.ª Ignacia de Vargas	328	25	65	1871
Vasco Candido da Rosa ...	Florinda de Souza Brasil..	372	29	65	1874
Valentim Trautmann	Zeferina Adorna Trautmann	443	35	65	1879
Vicentina Alves da Trindade	Basilio Gonçalves da Trindade	461	36	65	1880
Verissima Angelica de Carvalho	Miguel Jacintho de Carvalho	477	37	65	1881
Vasco José de Abreu Filho	Ozorio Antonio de Araujo..	478	37	65	1881
Virgilio Machado	Luiza Fernandes Machado..	554	41	65	1886
Vasco Antonio da Silveira..	Salvador Fernandes Guedes	669	48	65	1895
Victor Guedes da Luz	Virgilio Guedes da Luz ..	670	48	65	1895
Venancio Telles da Cruz ..	José da Silva Leal	683	49	65	1897
Venancio Rubim de Medeiros	Leopoldina de Oliveira Campos	704	50	65	1899
Vicente José Vieira	Leonida Vieira	744	53	65	1903
Valesiana Gregoria da Silva	Não Consta	769	54	65	1908

Inventariado	Inventariante	N.º do feito	M.	Est.	Ano
W.					
Wenceslau José de Mello ..	Duarte José de Mello	280	22	65	1868
X. Y.					
Z.					
Zeferino Coelho Netto	Candida Francisca Coelho Netto	186	14	65	1858
Zeferina Maria Nunes	Lefredo Nunes da Silva ..	197	16	65	1859
Zeferino Gonçalves Leal ..	Iria Joaquina da Silva	223	18	65	1863
Zeferina Silveira	Pedro Gonçalves da Luz ..	296	23	65	1869
Zeferino Antonio Nunes ..	Josefina Silva Nunes	394	31	65	1875
Zeferino de Souza Blanco ..	Joana Amelia do Nascimento	539	41	65	1885
Zulmira Pacheco Itaquy ..	Arthur A. Itaquy	811	55	65	1914
Cartório de Cível e Crime — Alegrete					
A.					
Anna Josefina de Abreu ..	José Ignacio de Abreu	3	1	68	1846
Afonso Saraiva	João Pires	7	1	68	1847
Anna Joaquina da Conceição e s/marido	Libindo Nunes Coelho	18	1	68	1853
Auristella Maria de Almeida	Feliciano Pereira Fortes ..	25	1	68	1857
Antonio José de Vargas ..	Silveria Moreira de Vargas	38	2	68	1860
Anna Jacques	Joaquim Rodrigues Jacques	43	2	68	1862
Anna Francisca dos Santos	Luiz Antunes de Moraes ..	48	2	68	1863
Antonio José de Oliveira..	Rita Maria de Oliveira	52	2	68	1865
Antonio Joaquim Barboza..	Franc. ^a Barbosa de Carvalho	59	2	68	1867
Alexandre José de Vargas	Ignacia Leoncina de Vargas	63	2	68	1868
Antonio Pereira de Souza..	Constância Pereira de Souza	64	2	68	1868
Antonio José da Cunha ...	Jeronyma de Oliveira da Cunha	95	4	68	1876
Antonio Basilio Ortiz	Affonso Climaco de Almeida e Castro	123	4	68	1888
Alexandre Luiz Rodrigues..	Anna do Carmo Dornelles..	124	4	68	1888
Afra Pereira dos Santos ..	João Candido dos Santos ..	142	5	68	1895
Antonio Ferreira Ramos ..	Anna Ramos	143	5	68	1895

(continuará)

Através da imprensa

O mundo das letras

E L O Y P O N T E S

As escolas literárias, em regra, não passam de esforços para vencer as indiferenças. As atenções fatigam-se e reclamam, de onde em onde, *algo de nuevo*, ainda que este consista apenas em ornamentar tudo quanto de velho já se conhecia. Classicismo, romantismo, parnasianismo, simbolismo, realismo constituem movimentos de superfície. O fundo das coisas permanece. Nem o homem encontrou, até hoje, coisa alguma que se assemelhasse a preceitos estranhos ao que de humano sentimos e compreendemos. Isto já foi dito em latim, com firmeza, por gente muito antiga e muito lúcida... E aí está por que sempre acolhemos sem prevenções, mas com dose enérgica de complacência irônica, os evangelistas e discípulos de credos novos. E' certo que todos eles se enchem de cóleras, inflam as bochechas com desaforos, sopram forte para o ar. Tudo por que? Apenas por-

que (adverte Daudet em *Aphorismes sur la polemique*), *l'étalage de la bêtise des gens et de leur ignorance les offenses plus que celui de leur scélératesse...* Não importa. Já agora definimos atitudes que não se podem alterar facilmente. Percebemos que estas nos predispoem para juízos sem máculas e opiniões libertas de suspeitas. E' o que sentíamos, ainda agora, ao longo das quinhentas e poucas páginas de *Cavaquinho e saxofone*, crônicas de Antonio de Alcantara Machado. Livro póstu-

Explicando a colheita e coordenação destas crônicas, Alcantara Machado, pai, recorda que o autor, morto antes dos trinta e quatro anos, mal tivera tempo de publicar dois livros de contos, dois de história e outro de viagens. De-

pois explica os perigos dos livros póstumos, onde não intervém a vontade de quem escreveu. Acontece, porém, que Antonio de Alcantara Machado tinha o propósito de reunir em volume suas crônicas, exparsas na imprensa carioca e paulista. Com justos motivos? Sem dúvida alguma. Entre os que admitiram a probabilidade da revolução literária, capitaneada, no começo, por Graça Aranha, ele podia reclamar um dos melhores póstos. Vindo duma ascendência fixada em provas constantes de talento, cultura e bom gosto, Antonio de Alcantara Machado destinava-se, desde logo, a opulentar o patrimônio recebido. Por isso mesmo sua morte prematura desconcertou, amargurando a todos quantos o conheciam. Já dissemos isto em outro ensêjo. Repetimo-lo aqui para melhor compreensão das pequenas divergências, que nos acompanharam até o fim da leitura. Parece-nos que Antonio de Alcantara Machado não tinha o critério crítico aguçado pela indulgência, que só as longas leituras e os conhecimentos concedem. O capítulo que escreveu sobre Bernardo Guimarães, por exemplo, como caricatura das biografias ditas romanceadas, é excelente. Mas, dos pontos de vista da crítica literária, é insensato. Ninguém analisa um panorama senão com auxílio das distâncias. Colocado há perto de um século, na história de nossa formação literária, boêmio, descuidoso, indiferente às coisas do mundo quase, Bernardo Guimarães é uma figura das mais pitorescas. Por que achá-lo risível? Seus romances

tinham as corcovas, os joanetes, as calosidades da época.

Estamos escrevendo como se o autor dessas páginas vivesse. Há aqui um bom humor inesgotável. Antonio de Alcantara Machado é antes de tudo, humorista. Fazia pouco caso de tudo, principalmente do *consagrado*. Daí a formação dum estilo, que parece ingênuo e teima em seguir as regras da sintaxe espontânea, liberta das influências ditas literárias. A exemplo dos cronistas, que tanto alagaram as páginas da imprensa, aí pelas alturas de 1870 em diante (Ferreira de Araujo, Urbano Duarte, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque), Antonio de Alcantara Machado dum nada extraía páginas saborosas de espírito. Apenas êsse permanente chancear, decorrendo de atitudes, trai premeditações, a cada passo. Vamos transcrever sem escolha:

“E me deixem agora falar da literatura, coitadinha. Foi nela bem ou mal que a revolta da geração explodiu primeiro. Decidiu-se começar por aí matando o que já estava morrendo. Isto é: cheia de vida estava ela, mas de uma vida que só enganava os bobos. Convinha, portanto, quebrar o feitiço. Aproveitou-se para isso o movimento que, principiado antes de 1914, só depois de 1918 se acentuou no mundo inteiro. Não foi imitação, mas cooperação. O Brasil literariamente estava longe do mundo. Jogou-se o lérdo para a frente, ele caiu na realidade de fora, falta

agora cair na realidade de dentro. Os helenos foram enxotados. Que apareçam os brasileiros."

Um dos *trucs* da revolução literária *futurista*, também chamada *modernista*, de que Antonio de Alcantara Machado foi elemento sensível, consistiu em adotar palavras chulas como de boa linhagem, misturando-as com astúcia às locuções correntes, que os gramáticos repudiavam à tôa e o tom de conversa, que impunha a impressão da completa espontaneidade de quem escreve sem pensar nos leitores. O processo deu resultados. Mas gerou também artifícios, anistiando os medíocres. Quantos imitadores canhestros tiveram estas crônicas, a seu tempo? Hoje ninguém mais as escreveria, impondo-se. Lendo-as, temos a impressão de que tudo isso já data... Mas, é certo que estas páginas se voltam diante dos olhos e da compreensão sem fatigá-los. De onde verificamos que a originalidade não se procura. Tem-se ou não se tem... Antonio de Alcantara Machado, por instinto e por força de esforços, conseguiu criar feitiço próprio, inconfundível, inimitável. Todos quantos o imitaram foram reconhecidos de longe. A despeito do desprezo aparente da boa prosa, das atitudes contrárias à disciplina, dos *trucs* impostos pela corrente a que se aliou, Antonio de Alcantara Machado era prosador de boa água. Sua admiração por Carlos de Laet denuncia preferências, que dispen-

sam conjecturas. A prosa do cronista se robusteceu sempre em mananciais saudáveis. Não se deixou constranger. Antonio de Alcantara Machado foi espírito aberto às reformas lógicas e indispensáveis.

Cavaquinho e saxafone (Livraria José Olympio, editora, Rio), pertence à lista dos poucos livros provocados pelo movimento dito *futurista*, também chamado *modernista*, que as gerações vindouras hão de ler com interesse. Aqui se encontra a história dum largo período da vida intelectual de São Paulo. Essa história é escrita em termos que dispõem os espíritos à leitura. Algumas delas não se esquecem. A homenagem a Voltolino e Juó Bananere, dois caricaturistas (a lapis e a pena), do italianismo paulista, por exemplo. A página sobre Gabriel D'Anunzio, do mesmo jeito. Citaríamos outras, sem esforços. Alcantara Machado, apresentando a coletânea, que amigos de Antonio de Alcantara Machado coordenaram, em boa hora, escreve que ela apresenta unidade por força do estilo personalíssimo do autor e da coragem de dizer sem rodeios o que pensava honestamente. As circunstâncias poderiam ser definidas em mais amplas demonstrações. O estilo deste cronista se fazia dum constante sarcasmo em face das coisas solenes. A irreverência, sem afrontas; a ironia, sem peçonhas; o propósito de dizer em voz alta tudo quanto os outros pensavam e não diziam, deram às crônicas de

Antonio de Alcantara Machado elementos de vida, que ainda instigam as curiosidades e compen-sam a leitura. Os amigos do es- critor, que recolheram estas pá- ginas, não homenagearam apenas uma memória. Deram ao patri- mônio literário nacional documen- to ótimo de uma das fases de sua formação.

As imagens de nossa formação vêm sendo animadas aos poucos, por falta de depoimentos valiosos. Tudo quanto temos, capaz de do- cumentar e esclarecer os passos da nossa formação, encontra-se em ar- quivos e anais. As figuras de maior relêvo da nossa história ainda exigem sindicâncias e pes- quisas. E' o exemplo do marechal Duque de Caxias, cuja vida glo- riosa está vinculada a todos os atos substanciais da nossa forma- ção. Coordenando quanto se es- creveu, dando buscas, reunindo depoimentos, estabelecendo gráfi- cos, Affonso de Carvalho escreveu *Caxias* (Livraria José Olympio, editora, Rio), onde se encontram, já agora, em ordem, os aspectos da vida do grande chefe militar. Cadete aos cinco anos de idade, oficial no justo momento da Inde- pendência, constituído o Império, Luiz Alves de Lima e Silva seria o guarda vigilante da sua unida- de. Como sempre acontece, distúr- bios de múltiplas origens e peque- nas guerras civis enquistaram o país e exigiram energias inflexí- veis. A *abrilada*, a *balaiada*, as sedições de Sorocaba, de Barba-

cena, de Santa Luzia, foram ma- nanciais de temores, que a bravu- ra de Caxias extinguiu. Como to- dos os homens bravos, Luiz Alves de Lima e Silva era inacessível aos rancores. Generoso, afogava os motins para logo aliciar os amo- tinados, anistiando-os e aprovei- tando-lhes as capacidades. Foi assim na mais importante das guerras civis que ameaçaram o Império com a desagregação: os Farrapos. Vencendo os revolucio- nários, ao cabo de lutas tremen- das, Caxias anistiou-os logo em seguida.

Affonso de Carvalho recapitula e reconstitue todos êsses episódios com simpatia e entusiasmo. Apro- veitando tudo quanto se escreveu sôbre a figura empolgante de Ca- xias, desenvolvendo as análises e críticas, deu-nos o perfil mais completo que já se traçou do he- róí. O perfil mais completo, em casos análogos, é sempre o último. Desde a *Vida do grande cidadão Luiz Alves de Lima e Silva*, de monsenhor Pinto de Campos pas- sando pelos *Apontamentos para a história militar do Duque de Ca- xias*, até os trabalhos exaustivos e magníficos de Vilhena de Mo- raes, muito se tem escrito no sen- tido de estabelecer juízos seguros a respeito do grande brasileiro. Levado ao exercício de mandatos políticos, membro do Conselho de Estado, intervindo nas lutas civis do Uruguai e da Argentina, con- tra as ditaduras que estrangula- vam os dois povos vizinhos, Ca-

xias foi sempre uma inteligência feita de equilíbrio e um temperamento acessível a todos os apelos de altruísmo. O fato que culminou na sua vida, dando-lhe alto relêvo excepcional, a nosso vêr, foi o comando-em-chefe dos exércitos que lutaram com o Paraguai. Aos sessenta e cinco anos de idade, senador e homem de prestígio junto ao trono e diante do país com fôlha de serviços extraordinários, não dependendo de mais nenhum sacrifício para se impor à admiração futura, Caxias seguiu sem vacilações os caminhos do dever patriótico. Assumiu o comando e comandou de fato. Sua presença nos pantanais do Sul acendeu as chamas da coragem nos corações, restaurou a confiança nas fileiras, reconstituiu as regras da ordem e da disciplina, coordenando as vontades inflexíveis e desfazendo as prevenções estultas. Daí a vitória. Affonso de Carvalho explica os lances principais das batalhas, onde a bravura lúcida de Caxias sempre garantiu o triunfo. São páginas duma interpretação excelente, iluminadas aqui e ali pelas demonstrações técnicas e onde se destacam e evidenciam a inteligência e as virtudes de Caxias.

Tomada Assunção, a guerra com o Paraguai estava virtualmente acabada. Vencendo os inimigos, dominando-os, inibindo-os, Caxias deu por extinto o mandato. Não havia necessidade de exterminar o Paraguai. A monarquia, porém, entendeu de insistir. O conde d'Eu

teve o comando-chefe e, invadido o Paraguai, admitiu a caça a Solano Lopez, até sua morte. Hoje verificamos que foi um erro. Quando Caxias considerou a guerra finda, afastando-se do comando-chefe, um tratado generoso de paz poderia ser imposto com proveito, tranquilizando-se o Continente. A aliança triplíce assegurava a tranquilidade. O Império concedeu a Caxias as maiores honras que lhe era possível conceder. No regresso do Paraguai, já não coberto de medalhas e condecorações apenas, mas de benemerências, recebeu o título de Duque, o que valia dizer de membro da família imperial. Aqui é que nos colocamos um pouco em discórdia com Affonso de Carvalho. O conde d'Eu era⁹ príncipe consorte e o título lhe atribuía privilégios extraordinários. O imperador quis enfeitá-lo com o comando-chefe dos exércitos, quando a luta fôra dada por finda, com justos motivos. Comeceu um erro. Isto, porém, não diminuiu em coisa alguma as homenagens a Caxias, que pôde ainda dar ao país, nos planos dos mandatos políticos (senador, conselheiro de Estado, ministro e chefe de gabinete) provas dum patriotismo sereno, lúcido e contrário aos desforços caolhos e às indulgências inúteis. Como cidadão, o marechal Duque de Caxias foi espelho de modéstia. Como homem, chefe doméstico, íntimo dos que lhe conquistaram as simpatias, foi paradigma de discreção e dignidade sem arrogâncias. Affonso de Carvalho, recorda todos êsses aspectos, em capítulos breves, resumindo

perspectivas da maior formosura moral. Pelo prestígio, conquistado nos rudes serviços à coletividade, o marechal Duque de Caxias foi o elemento moderador, que extinguiu os germes das discórdias e nunca se ocupou encarniçadamente senão do interesse nacional.

Afonso de Carvalho, recordando esses fatos, destaca-os com calor, aviva-os pela força duma prosa excelente, tonificada e liberta de efeitos ornamentais. A morte de Caxias dá-lhe elementos para fixar o que ela representou para a ordem, que era, ao tempo, o organismo do Império, representado

pela dinastia. O clericalismo vaticinara a queda do trono. Vaticano seguro apenas porque o marechal Duque de Caxias cedera aos castigos dos anos e às ciladas das enfermidades. O trono tinha ficado sem ponto de apoio, depois que a morte, imobilizando a mão de Caxias, inutilizara a espada, que *"durante mais de meio século fora a garantia de um Império, o orgulho de um Exército e a honra de uma Nação"*. Palavras de Afonso de Carvalho. Palavras que resumem impressões exatas e devem ser recordadas como síntese perfeita duma formidável existência.

(De "O Globo" — do Rio de Janeiro).

O Centenário do Dr. Manoel Joaquim Saraiva 1840-1899

*"O culto dos mestres deve
ser a religião dos que
aprendem" — Miguel Pe-
reira.*

Não fôra a conturbada hora que a Humanidade atravessa, certamente muitas e brilhantes seriam as comemorações centenárias que, no ano corrente, deveriam, realizar as agremiações científicas e setores outros da cultura médica contemporânea.

Por certo, haviam de ser lembradas solenemente as datas centenárias dos nascimentos de figuras as mais eminentes das artes e ciências médicas, como sejam clínicos Dieulafoy, Lepine e Jurgensen, o cirurgião Lannelongue, o higienista Layet, os neurologistas Erb, e Krafft-Ebbing, o psiquiatra Christian, os oftalmologistas, Badal, Leber e Mauthener, além dos nossos patrícios Manoel Joaquim Saraiva, Ramiro Monteiro e Januario de Faria, todos os três brilhantes mestres que fo-

ram em nossa Faculdade de medicina.

Mereceria também a honra de uma lembrança especial a personalidade de Kal Ernst Abbel (1840-1905) o notável físico de Jena, criador das aparelhagens de microscopia e de refratometria que lhe perpetuam o nome, o qual, a-pesar-de não ser médico, foi distinguido com o diploma de doutor "honoris causa" pela Faculdade de Medicina de Halle.

De todos estes vultos atraí-nos a atenção no dia de hoje o dr. Manoel Joaquim Saraiva, o saudoso professor de Higiene na Faculdade de Medicina e de Medicina Pública na Faculdade de Direito da Bahia, que precisamente há cem anos (4 de novembro de 1840), nasce nesta capital. Doutorado em medicina pela Faculdade em 1864, seguiu no ano imediato para a guerra do Paraguai, como médico da Armada, tendo sido, pela sua bravura, condecorado com as medalhas comemorativas das ba-

talhas de Riachuelo, Humaitá e Corrientes.

Voltando à Baía, ingressou, em 1872, no magistério da Faculdade, como expositor, após dois brilhantes concursos. Em 1874, concorreu a cátedra de Patologia Geral, ao lado de Almeida Couto, Egas Muniz Sodré de Aragão, Ramiro Monteiro, e Moraes Caldas, sendo vencedor o professor Egas Muniz.

Diz um historiador da Medicina baiana que “êste concurso foi um dos mais brilhantes havidos na Faculdade, pela superioridade das provas exibidas pelos ilustrados e talentosos candidatos”.

Em 1883 foi promovido a lente de cadeira de Higiene, vaga pelo falecimento do professor Moraes Caldas.

A sua atuação no magistério foi de um brilho inextinguível. E’ o saudoso e erudito Gonçalo Muniz que nos informa:

“Como professor da Faculdade foi um dos mais eminentes, pelo brilhante talento e grande ilustração, tendo sido um dos mais esforçados campeões do promovimento do ensino prático no mesmo estabelecimento. A êle se deve com efeito a inauguração dos estudos técnicos e experimentados na cadeira de Higiene, instalado o respectivo laboratório, e insistindo sempre na importância dos trabalhos e exercícios que constituíam as suas aulas práticas. Foi muito operoso, assíduo e zeloso no cumprimento dos seus deveres de magistério. Por tantos e tamanhos méritos e serviços foi, portanto, o dr. Saraiva cidadão dos mais

prestantes e patriota dos mais beneméritos.”

Ainda merecem transcritas algumas das palavras do sempre lembrado mestre Anísio Ciruncea, Circundes, ao propor à Faculdade que se desse o nome do dr. Saraiva ao Laboratório de Higiene: “Não vejo quem entre nós à Pátria, à Ciência, e à Humanidade tenha serviços superiores aos do doutor Manoel Joaquim Saraiva”.

Deixou o Sr. Saraiva valiosos trabalhos sobre a sua disciplina, destacando-se dentre êles: um Projeto de Regulamento dos Serviços de Higiene e Assistência Pública para o Estado da Baía, e um estudo sobre Esgotos na capital da Baía.

Era primeiro cirurgião reformado do Corpo de Saúde da Armada, Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e da Ordem de Cristo. Foi um dos primeiros professores da Faculdade de Direito da Baía, onde exerceu com invejável fulgor a cátedra de Medicina Pública.

Faleceu o professor Saraiva a 22 de Janeiro de 1899. A propósito de sua morte, conta-nos uma das Memórias Históricas da Faculdade que “quando a nossa população, ameaçada de uma sêca tremenda, lutava com sérias dificuldades para o abastecimento d’água, o dr. Saraiva, já adoentado, vai pessoalmente colher água do Di-que para examiná-la, quando aí contraiu uma perniciosa pulmonar, que o vitimou. Morreu no seu posto de honra”.

Deixou o Dr. Saraiva descendência ilustre, representada, dentre

outros, pelos seus filhos Dr. Mario Saraiva, notável químico patricio, residente na capital federal, onde mantém no magistério da Universidade do Rio as tradições gloriosas de seu progenitor, bacharel Artur Simas Saraiva, integro Juiz de Direito de Cachoeira, Frederico Simas Saraiva, competente engenheiro da Prefeitura

desta capital, Franklin Saraiva, farmacêutico ilustre e abastado agricultor no Rio Grande do Sul.

E aqui termina êsse registo, singela homenagem a essa personagem invulgar que foi Manoel Joaquim Saraiva, o pioneiro do ensino da Higiene Experimental no Brasil. *Leucipo* — (Do "Diário da Baía").

Pelos sertões do Brasil

Glovis de Gusmão

A literatura de viagens em nosso país é muito pobre ainda e a rara que existe não é suficientemente conhecida. Se assim não fôsse o nome do coronel Amilcar Botelho Magalhães seria um nome famoso de norte a sul do país como um dos nossos grandes sertanistas. Secretário da Missão Rondon ainda no tempo em que a construção de linhas telegráficas era embargada pelos índios a flexadas, autor de vários livros, o coronel Amilcar Botelho de Magalhães teve a oportunidade excepcional de acompanhar o ex-presidente Theodore Roosevelt na sua jornada aos sertões de Mato-Grosso e Amazonas. Daí a importância de suas lembranças. Homem simples, o coronel Amilcar recebeu-nos com o seu sorriso de sempre, como se tudo aquilo, todos aqueles anos que ele vivera a serviço do seu país entre perigos sem conta não tivessem nenhuma importância.

— Mas as memórias de um homem de sertão terão mesmo alguma importância para “Dom Casmurro”?

E foi preciso que insistíssemos

muito para que ele começasse a falar, sem rodeios, direto, como é de seu sistema:

— “Minha estréia no sertão foi em comêço de 1908. Quando terminara o meu curso de engenharia-militar e contra os desejos manifestados por meu saudoso Pai, que era General da ativa e me queria junto de si, escolhera a Comissão Rondon para iniciar a minha carreira de engenheiro. E escolhera sabendo muito bem que o serviço lá era pesado, que era ingrato o clima e que a nossa vida ali estava mais em cheque do que em nenhuma outra parte... Mas nos sentíamos fascinados pela auréola de glória que circundava o nome de Rondon!... E rumámos, pela terceira vez, para Mato-Grosso...”

— Então o Coronel serviu por três vezes em Mato-Grosso?

— Ainda fiz uma quarta viagem, para acompanhar a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, através do sertão, para sair no Amazonas, de 1913 a 1914...

— Mas, prossigamos nas minhas reminiscências... Naquele tempo,

em que não dispunhamos da E. F. Noroeste do Brasil, só podíamos ir a Mato-Grosso por vias marítima e fluvial, subindo o Rio da Prata e o Rio Paraguai, o que nos permitiu conhecer três capitais sulamericanas, com que deliciávamos a vista e encantávamos a nossa mocidade (tínhamos então 28 anos, contra os 61 de agora!...): Montevideú, Buenos Aires e Assunção além de outras cidades e vilas ribeirinhas, entre as quais Rosário de Santa Fé e Corrientes, esta junto à foz do majestoso Rio Paraná que se lança aí no não menos imponente Rio Paraguai...

Da maior turma de engenheiros-militares, cerca de uma centena, que concluíram o curso em 1907, apenas três aceitaram a prática na Comissão Rondon: O 1.º Tte. Luis Carlos Franco Ferreira, cujo organismo, depauperado pelo impaludismo daquelas regiões, foi a causa principal do seu prematuro desaparecimento, em 1926, já no posto de coronel o 2.º Tte. Themistocles Paes de Souza Brasil, agora coronel da Reserva do Exército; e o 2.º Tte. Julio Caetano Horta Barbosa, atualmente General de Divisão e Presidente do Conselho Nacional do Petróleo — três distintos, inteligentes, dedicados e provecos engenheiros-militares, cujos nomes ficaram gravados nos fastos da Comissão Rondon, principalmente o do último, que por lá se demorou muito mais que todos nós e sempre encarregado dos mais penosos serviços e dos de maiores responsabilidades técnicas.

Rondon determinara que nos recolhêssemos com toda a urgência

a S. Luiz de Cáceres, via Corumbá e lá nos apresentávamos a êle, hospedando-nos no escritório da Comissão naquela longínqua e atrasada cidade, sem água encanada, sem esgôto, sem iluminação, sem calçamento nas ruas... célebre também pelo barro vermelho e pegajoso, que se grudava às solas dos nossos sapatos, fazendo-nos... crescer!... Logo de chegada, fomos convidados para irmos incorporados ao Chefe, receber os camaradas estoicos que acabavam de construir — com êle à frente, no incrível aceleramento dos trabalhos finais — a difícil linha de Cáceres à cidade de Mato-Grosso, a antiga capital colonial. Que desagradável surpresa!... Pareciam cadáveres desenterrados, de tão magros e esqueléticos, todos êles de mãos febris... Acercámo-nos do médico, hoje Coronel da Reserva, nosso bondoso amigo dr. Armando de Calasans, incansável e dedicado como poucos, e êle nos contou o que foi essa verdadeira epopéia; todos os veículos vinham abarrotados de doentes, na sua grande maioria vítimas do paludismo e da moléstia "sui-generis" daquela zona: a "corrução", que êle dr. Calasans classificava como um caso particular do mesmo paludismo, mas em cujo tratamento assistí o fracasso das doses cavalares de quinino... Os demais doentes, que eram tôdas as praças do contingente, vinham a pé, mas só podiam caminhar à tardinha, entrando pela noite a dentro, e pela madrugada; durante o dia, a turma acampava à sombra das florestas e o médico, auxiliado pe-

los oficiais, injetava quinino por via subcutânea, em mais de duzentos enfermos, tarefa penosa para a qual se aperfeiçoaram as mãos generosas e o grande coração católico do saudoso tenente Emanuel Silvestre do Amarante, morto no sertão, no posto de Major, deixando viúva uma filha de Rondon e cinco órfãos...

Eu os vi, depois, todos em forma, à sombra de enorme figueira, na praça fronteira ao velhíssimo quartel do antigo 19º Batalhão de Infantaria: tinham os cabelos compridos e em desordem, os rostos escaveirados, as barbas longas e hirsutas, as pernas bambas, o olhar apagado dos grandes e prolongados sofrimentos físicos... Eram espectros humanos que iriam, por largo tempo, encher os hospitais... Sentimos, no fundo da alma, uma piedade imensa por êsses pobres mártires, sacrificados pelo progresso de nossa Pátria, no silêncio e na solidão daqueles confins...

Depois de tomar parte numa grande cavalgata, formada para o bota-fora de Rondon e da turma de Exploração que, sob sua insubstituível chefia, desvendaria mais uma etapa do sertão, entre o rio Juruena e a chamada Serra do Norte, retornei a Cáceres, afim de me agregar ao contingente de novas praças, procedentes dos corpos da guarnição do Rio, sob o comando do saudoso Capitão Narciso Ramos. Embarcados em lancha, a cujo costado se fixara, formando

com ela sistema, o grande batelão em que iam os soldados, os graduados e os sargentos, além de toda a bagagem, subimos ainda mais o rio Paraguai e fomos desembarcar no velho e decadente povoado cujo nome assinala um fenômeno geográfico local: "Barra dos Bugres".

Embora contra o meu voto, preferiu o Capitão acantonar numa grande casa, em ruínas, ao em vez de acampar desde logo e iniciar assim a normalidade em que iria viver o destacamento. Por ordem do Capitão vistoriei o edifício e assegurei que, embora em condições precárias de estabilidade, não nos cairia em cima pois que lhe sustentavam a cobertura esteios poderosos de lagítima aroeira, a madeira de lei por excelência daquelas paragens... Examinando-os fiquei estupefato, visto como, apesar de enterrados havia mais de um século, conforme o letreiro mal escrito do frontispício, ali estavam tão perfeitos como na época em que a casa fôra erigida! Era a prova prática da resistência da aroeira como madeira para chão.

Ali tivemos o primeiro contacto com o enérgico ajudante de Rondon, o então Major Marciano de Oliveira e Avila, que voltava de suas férias anuais, gosadas sempre em Porto Alegre... Enquanto conversava com este distinto engenheiro militar...

— Desculpe interrompê-lo... mas este oficial não é o mesmo que faleceu há pouco no Rio Grande, no posto de General?...

— Sim, infelizmente... Como o

Sr. vê na minha idade, falando do passado, tenho de caminhar por entre túmulos... a esparzir flores de saudade, em homenagem aos companheiros que já descansam na eternidade!... E este bem as mereceu! Por lá deixou fama de valente e corajoso... Não fôsse êle gaúcho... Um tanto violento e impetuoso, entre muitos episódios, conta-se que certa vez metera o cavalo em cima de um soldado que o desrespeitara e a este espancara a rebenque! Do meu encontro com êle guardei dois episódios curiosos:

Junto a um córrego, dentro do próprio povoado, havia uma frondosa figueira, carregada de frutos maduros que atraíam uma incommensurável e variegada multidão de pássaros. Aos primeiros alhores da madrugada punhamo-nos ali de espreita e matávamos à escolha os espécimens mais apreciados para pôr no arroz... A certa altura, meio despeitado por errar vários tiros, aliás à bala, com a sua espingarda de salão, lançou-me um desafio. Tinha pousado num galho alto um coleiro e apostámos: êle atirou e errou... Meio nervoso, puxei do meu revólver Nagant-Russo e... tirei umas penas da pequenina ave. — “Foi acaso!” — exclamou êle. E nisto, outro incauto passarinho de igual tamanho pousa no mesmo galho. Apontei então com mais firmeza e a bala espafifou o mimoso plúmítico, espalhando pelo espaço muitas de suas penas, que voavam pelo ar como arminhos... Ai, numa grande e sincera expansão de alegria, o Major Avila aplaudiu-

me, mostrando-se sinceramente admirado diante de tal proeza.

No dia seguinte, entusiasmado com a exuberância da floresta, com as belezas da natureza e cheio de curiosidade, embrenhei-me pelo mato e só voltei à hora do almôço; e foi ao Major que encontrei primeiro... para rir-se de mim a bandeiras despregadas! Vinha eu todo arranhado, de tanto me coçar, e indagava de Avila se não seria isto talvez proveniente de ter andado por baixo de certa espécie de aroeiras, que causam estes pruridos e fazem entumecer e irritar a pele de quem passa sob a sua fronde. — “Isto é carrapatinho! Você está cheio dêles! Vá tratar de mudar de roupa...”

Foi aí que prestei atenção aos minúsculos e múltiplos pontinhos, que se deslocavam, espalhando-se pela roupa, aliás um kaki quase da cor desses representantes da célebre e numerosíssima família (ixódidas) de aracnídeos... e afinal se instalavam na nossa pele, mordendo-nos impiedosamente!

Tive depois oportunidade de conhecer os bolos de carrapatinhos, pendentes dos arbustos e das plantas rasteiras e formados de milhões de indivíduos... Os animais incautos e a gente sem prática de andar no sertão, ao tocar nesses núcleos, recebem a carga indesejável e incômoda de milhares e milhares de carrapatinhos com que a natureza, sábia, mas traíçoeira, os mimoseia... Nasce e proliferam rapidamente logo após a época das chuvas, quando estas cessam, e começam a se-

gunda das duas únicas estações daquelas paragens: a época da seca, entre abril e setembro.

Após os indispensáveis preparativos para a marcha, partiu o contingente como tropa de infantaria, fazendo etapas diárias de 20 a 24 quilômetros, passando por "Afonso", para alcançarmos as cabeceiras do Uazuliatiá ou rio dos Kagados, segundo a tradução da língua Parecí para a nossa... Parando só para comer e dormir, cobrimos cerca de 150 quilômetros de péssima estrada e subimos as encostas do tradicional "Chapadão dos Parecís".

"Aí tivemos a decepção de conhecer a... mata fina de Mato Grosso... uma vegetação especial, característica desses chapadões, como em Goiás e no Norte do Brasil, composta de arbustos de pouco mais de um metro de altura. Aí, como junto à estação de "Parecís", existem campos limpos, cobertos de gramíneas, estas, porém, de péssima qualidade, áspers, cortantes e sem valor nutritivo.

É bastante curiosa a posição do chapadão de Parecís, que forma aí o maciço divisor de águas que correm para o Norte e pertencem à bacia do Amazonas, das que correm para o Sul, demandando as dos rios Paraná, Paraguai e Rio da Prata.

Morei quase um ano no ponto em que construí a primeira estação do sertão: Parecís, que, apesar de suas paredes de adôbes crus de barro, ainda lá está de

pé, já lá vão mais de três decênios, quando, entretanto, algumas de suas contemporâneas ruíram por terra, abandonadas pela falta de recursos para sua conservação.

Lá de cima, olhando para o Nordeste, tínhamos as cabeceiras de "Água-Verde", formador do "Sumidouro", que desagua no Rio Arinos; o "Sacuriu-iná ou rio do Sangue, que banha a estação de "Ponte de Pedra", acidente de grande beleza e originalidade, constante de duas amplas lajes de pedra, por sobre uma das quais passa hoje a estrada de rodagem, este último rio afluente do "Juruena". Olhando para o Sudoeste, tínhamos as cabeceiras do rio Tenente Lyra, antigo Sepotuba, e do rio Paraguai...

— São diferentes as águas do Norte e do Sul?

— Não, absolutamente. Há entretanto uma curiosidade interessante a assinalar: o melhor peixe de rio, o mais saboroso, que é o "matrincham", só se encontra nos rios que correm para a bacia do Amazonas e absolutamente não aparece nas águas do Sul ou da bacia do Paraguai-Rio da Prata. Isto constitui uma curiosidade tanto mais notável quando sabemos que as águas aí das duas bacias quase que se entrelaçam.

— O "projecto cartógrafo Coronel F. Jaguaribe Gomes de Matos, ora encarregado da conclusão da Carta de Mato-Grosso, na qual se consubstanciarão todos os trabalhos das "Comissões Rondon", pro-

nunciou interessante conferência intitulada: "De Colombo a Rondon", quando de passagem por Porto Alegre, em 1936, com a qual justificou a sua idéia bastante original de criar a ficção geográfica do "MERIDIANO RONDON"... aliás esta homenagem singular merecera já a aprovação por aclamação do III Congresso Internacional de História das Ciências, para cujo certame ele contribuíra com a sensacional tese "Les idées sur la Physiographie Sud-Américaine".

Este inteligente e culto auxiliar de Rondon que há cerca de 30 anos chefia o serviço cartográfico da "Comissão Rondon", paciente pesquisador por cujas mãos passaram já 100.000 mapas e cartas de Mato-Grosso e zonas circunvizinhas, que organizou mais de 10.000 fichas relativas ao mesmo assunto; o mesmo técnico ilustrado a quem coube a responsabilidade de selecionar, reajustar e coordenar a obra tumultuária de todas as comissões chefiadas pelo General Rondon a fazer geografia através do sertão de Mato-Grosso e pelas imensas fronteiras de nossa Pátria; assinalando e estudando as seis ligações existentes entre os rios que correm para o Amazonas e os que correm para o Paraguai, formando o que, convencionalmente, se denominam de *Águas emendadas*, chegou à conclusão de que propriamente só havia, no ponto de vista hidrográfico, uma única bacia a que poderíamos chamar a Bacia Sul-Americana, subdividida em "bacia amazônica" e "bacia sub-amazônica". E depois

de mostrar as águas emendadas" do rio Amazonas com o Madalena e com todos os rios da vertente Norte do Atlântico, bem assim com vários rios da bacia do Prata; do Amazonas com o rio S. Francisco que, por sua vez, se liga ao Paraná e por intermédio deste ao Uruguai; traçou no mapa da América do Sul uma grande faixa, acentuando o trajeto líquido desde a foz do Essequibo, pelo interior do continente, até a foz do Prata, entre 7° de latitude Norte e 36° de latitude Sul e entre 54° e 61° a oeste de Greenwich — faixa essa que ocupa a posição aproximada de um largo meridiano a que ele propôs chamar de MERIDIANO RONDON, numa expressiva e já consagrada homenagem ao grande "sertanista".

— "No seu livro "Pelos sertões do Brasil", estão descritos todos os trabalhos da Comissão Rondon e da Expedição Roosevelt-Rondon?

— Não, Sr. Em breve a Companhia Editora Nacional lançará a reedição de outro livro meu: "Impressões da Comissão Rondon", onde há mais matéria semelhante e onde relato outros episódios da vida nos nossos acampamentos do sertão. Na capa da primeira edição, há anos esgotada, figurava, como o Sr. vê do desenho original de F. Tarquinho que ora lhe apresento, Rondon com a indumentária e os "apeiros" de que usava nas suas excursões pelo nosso "hinterland", e, de pé, junto à montada, o inteligente "fox-terrier", o célebre "Caf"...

— “Célebre” por que?...

— É que o Cai auxiliava Rondon nos levantamentos expeditos, pelo mato dentro, carregando à boca a caderneta do levantamento...

Tão abismado diante de muitas provas de sagacidade desse animal, um índio que acompanhava Rondon disse-lhe uma vez: “— Cai, não é cachorro... Cai... é gente!...”. Certa vez o auxiliar-canino quase foi responsável pela perda de um longo serviço de levantamento, pois que, olvidando-se por um momento de sua nobre função... humana, correu atrás de um veado, levando para a floresta a caderneta... E, quando regressou, não trazia à bôca o precioso documento! Rondon então ralhou e procurou fazê-lo compreender que devia ir buscar a caderneta onde quer que a tivesse deixado... Cai afinal compreendeu e partiu como uma flecha, trazendo dentro em pouco a preciosa caderneta, que, entre pulos e ganidos de alegria, entregou a Rondon!... Até parece o epílogo do “Fiel” de Guerra Junqueiro!...

Mas, ainda além do que conto neste outro volume, de cerca de 300 páginas, mais as narrativas do que acaba de sair, com 500 páginas e 22 capítulos, ainda há muita matéria a tratar para esgotar o vastíssimo campo dos trabalhos da Comissão Rondon nos nossos sertões e nas nossas fronteiras”.

— “No livro também esgotado: “Missão Rondon”, de que vos ofe-

reci um exemplar incompleto, em cuja confecção entrou também a minha deficiente colaboração, há uma interessante entrevista de Rondon sobre a personalidade e as opiniões do notável estadista “yankee”. Ali também se encontra a interessante troca de impressões de um e de outro destes dois grandes homens, relativamente aos casos cômicos de que foi protagonista Savage Landor...

No meu livro também há várias passagens interessantes que assinalam período de cerca de cinco meses em que ambos fizeram juntos a travessia pelo sertão, entrando por Mato-Grosso e saindo no Amazonas, fazendo História Natural e fazendo Geografia, inclusive a decifração da incógnita hidrografia do tão falado Rio da Dúvida e o levantamento do Rio Roosevelt, com desenvolvimento linear superior a 1.000 quilômetros...

Roosevelt concebera a idéia de efetuar a travessia do nosso sertão, mas na verdade não ligara a tais projetos nenhum trabalho de utilidade para o Brasil. Minha convicção é de que ele tinha em mira executar algo de sensacional, para impressionar aos seus compatriotas e ao Mundo, e, correlativamente pretendia caçar animais notáveis destinados a figurarem nos Museus Norte-Americanos como espécimes por eles oferecidos e pessoalmente obtidos. Daí a suposição de que ele pretendia apenas fazer caçadas no interior do Brasil; de modo que, ao convidar Rondon para acompanhá-lo nessa excursão, recebera o nosso Minis-

tro do Exterior, dr. Lauro Muller, a ponderação de que “aceitaria com prazer a incumbência, se essa travessia não fôsse exclusivamente para fins cinegéticos, mas visasse algo de útil ao País”...

Daí se conclue logicamente que devemos à atitude do nosso “sertanista” as conquistas feitas pela “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”, o que permitiu ao saudoso estadista norte-americano o poder dizer, com plena verdade perante a Sociedade de Geografia de Londres e falando do rio que tomou o seu próprio nome: — “I put it in the map...”.

— “Disse-me o Coronel que acompanhou Roosevelt ao sertão?...”

— Sim, até o embarque no rio da Dúvida, sobre o qual reproduzo alguns comentários, que figuram no meu livro:

“A exploração e o levantamento geográfico do rio foram iniciados no dia 27 de fevereiro de 1914, em pleno sertão, utilizando-se para isto de sete canoas fabricadas de madeiras da floresta existente nas suas margens. A maior delas, que era a mais estável, foi destinada ao Cel. Roosevelt; em outra embarcaram o Coronel Rondon e o saudosíssimo 1.º tenente João Salustiano Lyra, aos quais estava afeto o serviço de levantamento auxiliado por Kermit Roosevelt, filho do grande estadista americano e que ocupava pequena canoa, servindo espontaneamente de porta-mira; finalmente as quatro

canoas restantes, acostadas duas a duas, formando balsas, conduziam as cargas da expedição, inclusive gêneros alimentícios para toda a travessia.

“Afigura-se-me ainda fixada na retina aquela cena inolvidável do embarque presenciado, por mim do tosco balaústre da ponte aí construída pela Comissão Telegráfica, para servir ao pessoal da conservação e às tropas. Parece que sinto até agora no coração, ao lembrar o fato, o apêto desse vago temor de um insucesso que pudesse empalidecer a estrela do eminente amigo e se refletisse sobre a nossa estremecida Pátria!

“Não eram exagerados estes temores, porque as canoas, depois de carregadas (as maiores tinham capacidade para 1.200 quilogramas) e tripuladas, apresentavam apenas alguns centímetros de borda acima do nível da água, apesar do auxílio que recebiam dos flutuadores de talos de buriti, adaptados aos costados: bastaria o brusco movimento de um homem inhábil, para que se alagassem e submergissem.

“Mas, felizmente, o almirante em chefe dessa esquadilha era o conhecido “sertanista”, veterano nessas lides e que, mais uma vez, venceu brilhantemente todas as dificuldades com que teve de lutar a expedição”.

“... Houve, porém, algumas coisas mais sérias a lamentar: A ameaça iminente de um ataque de índios, a morte de um canoeiro, vítima de desastre, na travessia da cachoeira “Simplicio” e o assassínio de um sargento — fatos

estes que demonstram a justeza do conceito emitido, a propósito, pelo general Rondon: — “Ninguém inicia, é certo, uma empreza do gênero desta em que nos achamos empenhados sem antes se haver familiarizado com a idéia dos perigos a que se vai oferecer e das inúmeras ocasiões em que terá de se encontrar com a morte!”

— Ainda a propósito da organização da Expedição Roosevelt-Rondon, cumpre lembrar aqui ter-me honrado o General com o convite para voltar a servir sob as suas ordens, mediante longo telegrama que expedira do alto-Jamari, em fins de outubro de 1913. Aceito o convite, que deveria ser antes encarado como uma ordem a que nos não podemos furtar, recebi o encargo de preparar, com a pouca prática já adquirida do sertão, o material para a travessia e para os serviços técnicos. Apresentei-me a 21 e, tendo de atender horas a fio aos entendimentos diretos com o sr. Roosevelt, no Ministério do Exterior e dar mil e uma providências em vários outros Ministérios, a 25 de novembro seguinte assistíamos ao embarque de parte da comitiva brasileira e de 221 volumes de carga.

A 2 de dezembro embarcávamos em companhia de Rondon, pela E. F. Central do Brasil, em demanda de Baurú, para aproveitarmos os dois trechos já construídos da E. F. Noroeste e demandarmos Pôrto Esperança.

O atraso forçado da nossa partida do Rio, gerou a necessidade de viajarmos em inacreditáveis “raids”, para vencermos a distân-

cia que então separava as duas pontas de trilhos da Noroeste, uma à margem do rio Verde, onde agora se ostenta a estação de “Água Clara”, outra cerca de oito léguas para lá de Campo Grande. Para dar uma idéia da nossa marcha, bastará anotar que aquela estação corresponde ao quilômetro 657 para além de Baurú e esta última está no quilômetro 894, e que a distância de 237 km. que as separa foi por nós percorrida a-cavalo em dois dias e uma hora — o que dá uma média de 118 km. por dia!

E, sabendo-se que no 1.º dia de marcha fizemos 120 ks. ou vinte léguas; que havíamos montado às 9 h. e 30 m. da manhã, sob a canícula de dezembro, entre nùvens de poeira vermelha (Temos por ali uma faixa da mesma terra roxa de S. Paulo); que nessa primeira marcha “só parámos às 19 horas, para fazermos a única refeição desse dia”... temos aí mais uma prova da violência das marchas de Rondon que tão famosas se tornaram e dão uma idéia da sua fenomenal resistência física!

Na mesma vertigem de velocidade prosseguimos de Campo Grande até a outra ponta de trilhos, cujo acampamento alcançamos à 1 hora da madrugada e donde partimos às 6 hs. e 15 m. Nada menos de quatro telegramas, todos urgentes, haviam sacudido tôdas as indolências e todos os comodismos da guarnição do paquete Nyoac, de modo que, ao desembarcarmos do trem, em Pôrto Esperança, ali o encontrámos de fogos acesos, para nos receber

a seu bordo “às 22 horas, quando então tratámos de fazer a única refeição desse dia!” E seguimos para a foz do rio Apa, afim de aguardarmos a entrada em águas brasileiras do nosso hóspede illustre.

Não foi à-tôa a correria, pois, que aí só dormimos uma noite e já ao dia seguinte surgia a canhoneira paraguaia “Adolfo Riquielme”, conduzindo ao Brasil, via Mato-Grosso, o notável estadista Th. Roosevelt.

Comboiando o navio de guerra da nação amiga, subimos o Paraguai, passando pelo “Forte Olimpo”, da República do Paraguai, pelo nosso lendário “Forte de Coimbra”, pela povoação e flotilha do Ladário, para desembarcarmos em Corumbá.

Servindo de oficial às ordens, acompanhei Roosevelt ao cabeleireiro, onde êle mandou que lhe cortassem o bigode... para que ficasse igual ao meu... Naquele tempo eu o usava aparado, mas, ao sairmos no Madeira após os 78 dias de travessia do sertão, dos quais 57 debaixo de chuvas, eu tinha mudado um pouco de barba, como o Sr. poderá apreciar na fotografia junto.

— E Roosevelt deu também provas de resistência física, não?

— Enquanto teve saúde caminhou sempre paralelo a Rondon, fazendo questão de executar tudo igual ao que fazia o nosso sertanista e o conseguiu, pois, de fato, era um homem robusto e disposto a tôdas as violências... Certa vez, numa caçada de onça, que se pro-

longou desde a madrugada até às 15 horas, tendo Rondon atravessado a nado, com a carabina ao alto, uma larga corixa e insistindo para que Roosevelt se deixasse conduzir por dois dos nossos soldados nadadores e se desfizesse da sua carabina, êle mostrou-se bastante contrariado e atirou-se nágua, de carabina ao alto, tal qual o nosso chefe atravessando a nado a corixa!

Mas, tendo depois apanhado o paludismo, esteve bem mal, como o poderá atestar o médico da Expedição, agora Cel. da Reserva, dr. José Antonio Cajazeira, quem teve sôbre os seus ombros de profissional competente a dura responsabilidade daquela preciosa vida! Basta lembrar-lhe que Roosevelt perdeu mais de 20 quilogramas de seu pêso na descida do rio da Dúvida! Mas era homem de fibra e um dia propôs que se o abandonasse no sertão... para evitar os trabalhos que estava dando aos companheiros da expedição...

— “Ah! Foi um espetáculo nunca visto o verdadeiro enxame de índios que Rondon convocara para a estação de “Juruená”, afim de virem apresentar cumprimentos protocolares ao sr. Roosevelt. Este, a princípio receoso, percebeu logo em seguida que tôda aquela multidão que o cercava e aos demais membros da Expedição, eram amigos curiosos e infantis, aos quais, em paga de terem comparecido à convocação que emissários espartos lhes levaram floresta dentro,

recebiam os presentes que lhes levava especialmente o nosso chefe e a cuja distribuição compareciam tumultuariamente, mas sem grandes expansões... Ali estavam os mais cobiçados, aqueles a que o dr. Roquete Pinto, na sua incommensurável "Rondonia" classificou de "libra esterlina dos Nhambiquaras" — o machado! E rejeitavam os pequenos, dando preferência aos maiores, muito inteligentemente, e sabiam já que os da marca "Collins", inglesa, eram os melhores...

A-pesar-de tôda a pressa, Rondon parou algum tempo na estação "Heitor Legrue" para abraçar os Kaingangs, e na de "Visconde de Taunay", também na E. F. No-

roeste, para acariciar os pequeninos Terenas que as mães indígenas traziam-lhe para que os beijasse!... As manifestações destes foram puxadas a foguetes sem bomba e todos os índios estavam vestidos!

Os Kaingangs, como sabe, havia então pouco tempo que tinham sido pacificados pelo Serviço de Proteção aos Índios, em 1911, isto é, logo de início, mal havia sido organizado este Serviço e que, mesmo assim, deu provas de sua eficiência e das vantagens dos métodos preconizados e utilizados pelo General Rondon para este humanitário objetivo. (De "Dom Casmurro" — Rio de Janeiro).

Noticiário

Uma viagem de pesquisas históricas

Até que por fim conseguimos entrevistar o P. Jaeger. S. J., a-fim-de sabermos algumas coisas interessantes da sua recente viagem de estudos ao Rio de Janeiro.

Inquirido acêrca do resultado da sua ida à Capital Federal, dissemos, em resumo. Sua Revdma., o que se segue:

— Minha viagem ao Rio prendeu-se intimamente à causa do venerável mártir P. Cristóvão de Mendonza, S. J., trucidado em 26 de abril de 1635, ao que parece, perto de S. Lúcia do Piaí, conforme já teve ensêjo de publicá-lo "A Nação" de 7 de dezembro passado. Estamos empenhados em levar à honra dos altares êsse grande vanguardeiro da civilização rio-grandense, que foi quem introduziu o gado vacum em nosso Estado, tornando-se assim o fundador da nossa riqueza pastoril. Mas o sr. sabe — observou o nosso entrevistado com sorriso — isso de ser alguém tropeiro não constitue ainda título de santidade; mas o Padre Cristóvão foi também um genuíno santo da Igreja, que verteu seu san-

gue com indomável coragem pela causa de Cristo. E como pude verificar no Rio, com agradável surpresa minha, já pouco depois da morte dêsse herói se tratou da sua beatificação.

Eu desejava pois fotografar todos os documentos referentes a êsse servo de Deus; mas como meu grande amigo Cel. Aurélio Porto se oferecesse a me tirar essas fotografias, tive mais tempo para examinar alguns dos 15 gavetões da Secção de Manuscritos, que formam parte da famosa "Coleção de Angelis", da Biblioteca Nacional, contendo, cada gaveta, umas 800 para 1.200 páginas manuscritas, em boa parte os originais ou suas cópias, do antigo arquivo da província jesuítica do Paraguai. Com imensa alegria topei com duas cartas do beato Padre Roque González, uma de 18 e outra de 6 páginas, cujas cópias fotográficas trago comigo, e que publicarei, se Deus quiser, na segunda edição da minha obra "Os Heróis do Caaró e Pirapó". Aqueles manuscritos, entregues à ação do tempo, encerram

páginas genuínas, palpitantes e gloriosas da nossa história do antigo Rio Grande. Queira Deus dar-nos quanto antes o homem predestinado que arranque do pó dos arquivos essas monumentais opulências.

A Biblioteca Nacional encerra também enorme cópia de livros já impressos, tanto antigos como modernos. Imagine que a riquíssima Biblioteca que veio de Portugal com o Príncipe D. João, depois Rei D. João VI, ficou quase íntegra na Biblioteca Nacional. Livros que já no meu tempo eram raros em Portugal, ali os encontrei, por vezes, em vários exemplares. Afortunadamente a guarda da Biblioteca Nacional está confiada ao dr. Rodolfo Garcia, uma verdadeira biblioteca ambulante, sempre aberta para todo aquele que quiser consultá-la, e além disso, um perfeito cavalheiro.

— O que? — O sr. vai suspender a publicação do seu "Eco" depois de 27 anos de existência?

— Já lhe vou explicar tudo. Na véspera de embarcar ao Rio, li casualmente, num dos jornais daqui, que nosso "Eco", entre outras publicações rio-grandenses, estava com a saída suspensa. Como eu iria pessoalmente ao Rio, poderia pois saber ali mesmo de que se tratava. Afinal não passava de um requisito que imediatamente foi preenchido, ficando "O Eco" desencilhado. Mas o que me surpreendeu foi que o classificassem no DIP (Departamento de Imprensa e Publicidade) não como "Revista", como fôra até então, e sim como mero "Boletim". Não

me conformando com essa degradação, informei-me ali mesmo sobre os trâmites a seguir para reabilitar nosso "Eco", fazendo novo requerimento com tôdas as exigências legais, na esperança de ter um deferimento satisfatório. E' por isso que o "Eco" sairá neste ano com atraso.

— Outro número "extra", do meu programa, foi saber que recentemente se havia alterado o venerando nome da antiga redução jesuítica de S. Lourenço de Missões para o de Quarepoti. Fiquei indignado e consultei sobre o caso vários homens eminentes do Rio e São Paulo e todos acharam que aquilo era uma enormidade que ia de encontro ao louvável empenho do governo de serem conservados nossos monumentos históricos. Ora, S. Lourenço de Missões pertence indiscutivelmente aos nossos melhores monumentos do passado rio-grandense. Forma um dos famosos SETE POVOS DA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI, constituindo todos os 7 uma unidade indivisa, pelo qual não se pode mudar-lhe o nome sem despedaçar essa brilhante cadeia.

Além disso, Quarepoti, ou antes, KUARAPOTI, tem três significações, na interpretação autêntica que nos deu o eminente professor Plínio Airosa, de S. Paulo.

1.º Kuarapoty (dando ao y o som especial no guarani, entre i e o) vem a significar flor ou bonina da toca ou abismo.

2.º Kuarapoti é buraco de excremento, ou latrina. — 3.º Kuarapotim é o mesmo que buraco de

camarão. Mas como o nosso povo não sabe pronunciar o y guaraní, vieram a dar agora um nome péssimo ao povoado de S. Lourenço, certamente digno de maior respeito.

Mas sei que se está agindo nesse sentido, e nutrimos a firme convicção de sermos atendidos”.

(De “A Nação” de Porto Alegre).

Autores

O editor Vecchi, em sua série “Livros de Sempre”, acaba de publicar, com vivo sucesso, uma tradução, feita por Antonio Lages, da “Joana d’Arc”, de Michelet.

Esse volume, que é um dos grandes monumentos da literatura francesa de todos os tempos, é um painel poderoso e completo da época e da vida da Donzela de Orléans, admirável exemplo de tenacidade, de coragem e de inspiração divina, que ainda hoje anima e guia os filhos de França.

Michelet fez de sua “Joana d’Arc”, uma obra de permanência indiscutível na literatura francesa e um monumento indestrutível nas letras universais de qualquer tempo.

Numa atitude altamente simpática de nobre devoção familiar, quis o sr. conde de Monte Real contribuir para as comemorações do Duplo Centenário de Portugal com a publicação de alguns trabalhos, curiosos e valiosos, da autoria de seu pai, José Dionísio de Melo e Faro, figura que marcou como publicista, economista, financeiro e homem de negócios. Já em 1934, para assinalar o centenário do

nascimento de José Dionísio de Melo e Faro, o sr. conde de Monte Real promovera a edição de um “In memoriam”, volume de mais de 600 páginas, que constitui uma coletânea de escritos que documentam com eloquência a longa cultura e o múltiplo talento do seu ilustre progenitor. A obra agora dada à estampa, em esplêndida edição e de tiragem reduzida, forma como que um aditamento a esse “In memoriam”. Inclue o “Mapa corográfico e histórico do Reino de Portugal” datado de 1851, que se conservava inédito, e no qual “se mencionam os campos de todas as batalhas da fundação da nacionalidade e da restauração da Monarquia” — trabalho realizado por Melo e Faro aos 17 anos. Regista a dedicada cooperação que prestou aos trabalhos da Comissão Central 1.º de dezembro de 1640, de que fez parte e que levou a cabo o levantamento do monumento aos Restauradores da Independência. E insere ainda extratos do livro “Forças defensivas de Portugal”, publicado em 1868. Tudo isto o sr. conde de Monte Real faz acompanhar de palavras suas, notas explicativas e documentos que melhor esclarecem a

personalidade e a ação do distinto biografado.

A Companhia Editora Nacional acaba de lançar uma nova fase de sua já tão prestigiosa série "Brasileira": a coleção de obras em grande formato, iniciada com a "Viagem ao Brasil", de Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied, em tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo, refundida e anotada por Oliverio Pinto.

O novo formato da Brasileira é dos mais úteis à divulgação de de-

terminadas obras de grandes proporções que, no formato corrente da coleção, não poderiam evidentemente ser editadas. Os novos volumes são de agradável aspecto e as ilustrações oferecem maior perspectiva aos seus manuseadores.

Na nova e formosa série, tão auspiciosamente inaugurada com o magnífico trabalho de Wied-Neuwied, serão lançados brevemente os notáveis trabalhos sobre o nosso "hinterland" do Padre Antonio Colbacchini (sobre os Borôros orientais) e de Karl von den Steinen ("O Brasil Central").

Francisco Antonio Xavier e Oliveira

Deu-nos o praser de sua visita, o ilustrado consócio Francisco Antonio Xavier e Oliveira, que reside em Passo Fundo.

Membro correspondente do Instituto Histórico, Xavier e Oliveira é um dos mais destacados pesquisa-

dores do nosso passado, autor de inúmeras monografias de grande valor e brilhante colaborador da nossa revista.

O distinto historiador regressou, após curta demora, para Passo Fundo.

Pe. Cacique

A biografia do Padre Cacique será escrita pelo sr. Pedro Americo Poli, que a propósito dirigiu uma carta ao "Correio do Povo", carta que transcrevemos com o maior prazer:

"Ilmo. sr. Diretor do Correio do Povo" — N. C.

Estando coligindo dados para traçar a biografia do Padre Joa-

quim Cacique de Barros, valho-me da presente afim de solicitar-vos inserir no vosso conceituado jornal, uma noticia, apelando para aqueles que o conheceram, no sentido de me enviarem anedotas, fatos, cartas, passagens da vida desse homem que marcou com um colorido forte a sua passagem em vida, na nossa cidade.

O meu pedido, é para que esse anúncio seja feito independente de

qualquer remuneração de minha parte. Entretanto tereis o meu sincero e penhorado agradecimento.

No caso de ser atendida a minha solicitação, por parte de algumas pessoas, poderão elas dirigirem-se pessoalmente ao meu en-

derêço particular à Travessa do Carmo, 83, ou por correspondência ao Banco do Rio Grande do Sul, caixa postal, 505, N. C.

Reiterando os meus sinceros agradecimentos, apresento-vos os meus votos de felicidade pessoal e sou, atenciosamente etc.

Restauração de edificios e monumentos históricos de Portugal

Não é exagêro classificar de notável a obra realizada pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, na restauração de castelos, igrejas e muralhas, dispersos pelo país e considerados, pelo seu valor arquitetônico ou pelo seu significado histórico monumentos nacionais.

O boletim da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais vem dando conta, regularmente, dessa tarefa admirável de reconstituição e valorização de grande parte do patrimônio artístico e espiritual da Nação.

Assim, entre muitos outros, foram já objeto de importantes beneficiações, que os reintegraram na sua traça primitiva, ou salvaram de ruína iminente, os seguintes monumentos: castelos de Gui-

marães e Pombal; o “Domus municipalis”, de Bragança; as muralhas de D. Fernando, no Porto; os frescos primitivos e as igrejas de Leça do Bailio, de Cedofeita, a de Cête, matriz de Caminha, de S. Pedro de Ferreiras, de S. Pedro de Roriz, de S. Fins de Fries-tas, de S. Pedro de Leiria, matriz da Batalha, de Santa Clara, em Vila do Conde, de S. Salvador, em Travanca, matriz da Lourinhã, de Paço de Sousa, de Santa Maria, em Cintra, de Nossa Senhora da Orada e de S. Miguel, em Guimaraes.

Esta é apenas uma pequena parcela da grande obra efetuada; a que vem já mencionada devidamente nos 21 números do referido boletim lusitano.

BIBLIOGRAFIA

DUAS HISTÓRIAS EM TRÊS VIDAS — *David Carneiro* — Papelaria Universal — Curitiba.

Ótimo trabalho histórico comemorativo do XXX aniversário do Tiro de Guerra Rio Branco de Curitiba. Para a elaboração desta monografia o autor, que é um dos mais brilhantes espíritos da última geração de escritores do vizinho Estado do Paraná, fez um livro magnífico, de história e biografia.

Estudou o perfil de Rio Branco, o glorioso diplomata brasileiro, patrono do Tiro de Guerra e igualmente biografou o ilustre militar e ardoroso patriota Cel. João Galberto Gomes de Sá F.º

Ao redor destes dois nomes. David Carneiro traça comentários e, com muito brilho, põe em relêvo a nobreza desses dois vultos que, em suas respectivas esferas, tanto serviram a causa nacional — Livro cheio de méritos que a bela inteligência de David Carneiro soube colocá-lo entre os melhores livros de história ultimamente aparecidos.

SÃO FRANCISCO DE PAULA DE OURO FINO NAS MINAS GERAIS — *Aureliano Leite* — S. Paulo, 1941.

Aureliano Leite é um dos nossos historiadores que mais perseverança e brilho vem mantendo nas suas pesquisas históricas. Sua bagagem literária é vasta e seus livros demonstram, invariavelmente, um grande ardor de combatividade, angústia pela verdade dos fatos. Neste seu novo trabalho, já em 2.ª edição, não é outro seu carinho, seu traço psicológico. É um estudo bem feito, essencialmente histórico, escrito com vivacidade, bem documentado, digno de ser lido atentamente por todos os que amam a boa história nacional.

A literatura histórica tem alcançado ultimamente um índice promissor — 41 contribuições serenas e sérias permitem que se possa conhecer nosso passado desde os albores da descoberta aos nossos dias e a própria história geral que possuímos pode agora sofrer reparos para o seu aperfeiçoamento definitivo. Os que se interessam pelos fastos nacionais

não sendo um alto coeficiente, é no entanto composto de espíritos seletivos que muito degnificam a inteligência Brasileira exatamente neste ciclo de realizações eficientes e meditadas.

Aureliano Leite ocupa saliente posição entre os vanguardeiros das letras nacionais.

O. S.

A PAZ COM O PARAGUAI DEPOIS DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA — *General Augusto Tasso Frago*so — Imprensa Nacional — 1941.

O General Augusto Tasso Frago-so, de há muito passou a ser um dos nossos maiores historiadores, notadamente no que se refere a esfera militar. Sua paixão para edificar, seu devotamento para identificar a verdade pura dos acontecimentos, das ocorrências internacionais, notadamente depois da independência e que tanto ilustram a história pátria, esse calor intelectual de ser fiel e valioso aos estudiosos, tudo isso tem colocado o nome do ilustrado militar numa evidência merecida entre os cultores das letras históricas do Brasil.

Nesse novo trabalho, onde seu espírito de atilado investigador se mantém cada vez mais em relevo, nos mostra, em análise documentária, todas as demarches com que se revestiu o tratado de paz com o Paraguai. Sendo uma separata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, não deixa de ser um alentado volume, com

detalhes completos, muito bem comentados, o que vale afirmar que o livro do General Tasso Frago-so além de ser um livro de história pura é igualmente um excelente livro de ideias.

O. S.

PALHOÇA — *José Lupércio Lopes* — Departamento de Estatística e Publicidade do Estado de Santa Catarina.

O trabalho do sr. José Lupércio Lopes, como o denomina, é uma notícia estatístico — descritiva e descreve com abundância de detalhes a cidade litorânea de Palhoça, antiga S. Bom Jesus de Nazaré. Efetivamente é uma ótima contribuição ao conhecimento geral da cidade catarinense. Mais que uma contribuição geral é uma história completa em todas as suas atividades, desenvolvimento, situação física, origem e evolução política e social, grau do seu adiantamento educacional e cultural administração, projeção econômica com todos os seus derivados desde a riqueza do solo ao transacionismo comercial.

Trabalho recomendável e honesto que todos os brasileiros devem ler para que os laços de unidade nacional mais se estreitem nesse ângulo de recíproco conhecimento.

O. S.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO. — Estudos Ibero-Atrânticos Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — São Paulo — 1940.

É um livro que reúne quatro estudos firmados pelos professores. E. Simões de Paula (Vartesso e a rota do estanho); Jean Gagé (Gades, as navegações atlânticas e a rota das Índias na Antiguidade) e mais (Nota acerca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis — Muritânia Tingitana); e Astrogildo Rodrigues de Melo — O comércio europeu nos séculos XV e VI e o florescimento de Espanha e Portugal) que representam um ótimo material à História da Civilização. Magnífica obra útil aos que estudam e indispensável a qualquer país que procure elevar continuamente seu índice cultural

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, vem realizando uma obra meritória, prestando um alto serviço à inteligência nacional divulgando periodicamente livros que devem ser lidos e conservados em todos os recantos do Brasil. — O. S.

ATRAVÉS DA BAÍA — *von Spix e von Martins por Dr. Pirajá da Silva e Dr. Paulo Wolf* — Baía — 1928.

Publicação que merece os mais vivos aplausos, esta que nos manda o Dr. Pirajá da Silva em 2.^a edição. Os ilustrados cientistas que visitaram a Baía de 1817 a 1820 constituem um acontecimento de alta importância até aos dias que correm.

Carlos Frederico Philippe von Martins, botânico dos mais emi-

nentes que visitaram o Brasil, que estudaram sua flora e suas riquezas, prestou um grande serviço nacional e divulgar sua obra, suas impressões, seus estudos, suas análises a respeito do que vira naquela época, é prestar um grande serviço à cultura nacional.

O trabalho vertido para o vernáculo pelo dr. Pirajá da Silva encerra as impressões colhidas por Martins em todos os setores do seu itinerários.

Sertões, vilas, cidades, climas, solo, informações de toda a ordem tanto sobre o desenvolvimento demográfico como sobre o caráter e índole do sertanejo e população.

Livro que tem sabor científico, e instrutivo, sabor de uma bela e vigorosa inteligência. — O. S.

HISTÓRIA E HISTORIÁGRAFOS
DA CIDADE DE PETRÓPOLIS
— Contribuição para o seu Centenário em 1945. — Dr. A. de Paula Buarque — Rio — 1940.

O dr. A. de Paula Buarque, presidente da Academia Petropolitana de Letras e da Comissão do Centenário de Petrópolis, opõe, neste trabalho, severa contradita à data escolhida para tão magna comemoração que no seu entender é arbitrária, sem nenhum saber documental histórico. Por sua vez o dr. Alcindo Sodré, defende-a com ardor. É uma polémica de grande proveito e de grande honestidade desde uma vez que não prevaleçam opiniões pessoais e cada qual se renda à evidência

fundamental e incontestável da verdade comprovada pelo exame desapassionado dos documentos.

No bicentenário da colonização do município de Pôrto Alegre surgiu, idêntica controvérsia, inexpressiva porque as festas comemorativas já estavam consumadas — e ainda por nada de positivo ter ficado provado em contrário.

Petrópolis discute em tempo, esclarece a dúvida e as inteligências dos estudiosos se põem a serviço da história, elucidando dúvidas e procurando luminosidade para os pontos em litígio. Merece assim todos os louvores o documentário divulgado pelo dr. A. de Paula Buarque buscando a verdadeira data da fundação de Petrópolis e a mais exata interpretação dos documentos que a comprovam. — *O. S.*

O VISCONDE DE MAUÁ — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Imprensa Nacional. — Rio — 1940.

Comemorando o cincoentenário da morte de Irineu Evangelista de Souza, e mais tarde Visconde de Mauá, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro realizou sessões especiais onde foram proferidos, em diferentes dias três conferências por membros da douda corporação, pelas quais foi estudada a vida do eminente brasileiro. Em tomo especial dedicado ao acontecimento acabam de ser divulgados esses trabalhos que tanto elevam o sentimento patriótico e a alta expressão de cultura do Ins-

tituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A primeira conferência foi proferida pelo ilustrado historiador e poeta Rodrigo Octavio F.^o; a segunda por Gustavo Barroso, profundo pesquisador da nossa história e a terceira por êsse outro o culto espírito que é Alcindo Sodré. Todos os três trabalhos são admiráveis monografias que constituem um excelente estudo, sobre diferentes aspectos, do Visconde de Mauá, rígida têmpera de realizador infatigável, que soube vencer com rara dignidade os momentos tristes que o curso dos seus negócios lhe reservara.

Mesmo considerando o que a respeito de Mauá já foi escrito, destacando-se o opulento trabalho de Alberto de Faria, o tomo que temos em mão representa uma bela síntese histórica e uma manifestação de saudade ao grande vulto a quem tanto deve o progresso econômico do Brasil. — *O. S.*

GENERALIDADES SÔBRE A GEOBÉLICA — *Cel. Raul Corrêa Bandeira de Mello* — “Jornal do Comércio” — Rio — 1935.

Geobélica, como explica seu ilustrado autor é um neologismo que sintetiza os “conhecimentos geográficos especializados no sentido de segurança nacional” — E’ um ótimo trabalho, de caráter científico, estudado com esmero, meditado, cheio de observações atentas e de grande interesse para os estudiosos da matéria. O livro do General Bandeira de Mello merece

os melhores aplausos, é um livro construtivo de alto alcance militar, que instrue, que orienta, que se impõe a todas as inteligências ávidas de novos horizontes. Chamariamos até de obra técnica no seu propósito científico e condutor, útil e indispensável à evolução das normas bélicas.

Meu grande sentimento patriótico anima este trabalho do General Bandeira de Melo — *O. S.*

O RESGUARDO DA COLÔNIA
— *Gal. Raul Corrêa Bandeira de Mello* — gráfico Apolo — Rio — 1941.

O General Mandeira de Mello apresenta um opúsculo de grande interesse histórico. "Resguardo da Colônia" é uma contribuição para o congresso do mundo português e onde é estudado fatos primitivos da antiga colônia. Metuculoso e detalhado nos comentários o trabalho do Gel. Bandeira de Mello transpira um alto senso interpretativo e anseio de uma análise serena e justa. O nosso passado colonial continua assim a merecer a atenção dos que se dedicam às pesquisas históricas, aperfeiçoando conceitos e dando consistência ao que já está narrado ou retificando exatidões das ocorrências que vão se afastando no tempo.

"O resguardo da Colônia" e um breve estudo que se lê com grande interesse. — *O. S.*

À REPÚBLICA E A BENJAMIM CONSTANT — Academia

Paranaense de Letras — Curitiba — 1940.

"À República e a Benjamim Constant. A *plaquette* vem preceferido pelo escritor Enéas Marques, membro da Academia Paranaense de Letras por ocasião da inauguração do monumento de Benjamim Constant. A *plaquette* vem precedida por uma crítica sobre a personalidade intelectual de Enéas Marques feita pelo sr. Dirceu Plai-zant. Pequenos trabalhos que sintetizam grandemente seus objetivos.

Benjamin Constant, pela arte de João Turim tem em Curitiba sua gloriosa consagração plasmada no bronze e sua memória enflorada historicamente pela palavra erudita de Enéas Marques. — *O. S.*

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO A AMADOR BUENO NO TRICENTENÁRIO DE SUA ACLAMAÇÃO COMO REI DE SÃO PAULO — 1941.

Elegante *plaquette*, edição luxuosa e ilustrada com um retrato supositivo de aclamado feito pelo consagrado artista e historiógrafo Belmonte reproduzindo ainda autógrafos e o celebrado quadro de Oscar Pereira da Silva é o régio presente que o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo acaba de oferecer às letras históricas do país. Bela e engenhosa síntese do famoso acontecimento de nossa antiga vida colonial ocorrido a 3 séculos o que acaba de ser rememorado com carinho e inte-

rêse cultural mais ainda ao se verificar que existia uma alma, um sentimento coletivo de autonomia política. O jugo português não desalentava essa animosidade psicológica diante mesmo da fraca densidade demográfica da época.

Esse episódio longínquo da primitiva vida brasileira ressurgiu nesse momento, volta à memória dos estudiosos com a comemoração da magna data fixada em livro pelo Instituto de São Paulo que congrega as mais belas inteligências da literatura histórica do Brasil. — O. S.

SIRCULO OSBRIANO; adeptos da Ortografia simplificada Brasileira — Rio 1941 .

É' uma espécie de código, estatutos do *Sirculo* que promete simplificar a ortografia sem agravos ao bom senso... O primeiro trabalho da mesma procedência que registamos nestas colunas parecia de fato simplificar a nossa confusa maneira de usar as letras alfabéticas para exprimir nossos pensamentos. O Gal. Klinger prometia coisas boas que desapareceram no código que temos sob nossas vistas. Como esta secção é apenas de registo e não de crítica de livros abstermo-nos de comentar o curioso sistema com que o *sirculo* pretende simplificar a ortografia nacional. — O. S.

LA LITERATURA DE COLOMBIA — Javier Araujo Ferrer — Buenos Aires — 1940.

Este útil e bem estudado tomo é o III volume da série "Las literaturas Americanas" e trata exclusivamente da história da literatura colombiana. Basta a leitura desta obra para se ter uma idéia e mesmo conhecimento da cultura intelectual da adiantada república do noroeste de nossa América. Está assim dividido este importante estudo: I cap. "Estampa histórica del ensayo — II cap. Teatro e novela" — III cap. Breve crítica de la mujer em la literatura colombiana — IV cap. "La poesia" — Está assim compreendido todo o movimento intelectual da Colômbia e na poesia são estudadas as diferentes escolas como a pseudo-clássica, a clássica propriamente dita, a romântica e por fim a corrente modernista. Fino e louvável trabalho que instrue e ilustra. — O. S.

BOSQUEJO HISTÓRICO DEL BRASIL — dr. Cecilio Baez — La Colmena S. A. — 1940.

O dr. Cecilio Baez é um historiador paraguaio culto e brilhante, velho amigo do Brasil e que de há muito vem se dedicando às pesquisas históricas da América

No trabalho que temos em mão, mais uma vez seu espírito erudito aprovou descrevendo a história do Brasil desde os Primórdios da descoberta aos nossos dias. A cronologia dos acontecimentos obedece uma fiel interpretação abeberando-se em fontes límpidas, podendo assim condensar perfeitamente os acontecimentos desenrolados nes-

ta parte do nosso hemisfério durante 4 séculos, com muita probidade, conhecimentos da ética histórica e conceitos que muito recomendam sua obra.

"Bosquejos históricos del Brasil" é um livro honesto que encerra a síntese da história brasileira e que merece os aplausos de todos os estudiosos dessa matéria. — *O S.*

SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA DO ALTO PURÚS — *Soares Bulcão* — Editora Fortaleza — 1941.

Trata-se de uma separata da Revista do Instituto do Ceará, prescutando um honesto relato das contendas do Acre. Seu autor é fiel ao recompor os antecedentes e desenrolar dos acontecimentos que tanto interesse e emoção despertou entre os países dêste lado da América Meridional.

O grande herói nacional, o que provocou o desfêcho e conquistou para o Brasil um importante território, Placido de Castro, é pôsto em relêvo pelo autor.

Esse glorioso patriota tem ficado à margem de nossa história e só agora começa a ser reivindicado seu legítimo pôsto de glorificação. O eminente historiador Castilhos Gaycochea iniciou esse belo debate pela imprensa do Rio em tôrno de Placido de Castro. Sua obra tem sido estudada, seu mérito, extensão de seu ato militar, tôdas as facetas da gloriosa façanha, Gaycochea vem analisando com profundidade psicológica e brevemente, em volumes, mostrará a nobreza heróica de Placido, ao Brasil inteiro.

E isso será por certo uma confirmação do que nos diz Soares Bulcão neste trabalho que o longínquo Ceará nos trouxe.

Uma excelente monografia que estuda, em síntese, os acontecimentos do Alto Purús desde a insurreição e a invasão peruana até aos tratados diplomáticos, que incorporaram o Acre no organismo nacional. — *O. S.*

SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA MARÍTIMA DO BRASIL — Ministério da Marinha — Imprensa Nacional — Rio — 1940.

O livro que temos em mão é o III volume da série que vem sendo publicada pelo Ministério da Marinha sob a orientação do historiador Capitão de Fragata Didio da Costa. Como os anteriores, o presente volume de grande formato apresenta preciosa matéria histórica.

E' a introdução feita pelo Cap. Didio da Costa e seu texto obedece a uma série de fatos históricos ligados diretamente à nossa Marinha, destacando-se a cronologia de Vitor Pujól com excelente informes na efeméride descrita e como esta outros ricos capítulos que vêm enriquecer a história do Brasil em todos os setores das suas organizações e atividades.

A gloriosa Marinha de Guerra Nacional possui uma crônica brilhante e invejável e em todo o nosso litoral desde os primeiros anos da descoberta começaram a se registrar acontecimentos que hoje são legítimos símbolos do espírito colonizador que já se manifestava

com o ardor continental. E' justo que os nossos homens de letras ponham à luz dos ideais còntemporâneos o passado heróico do Brasil.

O infatigável Cap. Didio da Costa está organizando um trabalho admirável e digno, merecedor dos mais patrióticos aplausos. — *O. S.*

SEGUNDO CASO AGUDO DE MOLÉSTIA DE CHAGAS DO RIO GRANDE DO SUL — *Romeu Beltrão* — Santa Maria — 1941.

O dr. Romeu Beltrão, jovem médico dos mais estudiosos da nova geração riograndense, acaba de apresentar uma tese às Primeiras Jornadas Médicas de Cruz Alta, congresso realizado em outubro de 1940, onde estuda a moléstia de Chagas, segundo caso desse mal descoberto pelo Dr. Beltrão em nosso Estado. O autor estuda com muita segurança todo o complexo da manifestação da moléstia fazendo o histórico e apreciando a biologia do triatoma e comparando as observações feitas pelos cientistas uruguaioes que igualmente vêm se interessando pelo magno problema médico.

O trabalho do dr. Romeu Beltrão apresenta um ótimo sabor de interesse científico. Compreendido no campo médico e pelo estudo feito revela o dr. Beltrão possuir todos os predicados de observador honesto e erudito pesquisador — ganhando a ciência médica riograndense um excelente material para orientar o combate ao persistente mal de Chagas. — *O. S.*

SINÓPSE ESTATÍSTICA DE PÔRTO ALEGRE — Departamento Estadual de Estatística — Pôrto Alegre — 1940.

Em comemoração ao bicentenário da colonização do município de Pôrto Alegre, o Departamento Estadual de Estatística acaba de publicar um ótimo trabalho de orientação do que se vem realizando em todos os setores do município de Pôrto Alegre.

Seu diretor-geral, Dr. Mem de Sá, em preâmbulo esclarece o quanto tem lutado a repartição que dirige para conseguir regular o serviço de estatística e conduzi-lo ao pé em que se encontra atualmente, que considera ainda imperfeito. No entanto, pelos dados apresentados, pelos diferentes ângulos que encerra é um manancial que reputamos essencialmente bom e que muito recomenda a orientação diretora na forma de processar suas minúcias e seus algarismos elucidativos.

Tôdos as faces são fixadas desde a situação física, climatológica, demográfica até o movimento populativo, sua economia, comércio e indústrias. E para maior equilíbrio desse balanço público há igualmente a fisionomia cultural e social com abundância de quadros demonstrativos, tabelas, sinópes e gráficos.

Um trabalho que merece os melhores dos aplausos. — *O. S.*

PÔRTO ALEGRE — Retrato de uma cidade.

Belo livro com 100 fotografias apanhadas pelo sr. W. Hoffmann

Harwisch F.^o em comemoração ao bicentenário de novembro do ano recém-findo. E' um artístico álbum com nítidas visões da cidade, reminiscencia de um presente de raro dinamismo.

Abre o álbum trabalhos de um grupo de intelectuais que em breves sínteses espõem suas impressões sobre a atualidade urbana da cidade. — Walter Spalding, Darcy Azambuja, Erico Veríssimo, Manoelito de Ornelas, Mario Quintana, Nilo Ruschel, Paulo Arinos, Paulo Corrêa Lopes, Vianna Moog e De Souza Jr. enriquecem as páginas iniciais com boa literatura nossa o que mais recomenda o álbum Porto-Alegrense. — O. S.

ORIGEM DA LITERATURA PORTUGUESA — *Leonardo Pinto* — São Paulo — 1941.

O sr. Leonardo Pinto, que é um brilhante intelectual, filólogo dos mais acatados, proferiu há pouco tempo, no Instituto Médio Italo-Brasileiro Dante Alighieri de São Paulo, uma interessante palestra que divulgou agora em *plquette*.

Elegante e meditado estudo de fino sabor histórico é o que denuncia o trabalho do sr. Leonardo Pinto pelo que muito se recomenda, notadamente aos que procuram adquirir novos e honestos conhecimentos. — O. S.

EL DELTA ENTRERRIANO SU PRESENTE Y SU PORVENIR — *Santo R. Castillo* — Paraná — Argentina — 1940.

O sr. Santo R. Castillo mostra-

se um erudito e fino espírito nessa síntese histórica que acaba de publicar. Entre-Rios, que conta com tantas belas inteligências, destacando-se Antonio Serrano, etnógrafo dos mais ilustres e acatados e grande amigo do Brasil, deve alegrar-se agora com o estudo de Castillo, pondo assim em relevo a riqueza natural da próspera provincia argentina. A fisionomia geográfica fica ótimamente descrita com todos os detalhes do subsolo, fauna, flora, arqueologia geologia e todo o complexo que a natureza entrerriana avaramente esconde em seu seio fertilíssimo — E' um trabalho de orientação e de erudição que merece nossos melhores louvores. — O. S.

ECUADOR NACION AMAZONICA — *Pio Jaramillo Alvarado* — Ediciones Vicente Rocafuerte.

Usando de diversos períodos do discurso do presidente Dr. Getúlio Vargas proferido a 11 de Outubro de 1940 com o conceito inicial de que "Las aguas del Amazonas são continentaes" o sr. Alvarado estuda o fundamento da assertiva e se alonga em considerações meditadas e bem concluídas. Sobre a extensão das famosas águas que vêm de cordilheira, formula uma série de observações, analisa sua descoberta, suas variadas jurisdições e nesse ritmo faz um trabalho sintético que merece a atenção de todos os estudiosos. Contribuição excelente para mais ampla análise de tão interessante e sério tema hidrográfico que muito se

identifica no Brasil já que o caudaloso curso d'água banha uma grande extensão do nosso território e ainda por estar ligado à história nacional de maneira profunda e indestrutível. — O. S.

EL DEVECCIONARIO DEL SOLDADO — *Justino C. Meja y Mejia* — Ipiates — 1940.

"Soldado de Colombia, se fiel a Dios y a tu patria y sirvelos con amor." Com estas palavras encerra o sr. Meja y Mejia o pequeno trabalho que dedicou ao soldado colombiano. Ligeiro catecismo cívico e religioso, o autor procura espiritualizar o coração militar oferecendo-lhe um punhado de preces e conselhos religiosos.

O autor, que já escreveu entre outras monografias "Notas Crítico-Iconograficas sobre la viagem de Nuestra Señora de Las Lajas" de exclusivo sabor religioso, demonstra essa inclinação profundamente cristã, orientando e doutrinando as correntes sociais contemporâneas.

Diante do momento em que uma perigosa moral de pura força materialista é ensaiada para ser imposta ao mundo, parece digno que alguém levante para opor-se a esse despotismo maligno a tradição espiritualista do bom cristianismo social. — O. S.

A ESCOLA NAVAL — Seu histórico 1761-1937 — *Lucas Alexandre Boiteux* — Imprensa Naval — Rio — 1940.

Lucas Alexandre Boiteux é um nome de grande brilho na litera-

tura histórica do Brasil. Capitão de Mar e Guerra, homem dado à vida dos mares e com êle identificado, "Escola Naval" é um livro que muito bem se ajusta ao seu espírito e ao seu talento, dada a natureza da sua história. Mas Boiteux não tem feito história apenas de assuntos ligados à nossa gloriosa Marinha de Guerra. Aqui estão a "História Catarinense", "Nossas Campanhas Navais"; "Paulistas em Santa Catarina seiscentista" e muitos outros trabalhos preciosos.

Em "A Escola Naval" há um empenho meticoloso de fidelidade tratando na I parte que constitue este 1.º volume da sua fundação e que vai até a maioria de D. Pedro II. Em seu 1.º período surge Portugal — 1761-1807 para surgir II período no Brasil Colônia e Reino com D. João VI e o Príncipe D. Pedro 1.º — 1808-1822. Na III período vem o império, primeiro governo independente — 1822-1831 e por fim IV período, regências e suas lutas.

Aí, a inteligência de Boiteux constrói a história da Escola Naval do Brasil — Bela conquista das nossas letras. — O. S.

RIO GRANDE DE SÃO PEDRO, pelo *Gal. João Borges Fortes* — Biblioteca Militar — Rio de Janeiro, 1940.

Estuda o — Rio Grande de São Pedro, do general Borges Fortes, os primórdios do Rio Grande do Sul, sua conquista e povoamento.

Inicia o sr. general Borges Fortes seu trabalho com um exame

sobre a atuação da "Frota de João de Magalhães". Em seguida estuda as estâncias do Viamão e os estancieiros, as consequências da fundação da Colônia do Sacramento no Rio Grande do Sul, a fundação de Silva Pais, a atuação de Gomes Freire, as atitudes heróicas do povo até a conquista das Missões, concluindo com a Revolução Farroupilha.

A obra é obra de mestre, serena e sincera. Há erros? Não. Pode haver, por não caber na obra, explanações insuficientes de pontos de vista perfeitamente aceitáveis e que o autor expressa mui resumidamente, sem a pretensão de "magister dixit" que não admite outra opinião senão a sua.

Rio Grande de São Pedro é obra serena e sincera sem pretensões de impor pontos de vista que certos autores antigos e modernos procuraram e procuram inocular com verdadeiras acrobacias verbais...

Um grande livro que honra a cultura histórica do Rio Grande do Sul e a Biblioteca Militar que em boa hora o incluiu na sua ótima coleção.

W Sp.

O ESPÍRITO MILITAR NA QUESTÃO ACREANA, por *Castilhos Goycochêa*, — Biblioteca Militar — Rio de Janeiro, 1941.

O Espírito Militar na Questão Acreana, do dr. Castilhos Goycochêa, tem, além do valor da sinceridade, o de um acendrado pa-

triotismo, demonstrando, à luz meridional de documentos notáveis e vasta bibliografia, a magnificência da odisséia dos homens de Plácido de Castro.

Quem leu a magnífica obra de Craveiro Costa — "A Conquista do Deserto Ocidental" —, lendo Goycochêa mais e mais admira nosso grande Brasil sem precisar de coração e sentimentalismos.

O Acre foi, talvez, a maior das conquistas do Brasil, conquista pacífica, mau grado a luta ingente que lá se travou, em consequência da incompreensão e de falsos princípios de liberalismos de governos mais ocupados com a política interna do que com os direitos da pátria.

Goycochêa e Craveiro Costa são, sem favor, os grandes escritores e reivindicadores da glória acreana, cabendo, porém, a Goycochêa a glória máxima na atualidade porque, com fé ardente a patriotismo acendrado, reviveu para glória nossa o heroísmo sem par da conquista do Acre e a atuação benemérita, serena e patriótica do grande Rio Branco, nume tutelar da diplomacia moderna do Brasil.

Com a publicação desta grande obra, está de parabens a Biblioteca Militar Brasileira e seu incansável presidente — general V. Benício da Silva.

W. Sp.

OS TESOUROS DA TERRA por — *Juri Semjonow* — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

E' uma interessante e ótima geografia econômica. Escrita para o

grande público, sem intenções de cultura, mas um livro realmente erudito, erudito e claro. Síntese feita com inteligência e o texto abundantemente ilustrado.

O volume compreende trinta e três capítulos sobre as riquezas do solo e subsolo.

O autor faz o leitor se interessar porque de fato a matéria é apresentada duma maneira fácil, sugestiva e elegante.

São estudos curiosíssimos sobre a história das riquezas da terra: algodão, açúcar, trigo, carvão, petróleo, fumo, cobre, etc.

Livro útil e indispensável.

A CONQUISTA DOS ARES — por
Paul Karlson — Edição da Li-
vraria do Globo — Pôrto Ale-
gre.

E' um romance da aviação que seu autor divide em três partes: os homens, a teoria e a prática.

Temos, na primeira parte, uma apreciação detalhada referente aos trabalhos de aeronáutica realizados por Leonardo da Vinci, Jorge Cayley, Oto Lilienthal, Irmãos Wright e outros.

Ao falar de teoria o autor expõe, com precisão, a conquista dos grandes princípios e trata da correnteza, resistência, impulsão, hélice, leme, etc.

A parte prática é dedicada aos motores, ruído, tipo, aterrissagem, vôo cego, partida, tráfego e meios acessórios.

O volume ainda possui uma co-

leção de gravuras que são detalhadamente explicadas.

Está sendo preparada uma nova edição com um capítulo sobre os brasileiros pioneiros da aviação, falta lamentável essa de nada se dizer de Santos Dumont, Gusmão e Severo.

O livro, com a ressalva em apêço, é um bom volume para compreender os assuntos de aviação.

A tradução é de D.^a Marina Guaspari e a revisão técnica por Diniz K. Campos, piloto civil e de planadores da Varig Aéreo Esporte.

ESTES DIAS TUMULTUOSOS
— por *Pierre Van Paassen* —
Edição da Livraria do Globo —
Pôrto Alegre.

Livro admiravelmente vivido, tem um subtítulo que o explica ainda melhor: biografia duma geração desesperada.

Os cenários de guerra são comoventes, patéticos, e sublimes e os personagens que desfilam pelas páginas do livro não são mais que as figuras da história moderna.

O autor possui segredo de attingir a alma e os segredos das coisas, agita-se por vários países e o espectro das carnificinas o persegue por toda a parte.

E' um depoimento em favor da paz e um testemunho contra as teorias estatais que estão colocando o socialismo da direita nos governos mas ao mesmo tempo uma narrativa digna de um escritor de espírito livre.

"Estes dias tumultuosos" é um

volume que deve ser lido, e, mais do que isso, guardado nas bibliotecas para as horas de meditações. Bem o merece.

ARQUITETOS DE IDÉIAS — por
Ernest B. Tuatner — Edição da
Livraria do Globo — Pôrto Ale-
gre.

E' um livro de imenso valor onde seu autor procura dar um grande esquema sobre as grandes teorias da humanidade.

São quinze capítulos que falam admiravelmente desde Copérnico e a teoria do Sistema solar até Estein e a teoria da relatividade ou de Huton e a teoria da estrutura da terra a Boas e a teoria do homem.

Explica duma maneira amena e precisa as teorias criadas pelos gênios que se chamaram Dalton, Lavoisier, Pasteur, Rumford, etc.

Livro dos mais compreensíveis.

Boa tradução de Leonel Valandro.

"Arquitetos de Idéias" interessa toda a categoria de leitores.

O MUNDO QUE O PORTUGUÊS
CRIOU — *Gilberto Freyre* —
vol. 28 da coleção Documentos
Brasileiros — Livraria José
Olympio Editora — Rio, 1941.

"Gilberto Freyre foi, sem dúvida, o primeiro sociólogo que entre nós colocou em seus verdadeiros termos o problema da adaptação do

colonizador português às condições de vida da sua colônia americana", diz, no prefácio do presente livro, o sr. Antônio Sérgio, acentuando a profundidade da análise que o autor da CASA GRANDE & SENZALA traçou sobre o caráter da colonização portuguesa no Brasil e seus resultados.

Está visto que ao sr. Gilberto Freyre sobra autoridade e competência para examinar, como o faz em O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU, aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias lusitanas.

Neste volume, agora editado pela Livraria José Olympio em sua apreciada coleção "Documentos Brasileiros", foram reunidas as conferências que o ilustre sociólogo pernambucano teve a oportunidade de pronunciar, em 1938, perante públicos universitários europeus, e nas quais salientou traços fundamentais de nossa cultura tradicional.

Contendo, em apêndice, uma série de referências críticas de vários autores a idéias e sugestões expostas nesta e noutra obra do sr. Gilberto Freyre, O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU está destinado a obter o maior êxito editorial, dada a importância da matéria em exame.

O DRAMA DA ÁSIA (Inside Asia)
— *John Gunther* — Edição da
Livraria do Globo — Pôrto Ale-
gre.

Depois de escrever "O Drama da Europa" John Gunther produ-

ziu "O Drama da Ásia", livro da mesma alta envergadura de seu famoso antecessor.

Em "O Drama da Ásia", o autor descreve o continente dos mistérios, relatando todos os fatos que o leitor médio do Ocidente deseja saber acerca da Ásia. Aqui se encontram os acontecimentos marcantes, as personalidades e as forças que estão transformando radicalmente a fisionomia da Ásia de hoje. Aqui aparecem claramente os bastidores da história, sem o que os fatos políticos e sociais não poderiam ser compreendidos.

Como "O Drama da Europa", este livro foi construído baseando-se seu autor nas ações de eminentes personalidades, e trata de figuras capitais como o Imperador do Japão Chiang Kai Shek as irmãs Soong Manuel Quezón, Gandhi, Aga Khan, o Xá do Iran, o dr. Weizmann, e muitas outras. John Gunther estuda detidamente tudo o que está acontecendo no Oriente e mostra depois como os problemas da Ásia têm estreita relação com os problemas do resto do mundo.

Traçadas com manifesta clareza, encontram-se neste livro análises tanto dos velhos como dos novos imperialismos que dominam na Ásia: os holandeses nas Índias Orientais, os franceses na Indochina, os americanos nas Filipinas, os japoneses no Manchukuo e na China, e os ingleses em quase toda a parte.

Começando seu livro pelo Japão, John Gunther prossegue pelo Manchukuo, toca na Rússia Asiática, entra pela vastidão da China, des-

ce pelas Filipinas, Singapura e Sião, volta ao gigantesco Império das Índias, examina o Iran, o Iraq e o Médio Oriente, e o conclue no Oriente Próximo e na Palestina.

A preparação de "O Drama da Ásia" abrangeu um período de sete anos. Cerca de um ano John Gunther gastou-o viajando através do Oriente num total de aproximadamente 30.000 milhas, e durante 1937 e 1938 visitou todos os lugares importantes sobre os quais depois escreveu — exceptuando-se a Arábia Saudita — e entrevistou as principais figuras políticas de todos esses lugares.

Os resultados das investigações de John Gunther são dados neste livro "O Drama da Ásia", que é por certo tão importante e esclarecedor quanto "O Drama da Europa".

"O Drama da Ásia", cuja tradução brasileira se deve a Gilberto Miranda, é o complemento natural do livro anterior, e por isso deve igualmente ser lido por todos os apreciadores da alta política internacional, bem como por todos aqueles que se dedicam ao estudo dos problemas sociais e humanos do continente asiático.

"A LEGIÃO DOS HOMENS PERDIDOS" — *William MacLeod Raine* — Edição da Livraria do Globo.

Transformado em vagabundo, dos milhares que palmilham as estradas estadunidenses e formam a Legião dos Homens Perdidos, o

engenheiro e capitão da reserva Thurston K. Hollister chega ao rancho Diamond Bar K, onde entra em luta com o capataz e é expulso depois de impiedosamente surrado. Mas Betty Reed, a filha do fazendeiro, descobre o "homem" sob os andrajos do vagabundo, seguindo os impulsos da quase sempre infalível intuição feminina. São grandes os esforços da moça para convencer "Tug" de que nem tudo estava perdido, mas afinal, ele capitula à voz da razão e então, depois de muitas peripécias aventurosas, raia para ele o sol da felicidade.

"A Legião dos Homens Perdidos", de William MacLeod Raine é, pois, a comovente história de um jovem a quem o vício conduz às mais baixas camadas da degenerescência humana e que se regenera sob o influxo irresistível de um grande amor.

"O IDIOTA DA FAMÍLIA" — *Margaret Kennedy* — Edição da Livraria do Globo.

"O Idiota da Família", é a mais movimentada, interessante e estranha das histórias. A primeira parte do romance se passa em Veneza. A ação a seguir se desloca para os Dolomitas. A parte final se desenrola em Londres. "O Idiota da Família" é a agitada história de um compositor romântico, de uma milionária caprichosa, de um moço maluco e sem moral e de uma pequena também maluca e igualmente sem nenhuma moral. No

meio de tudo, temos as paisagens poéticas de Veneza; o pitoresco dos Dolomitas e os nevoeiros de Londres. Pode uma mulher amar a dois homens ao mesmo tempo? Será que dois homens no momento mais agudo de um caso amoroso podem esquecer a mulher que amam para tratar juntos de uma partitura de opereta? Sebastian era um "mau"? Fenela seria uma cínica"? E que classificação merece a doida criaturinha que se chamava Gema? E Caryl, o "idiota da família" era um covarde ou um herói?

Margaret Kennedy, a autora deste estranho romance, conseguiu um milagre dando verossimilhança absoluta a esta história em que se movem malucos ou quase malucos, personagens, enfim, diferentes não só das que vemos na vida como também das que encontramos nos outros romances.

E, por falar em Margaret Kennedy, cabe dizer aqui que também é ela a autora do romance "A Ninfa Enamorada", a aparecer em breve, que constitui uma suave e ao mesmo tempo movimentada história de amor — história que acaba de ser filmada em Hollywood.

"O Idiota da Família", que aparece na famosa Coleção Nobel, da Livraria do Globo, foi traduzido do original inglês (*The Fool of the Family*) por Leonel Vallandro.

"OS GRANDES PROCESSOS DA HISTÓRIA" — De *Henri Robert* — Edição da Livraria do Globo.

Com a 10.^a série, agora apareci-

da, de "Os Grandes Processos da História", está completa a coleção da famosa obra de Henri Robert. A 10.^a série contém os seguintes capítulos: "As envenenadoras", onde Henri Robert relata a história da marquesa de Brinvilliers, da Voisin, de Maria Bosu e de outras mulheres que costumavam resolver suas questões ministrando veneno aos infelizes que lhes caíam na antipatia. "Catarina de Médicis", história da célebre florentina que, como rainha de França, ordenou o Dia de São Bartolomeu, em que foram massacrados milhares de huguenotes; "A astuciosa florentina", continuação e parte final da história de Catarina de Médicis; "Henrique VIII", a história do célebre rei Barba Azul, soberano da Inglaterra e de suas seis espósas; "O escândalo do Panamá", em que é narrado, em todos os seus detalhes o famoso "affaire" que ameaçou a própria vida da República Francesa; e finalmente. "Em defesa do passado", onde são retificados alguns pontos da história francesa a partir de 1870. A tradução é de Breno Pinto Ribeiro.

"UM CICLONE NA JAMAICA"

— *Richard Hughes*, tradução de *Hamílcar de Garcia* — Livraria do Globo — Pôrto Alegre.

Um livro onde cada página é uma surpresa. O cenário tropical, exuberante e violento, serve de fundo para um drama gigantesco da alma infantil: sete crianças en-

tregues à fúria dos elementos, à incompreensão dos adultos e ao seu mundo próprio e confuso, onde a moral é outra, as imagens são diferentes e é diversa a noção das coisas. A sua vida como prisioneiras dos últimos piratas das Antilhas surpreende-nos extraordinariamente.

Sem desprezar a ternura, o pitoresco, o romance e a descrição, Richard Hughes deixa ver que as crianças são seres estranhos, capazes dos gestos mais inesperados e sem a quebra do que se costuma chamar de inocência infantil, gestos como o da pequena Emily, uma inglezinha de dez anos de idade, que assassinou um homem numa circunstância curiosa e dentro de uma lei diferente de existência. O volume pertence à Coleção Nobel, da Livraria do Globo.

"QUIROSOPIA PRÁTICA ILUSTRADA" — *Do conde C. de Saint-Germain* — Tradução de *Wilson Veloso* — Livraria do Globo.

Quer para o amador e o leigo, quer para os profissionais e para os estudiosos. "Quirosopia Prática" representa algo de novo no campo dos estudos quirosópicos. A clareza e a simplicidade com que foi escrito, suas numerosas ilustrações e diagramas, o modo original e intuitivo de expor a matéria, tornou acessível mesmo ao principiante ler na palma da mão com a habilidade de um profissional experimentado. "Quirosopia

“Prática” analisa detalhadamente tudo o que se refere às linhas, anéis, montes e outros sinais da palma da mão, considerando que pela sua leitura e interpretação torna-se possível conhecer não só o caráter e as tendências duma pessoa, penetrando nos mais recônditos recantos da alma humana para analisar-lhe os instintos, as inclinações, as qualidades de caráter, as fraquezas e as paixões, — como, ainda, permite prever com precisão o curso dos acontecimentos de toda uma existência.

“O DRAMA DA EUROPA” — *John Gunther* — Livraria do Globo.

“O drama da Europa” (Inside Europe) é uma galeria de retratos dos ditadores e políticos europeus do momento: Hitler, Churchill, Stalin, Mussolini, Ribbentrop, Ciano — Mas é também muito mais do que isso. Como esses homens personificam políticas diferentes e às vezes antagônicas, são mostrados aqui todos os problemas vitais da Europa.

Ninguém mais autorizado do que John Gunther para escrever um livro do porte deste. “O drama da Europa”, pois que ele, como correspondente na Europa durante vários anos, do “Chicago Daily News”, é um repórter consumado que conhece todas as capitais europeias como a palma da mão e que possui um tremendo “faro” jornalístico para descobrir segredos políticos e diplomáticos nos ambientes mais hostis e carregados.

“O drama da Europa” contém íntimos retratos de Hitler e de seus principais colaboradores: Goering, Ribbentrop e Goebbels, como também perfis de Churchill, Stalin, Pio XII e dezenas de outras personalidades eminentes do mundo europeu político e espiritual. A complexa política dos bálcanos é estudada amplamente, e a situação da Turquia merece uma análise particular. John Gunther trabalhou para o seu jornal em quase todas as nações da Europa e do Extremo Oriente, observando guerras, revoluções e tumultos, e conferenciando com dezenas e dezenas de estadistas do mais variado e estranho caráter. “O drama da Europa” é, assim, um livro vivo e real.

“A IMPORTÂNCIA DE VIVER”
— *Lin Yutang* — Edição da Livraria do Globo.

“A Importância de Viver”, de Lin Yutang, o eminente filósofo e pensador chinês, é um testemunho da sua própria experiência no campo do pensamento e na arte da vida. É uma fórmula de simplicidade deliciosa e de originalidade confortadora.

Lin Yutang estuda o ser humano na sua essência, como ele de fato o é, sem complicações, mas exaltado nos seus dotes. Mostra a vida como uma ciência que deve ser conhecida, para que se torne fácil e agradável o viver. Eleva a sabedoria humana ao mais alto grau. No entanto, comenta e combate com verve e com sabor

a inutilidade de certos costumes ocidentais — como o uso do chapéu e o apêto de mão, e mostra como são eles dispensáveis. Considera o meio termo, expressão vitoriosa do bom senso, a grande virtude humana. Acha que o homem de viver simples é aquele que possui maior felicidade. Aconselha o relaxamento de nervos, como também as horas de ócio, tão preconizadas no oriente. Mostra que os animais, os mais pequenos, trabalham, se alimentam, se precatam aos males possíveis, sem o auxílio alheio, sem as dificuldades criadas pelos homens e para os homens, que tanto dependem uns dos outros. Assim vivem as flores, irradiando beleza, e derramando perfume por entre o colorido encantador de suas pétalas multiformes, e a graça singela e imensa de seus recortes virentes.

Passagens plenas de vivacidade tratam das artes da conversação, de fumar, de viajar, de ler, de apreciar a natureza, com o impulso criador, e, acima de tudo, frisam a importância de todos os nossos hábitos cotidianos. O livro destila para o mundo ocidental a filosofia chinesa de três mil anos, na esperança de auxiliar os homens e mulheres que ainda não aprenderam, ao contrário dos chineses, que o significado da vida resume-se, apenas, no saber viver. E, nas palavras do autor, a vida consiste “em cortar o cabelo de duas semanas, regar um vaso de flores ou olhar um vizinho que leva um tombo”.

Lin Yutang diz que não é profundo nem lido. Se alguém é de masiado culto não sabe quando o bem é bem e quando o mal é mal. Não leu Locke nem Hume, não fez igualmente nenhum curso universitário. Tecnicamente, nem método possui, porque não costuma ler filosofia. O que leu se achava unicamente na vida.

Inspirado na natureza, nos velhos poetas chineses dos séculos passados e do presente, Lin Yutang vem a público com o seu “Importância de Viver” para nos oferecer, a seu ver, a maneira mais prática de conseguirmos a felicidade.

Poderia ser denominado o seu método de “uma filosofia lírica”, como ele mesmo a classificou. Porque é sentindo o gosto da terra, o seu contacto direto, e tendo como princípio o ensinamento da sua própria gente e a sua maneira pessoal de enfrentar os problemas cotidianos que Lin Yutang traça nas 400 páginas da sua obra uma nova filosofia da vida.

Extraordinariamente sereno e sedativo, “A Importância de Viver” é, em suma, um livro que deve ser lido com grande atenção e profundo recolhimento por todas as pessoas ávidas de um pouco de calma espiritual nestes dias atribulados em que vive e louca humanidade do século XX.

A tradução brasileira, feita diretamente do original em inglês e confiada a Mário Quintana, constitui um trabalho perfeito sob todos os pontos de vista.

Indice de Revistas

REVISTA DA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS

Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil — Rio de Janeiro — Ano. IV. — Novembro de 1940 — N.º 27. — Sumário: Minha Bandeira, por O de Holanda Cavalcanti — Construindo o direito na realização da justiça, por Cristino Castelo Branco — Evolução, por José de Mesquita — Poesia venezuelana — Poesia de Todos os tempos, por Cleomenes Campos — Poetas da natureza, por Celio Meira — Uma flor para os kázaros, por D. Aquino Correia — O elogio no fim de 1600, por Afonso Costa — Portugal, por Durval Borges — Anchieta, catequista e poeta por Paulo Bentes — Variações sobre o regionalismo, por Fócion Serpa — O espírito conservador das academias, por Carlos Maul — Entidades litero-culturais do Brasil, por Ari Martins — Água corrente água parada..., por Godofredo Viana — Cruz e Sousa, por Silveira Neto — Palmeiras mortas, por Tomé Guimarães — Da vida e obra

de patronos, por Artur França — De outro tempo, por Teotonio Freire — Meio dia na Roça, por Pathion de Villar — BIBLIOGRAFIA — VIDA ACADÊMICA — *Intercâmbio Panamaricano*.

REVISTA DA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS

Órgão de Federação das Academias de letras do Brasil N.º 28 — Sumário: Almeida Cousin, O tempo correu para trás — Alvimar Silva, Um poeta do Espírito Santo — Ari Martins, Entidades litero-culturais do Brasil — Costa Rego, Marquês de Pombal — Edite Mendes da Gama e Abreu, Enaltecendo os que se vão armar — Guterres Casses, Stradivarius — João Pinheiro, Primavera — Kosciusko Barbosa Leão, Um lenço — Mario Linhares, Canto da ausência — Martins de Oliveira (D), Poesia uruguaia — Silvio Julio, A cadeirinha — Sousa Doca, Caxias, maior e poeta — Valquiria Neves Salis Goulart, Assim seja! — Vitor Coelho de Almeida, Aula de física

— *Xavier Marques*, A musa da Soledade — Bibliografia — Intercâmbio Panamericano — Notas Biográficas — Sessões de FALB — Variedades — Vida acadêmica — Vida (Da) e da obra de patronos (Artur Mota).

BOLETIN DE HISTÓRIA E ANTIGÜEDADES

Organo de la Academia Colombiana de Historia — Republica de Colombia — Bogotá — Junio — Julio de 1940 — Numeros 308-309 — Volumen XXVII — Tabla — *Fundacion de Ocaña*, Luis Eduardo Páez Courvel — *El Archivo Sucre*, Enrique Naranjo Martinez — *Origenes de la Villa de Honda*, Enrique Otero D'Costa — *Archivo Santander* (Informe sobre la autenticidad de la correspondencia del Libertador con el General Santander), Moisés de la Rosa y Jorge Ricardo Vejarano — *Comunicado Sobre Los Extractos de Residencias Del Periodo Conquistador remitidos por El General Ernesto Restrepo Tira: do Con El Destino Al Boletins*, Enrique Otero D'Acosta — *Documentos Del Archivo de Indias*: Expedientes relativos a actuaciones revolucionarias del Precursor don Antonio Nariño (Continuación) — José Higino, *O bispo de Panama*, Héctor Conte Bermúdez — *Don Juan Rodríguez Freyle y "La Celestina"*, por Gabriel Giraldo Jaramillo — *Extracto de Actas*:

BOLETIN DE HISTORIA E ANTIGÜEDADES

Organo de la Academia Colombiana de Historia — Republica de Colombia — Bogotá — Agosto — Septiembre de 1940 — Numero 310-311 — Volumen XXVII — *Tabla-Festejos Patrios de 1940*. — *Documentos del Archivo de Indias — Apuntes para un Estudio sobre la Vida Sentimental de Santander* por Belisario Matos Hurtado — *El Liano de Miguel*, Momento estelar de la Independencia por Alberto Miramón — *Dos Monumentos en el Campo de Boyaca*, Nicolás García Samudio — *Noticia Historica de Boussingault* por Juan Crisóstomo García — *Documentos sobre el Virrey Solís* — *Francisco de Tordehumos* por Marcos Tulio Vargas — *Extracto de Actas*.

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDADES

Organo de la Academia Colombiana de Historia — Republica de Colombia — Bogotá — Octubre de 1940 — N.º 312 — Volumen XXVII — *Tabla: Fiesta de la Raza* — *La Patria de Cristobal Colon* — *Documentos del Archivo de Indias* — *El Conquistador Juan Diaz Jaramillo* por Alejandro Carranza. B — *El Cementerio Inglés de Bogotá* por Luis F. Reyes Llaña.

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDADES

Organo de la Academia Colombiana de Historia — Republica de Colombia — Bogotá — Noviembre

— Diciembre de 1940 — Nos. 313-314 — Volumen XXVII — *Tabla* — *Apuntes Acerca de la Vida de Juan Gomez Pascual* por Carlos Arbeldéz Urdaneta — *El General Santander, Legítimo Descendiente Del Fundador de Ocaña* por Jorge Pacheco Quintero — *Documentos Del Archivo de Indias — Agualongo, el Guerrillero Indomable*, por Alberto Miramón — *El Escudo de Colombia* por Heli Moreno Otero — *Extracto de Actas*.

UNIVERSIDAD CATOLICA BO- LIVARIANA

Publicación Bimestral — Medellín — Colombia — Octubre — Noviembre 1940 — Nro. 18 — Vol. VI — *Contenido: La Primera Etapa de la Antropología Americana (1839-1873)* por J. Imbeloni — *Perfil de la Literatura Boliviana* por Fernando Diez de Medina — *Interpretación de Leyes Claras* por Miguel Moreno Jaramillo — *La Nueva Celleria* por Pablo Antonio Cuadra — *Linguística Colombiana. Familia Chokó* por Sergio Elias Ortiz — *Tres Lecciones sobre Husserl, II* por Julio Henrique Blanco — *El Fundamento del Derecho Penal en el Inicio de los Estudios Filosóficos* — por José Agustín Martínez — *Arte indio Puertorriqueño* por Concha Melendez — *La Línea Católica en la Historia Argentina* por Adolfo Korn Villafane — *Bibliografía* — *Revistas de America* — *Notas* — *información Universitaria*.

REVISTA DO ARQUIVO MUNI- CIPAL

Publicação do Departamento de cultura. Órgão da Sociedade de Etnografia e Folclore e da Sociedade de Sociologia — São Paulo — Outubro de 1940 — Ano VI — Vol. LXXI — *Sumário: Técnica do Jogo Infantil Organizado* — Nicanor Miranda — *O Conceito do Tempo Entre os Índios do Brasil* — Herbert Baldus — *Os Folclores Regionais do País* — Dalmo Berforte de Mattos — *Nos sertões do Brasil* — Dr. Fritz Krause — *Linhas Gerais da Casa de Candomblé* — Edison Carneiro — *Algumas Igrejas da Cidade do Salvador* — A. Loureiro Souza — *Tieté e a Revolta da Armada* — Bendito Pires de Almeida — *Dicionário Bibliográfico de Apelidos Luso-Brasileiros* — S. Salvador de Moya — *Origem da Literatura Portuguesa* — Leonardo Pinto — *Conversa com um Japonês* — Rubem Braga — *Ordens Régias — Papéis Avulsos* — *Atas da Câmara de Santo Amaro* — *Noticiário* — *Publicações* — *Jurisprudência* — *Decretos* — *Decretos-Leis Municipais*.

REVISTA DO ARQUIVO MUNI- CIPAL

Publicação do Departamento de cultura — Órgão da Sociedade de Etnografia e Folclore e da Sociedade de Sociologia — São Paulo — Novembro—Dezembro de 1940 — Ano VI — Vol. LXXII — *Sumário: Machado d'Oliveira* — Alcân-

tara Machado — *O Impagável Marrocos* — Amador Florence — *Fernando de Noronha* — *História, Lendas e Possibilidades econômicas e estratégicas* — Lorena Guaraçaba — *Os Pereira de Barros de Taubaté* — Prof. Carlos M. Sodero — *Achegas à História do Sul Paulista* — Aluísio de Almeida — *Dicionário Bibliográfico de Apellidos Luso-Brasileiros* — T. U. V. W. X. Z. — Salvador Moya — *O Conceito de Ciência e a Sociologia* — Breno Ferraz — *Sobre o Aguardentismo Colonial* — Prof. A. de Almeida Junior — *Considerações em torno da Classificação dos Criminosos* — Dr. Silvio Marone — “*A Cantiga por o sem Ventura*” do Pe. José de Anchieta — M. L. de Paula Martins — *Nos Sertões do Brasil* — Dr. Fritz Krause — *Um esquema de Pesquisas Etnográficas sobre Alimentação* Tales de Azevedo — *Inscrição de Planos de Loteamentos de Terrenos no Registro de Imóveis* — Numa do Valle Gurgel — *Ordens Régias* — *Papéis Avulsos* — *Atas da Câmara de Santo Amaro* — *Noticiário* — *Publicações* — *Jurisprudência* — *Decretos* — *Decretos-Leis Municipais*.

THE GEOGRAPHICAL REVIEW

Published By — The American Geographical Society of New York — January 1941 — Contents For January — *The Nitrate District of Tarapacá, Chile: An Aerial Traverse* By John L. Rich. *Colorado Front Range Crest Clouds And*

Related Phenomena By Ronald L. Ives — *Migration And Economic Opportunity in the Pacific Northwest* By John B. Appleton — *The Eastern Out* — *Posts of the Magyars* By Erdmann Doane Beynon — *Chinese Place Names And the Appreciation of Geographic Realities* By J. E. Spencer — *Climatic Regions of Korea and their Economy*, By Shannon McCune — *A Conformal Map Projection for the Americas*, By O. M. Miller — *The Köppen Classification of Climates in North America*, By Edward A. Ackerman — *Settlements of the Northeastern Canadian Arctic*, By John Q. Adams — *Electricity Generation in London, England*, By Cahuncy D. Harris — *Latin-American Foreign Trade*, By Leonard S. Wilson — *American Geographical Society* — *Geographical Society* — *Geographical Record* (listed on the next page) — *Geographical Reviews* (listed on the next page) — *Correspondence*.

BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN

Republica Dominicana — Ciudad Trujillo — Año 3 — Volumen 3 — Numero 13 — Publicación Bimestral — 31 de Octubre de 1940 — *Sumário: Documentos Históricos* — *Colección Lugo* (continuación) — *História de la Deuda Pública Dominicana en la Primera República*, por Manuel A. Peña Batle — *Índice Gral. de los Libros Copiadores de Oficios de Relaciones*

Exteriores (continuación) Notas de Arqueologia, por el Ingeniero A. J. Scaroina — Correspondence du Consul de Saint Domingue Avec le Ministre des Affaires Etrangères de France.

BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN

Publicación Bimestral — Ciudad Trujillo — Agosto 1940 — Año III — Num. 12 — *Sumário: Documentos del Archivo Eclesiastico, por El Lic. Luis Rodrigues Guerra — Papeles de Santana, publicación y notas de Emilio Rodriguez Demorizi — Documentos Históricos — Colección Lugo (continuación) — Indice Gral. de los libros copiadores de oficios de Relaciones Exteriores Del Gral. Barquier — Correspondece du Consul de Saint Domingue avec le Ministre des Affaires Etrangères de France.*

SANTO ANTÔNIO

Revista dos Franciscanos no Brasil setentrional — Manuscrito impresso — Baía — 18-1-1940 — *Sumário — In memoriam Pii Papae XI — Pankratius Pütter — Volkssele und Volksseelsorge am Amazonas — Protasius Frikel — Wie Einmal Ein Minderbruder Beinahe zum Barmherzigen Samariter Wurde Franziskus Ewers — Unser neues seraphisches Kolleg in Ipauarana — Petrus Westermán — Die Katholische Arbeiter-*

bewegung in Brasilien — Hildebrande Kruthaup — "Santo Antônio" — Fidelis Ott — Elenchus Archivi Conventus Sancti Francisci Bahiani (ACFB) — Ein Revolutionar im Franziskanerhabit: Frei João da Conceição Loureiro — Augustin Tepe — Aus der Chronik der Einzelnen Häuser — Ipojuca — Óbidos — Santarém — Baía — Aus der Chronik der Provinz — Unsere Toten — Bruder Cölestin Plassmann — Publicações de Documentos Históricos — Escritos inéditos de Fr. Antônio de S. Maria Jabotão — Adriano Hipolito — O Caráter da Arquitectura Colonial no nordeste — Robert Smith Jr. — Conferências e Sermões sobre a Igreja como corpo Místico de Cristo — Fidelis Ott — A Igreja no Espelho dos Tempos — do Conceito Análogo do Corpo Místico de Cristo — Salatório e Cttara (Sermão da Paixão) Bernardo Kolbeck — Sermões de S. Exa. D. Frei Eduardo Herberhold, D. F. M. — Sermão do Coração de Jesus — Sermão do Coração de Jesus II — Sermão do Glorioso Patriarca São Francisco — Frei Raimundo Nonato da Madre de Deus Pontes.

SANTO ANTÔNIO

Revistas dos Franciscanos no Brasil setentrional — Manuscrito impresso — Baía — 18-2-1940 — *Liturgia und Liturgische Erneuerung — Walfrid Tepe wie Erhalten wir der Nordbrasilianischen Landbevölkerung Die Katholische*

Religion? — Benetius Ochmann — *Wie Einmal ein Minderbruder Kräftige Winke Mit dem Zaunpfahl Erhielt, Bei Reisen den Schutzensgel Nichtzu Vergessen* — Franziskus Evrs — *Anregungen zum werk der Geschiossenen Standeserzietien* — Stanislaw Clevon Ordensmann und Pfarrei — Philibert Gilles — *Fragmentos Históricos* (1585-1595) — Odulfo Van der Vat — *A "Chegança" do Morro de S. Paulo* — Protácio Friel — *Publicação de Documentos Históricos* — *Escritos Inéditos de Frei Antônio de S. Maria Jabotão* — Adriano Hipólito — *Cartas Inéditas Referentes à Questão Religiosa na Diocese de Olinda de 1872-1874* — Tadeu Gläser — *Aus der Chronik der Einzelnen Häuser* — Paraiba — *Kolleg* — Cairú — Ipojuca — Bahia — *Unser III. Orden* — Venantius Willeke — *Einge Sandte Bücher* — *Coleção de Conferências e Sermões* — *Jesús Cristo, Cabeça do Corpo Místico* — Fidelis Ott — *Maria Santissima, Co-Cabeça do Corpo Místico de Cristo* — Fidelis Ott — *Sermão para as Festas de Primeira Comunhão*. Dom Eduardo Herberhold — *Sermão do Ss. Sacramento (Esquema)* — Dom Eduardo Herberhold — *Sermão das Lágrimas da Ss. Virgem* — Raimundo Nonato da Madre de Deus Pontes — *Sermões sobre o Filho Pródigo* — Bernardo Lolbeck.

BOLETIM MUNICIPAL

Publicado pela Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Mu-

nicipal de Porto-Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil — Ano. II — Núm. 6 — Vol. 3 — Setembro a Dezembro de 1940 — Redator: Walter Spalding — *Sumário: o Sorriso da Cidade* — *Decreto-Lei e Decretos do Prefeito* — *Índice Geral de 1940.* — *Matéria do Arquivo e Colaborações:* Documentos vários — Dois inéditos de Bento Manuel Ribeiro — O Pôrto dos Casais e sua evolução. — O colonizador de Porto-Alegre — *Noticiário:* As festas do Bi-centenário — Notícias cronológicas de Setembro a Dezembro — Entrevista de Fernando Corona — Publicações recebidas — *Reportagens Fotográficas:* Comemorações do Bi-centenário — O pintor evocativo da cidade — índice geral do Volume III (1940).

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO SUL

Porto-Alegre — Outubro de 1940 — Volume III — N.º 2 — *Sumário:* Cidade de Porto-Alegre, N. B. — Os pardais, por João Maia — Coração, por M. Faria Corrêa — Ciência e Virtude, por Narciso Berlese — "Dr. Manuel Acauã", por Alcides Miler — Literatura Cristã Primitiva, por João Henrique — Écos de mis voces interiores, por Goyita Garcia de Fernández — Sociologia Ameríndia, por Jorge Bahlis — Por entre turbilhões, Alvaro Porto Alegre — Demônio Metrificado, por Alcides Miler — Coração de Poeta, por Marieta Me-

na Barreto Costa — Delfina Benigna da Cunha — Matilde de Almeida — Fatos da Academia.

NATURAL HISTORY

The Magazine of the American Museum of Natural History — November, 1940 — Volume XLVI — n.º 4 — *Bittersweet* — Cover Design — From a Kodachrome by Henry B. Kane — *Letters* — *Shoot the Clouds*, Charles H. Coles

— *Editorial* — Robert Cushman Murphy — *Resurrection of the Dawn-Horse* — George Gaylord Simpson — *Senôr Sparrow* — Frank M. Chapman — *Miracle on Wings* — J. Rodger Darling — *Across the Sahara to Kano* — Martin Brinbaum — *The Philippines* — *Garden of Rice* — Fenno Jacobs — *A Snake in the Hand* — Ross Allen — *Bonedigger in a Lost World* — D. R. Barton — *Information Test* — *Your New Books*.

Outras publicações

- "Diário Oficial" — S. Luiz —
Maranhão — janeiro e fevereiro
de 1941.
- "Ibero — Americanische Rundschou" — nos. 9 e 10 — Novembro e Dezembro de 1940 — Hamburgo.
- "Vida moral e econômica" — Out.º de 1940 — Editora Internacional Ltda. — Porto-Alegre.
- "Estandarte cristão" — periódico da Igreja Episcopal Brasileira — ano XLIX n.º 1.008 — Porto-Alegre.
- "Brasile" — Edição ilustrada do Escritório comercial do Brasil
- 27 Milão — Nos. 15 a 22 —
Agosto — Dezembro — 1940 —
Milão.
- "Foreign commerce weckly" — Órgão do Departament of commerce — Janeiro — Nos. 1 e 2 — do vol. 2.º — U. S. A.
- "Boletim del Instituto de Cultura Latino-americana de la Facultad de Filosofia y Letras" — Nov.º e Dez.º de 1940 — Buenos Ayres.
- "Onibus aliados". — Boletim Oficial de los accionistas de onibus aliados" — La Habana — Cuba.